**Edição Lisboa** • Ano XXXI • n.º 10.949 • 1,30€ • Quinta-feira, 16 de Abril de 2020 • **Director:** Manuel Carvalho **Adjuntos:** Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro **Directora de Arte:** Sónia Matos

P Público

15 DE ABRIL
2.000.000

2 DE ABRIL
1.013.157

1 DE FEVEREIRO
12.038

## Rio critica quem se aproveita politicamente da crise

Vice-presidente diz não abdicar de "um escrutínio democrático" p21

## PSI-20: maioria das empresas vai distribuir dividendos

Riscos para a actividade económica não alteram planos das cotadas p26/27

## Rubem Fonseca
## Morreu quem amava a língua portuguesa

Um dos mais importantes escritores brasileiros faleceu no Rio de Janeiro, aos 94 anos p30/31

# Covid-19
# Infectados sem vigilância obrigatória por telemóvel

Isolamento em Portugal caiu de 79% para 56% em dois dias • Estudo aponta falhas na vigilância dos profissionais de saúde • Gian Maria Milesi-Ferretti, do FMI: "O peso do turismo penaliza previsões para Portugal" • Trump estrangula a Organização Mundial de Saúde • A Análise de Jorge Almeida Fernandes

**Destaque, 2 a 15 e Editorial • Acompanhe em publico.pt/coronavirus**

ISSN-0872-1548

# Costa e Marcelo afastam geolocalização obrigatória

Medida será inconstitucional, a não ser que seja voluntária. Presidente e primeiro-ministro alinhados na necessidade de começar a abrir economia gradualmente

Leonete Botelho e Maria Lopes

Localizar doentes de covid-19 por telemóvel como medida de rastreio obrigatória, tal como tem sido feito em países como a China, Singapura ou a Coreia do Sul, pode ser muito eficaz, mas será inconstitucional em Portugal. A ideia foi deixada no final da reunião técnica entre especialistas e políticos, que decorreu ontem no Infarmed, pelo primeiro-ministro e Presidente da República, que lembraram como o Tribunal Constitucional já por duas vezes "chumbou" a utilização dos metadados de telecomunicações pelas secretas para prevenir actos de terrorismo.

De acordo com relatos feitos ao PÚBLICO, a questão foi levantada na plateia e do lado dos epidemiologistas sublinhou-se que, para haver levantamento de restrições sem correr o risco de uma segunda vaga de infecção, terá que haver monitorização apertada e sistemas de vigilância que permitam perceber as cadeias de transmissão que possam ocorrer. Ou seja, ao saber-se que alguém está infectado, perceber onde e com quem esteve, tal como se fez nas primeiras duas semanas de epidemia em Portugal com base em inquéritos aos infectados, e que permitia fazer claramente o desenho da cadeia de infecção – e que deixou de ser possível quando a infecção passou ao patamar de comunitária.

Os especialistas consideraram que georreferenciação de infectados como tem sido feita noutros países é eficaz, mas nas intervenções finais, António Costa e Marcelo Rebelo de Sousa afastaram o cenário. O primeiro-ministro deixou claro que tinha muitas dúvidas sobre a constitucionalidade do "*contact tracing*", na expressão inglesa, considerando que a medida não passaria no Tribunal Constitucional (TC). E o Presidente da República concordou, defendendo que qualquer medida deste tipo teria de ter um parecer prévio do TC e da provedora de Justiça, e que teria sempre de ser pensada de forma a garantir a privacidade dos cidadãos.

Em causa estariam outras formas de utilização de dados das operadoras de telecomunicações que, de forma anónima e agregada, permitem perceber o comportamento das populações de determinada região. Numa das anteriores reuniões do Infarmed foi revelado um estudo feito com dados agregados que revelou que, no primeiro fim-de-semana do estado de emergência em Portugal, houve uma intensa movimentação de pessoas que estiveram pessoalmente com outras por mais de 15 minutos (verificada a proximidade dos respectivos telemóveis).

"A georreferenciação não é um papão, até chegar à intromissão na privacidade há uma larga margem de utilização desses dados que é muito útil quando feita numa base autónoma", afirmou um dos presentes na reunião do Infarmed.

## Os avisos dos partidos

Mas não foi assim que o deputado único da Iniciativa Liberal, assim como outros dois dirigentes políticos ouvidos pelo PÚBLICO, entenderam as palavras de Marcelo Rebelo de Sousa como admitindo um novo estado de emergência para permitir a georreferenciação obrigatória de infectados.

"Assusta-nos o senhor Presidente da República já nos estar a avisar que um próximo estado de emergência poderá ter que ser mantido para permitir determinado tipo de sistemas de rastreio e vigilância", disse João Cotrim Figueiredo aos jornalistas no final da reunião, recusando a ideia de "trocar liberdades individuais por sistemas de vigilância para os quais há alternativas que não ferem a privacidade e a liberdade das pessoas".

O deputado único do Chega também falou nessa possibilidade, considerando que "o uso de tecnologia pode ser especialmente importante" para combater a propagação da pandemia, mas recomendando que a provedora de Justiça "entre no debate". E Francisco Rodrigues dos Santos, líder do CDS-PP, também defendeu o "desenvolvimento de aplicações digitais" para rastrear infectados, desde que "garantindo a privacidade".

À esquerda, tanto o PCP como o Bloco de Esquerda (BE) revelaram preocupações com a garantia dos direitos fundamentais, mas sem se referirem à georreferenciação de doentes. "Rejeitamos qualquer medida de controlo que ponha em causa os direitos fundamentais dos portugueses", afirmou o dirigente comunista Jorge Pires.

E Catarina Martins, líder do BE, defendeu que "o país tem que estar preparado para aliviar as medidas e deixar de ter estado de emergência e saber viver com outras medidas enquanto for necessário por razões de saúde pública, mas sem suspensão dos direitos constitucionais".

## Conviver com o vírus

Na quarta sessão técnica com especialistas e políticos no Infarmed, o debate foi, finalmente, sobre as formas possíveis de começar a levantar algumas restrições e a abrir a economia sem que isso represente uma segunda vaga de covid-19, como aconteceu noutros países. Especialistas falaram, por exemplo, do caso de Singapura e da Coreia do Sul, onde tal já se verificou, e foram unânimes na indicação de que o levantamento de restrições representará sempre uma subida dos números.

MÁRIO CRUZ/LUSA

Mas também os políticos são unânimes quanto à necessidade de se começar a retomar a actividade económica, ainda que de forma gradual.

"Se Abril correr bem, permitirá olhar para Maio como um mês diferente, já de transição progressiva, olhando para os vários sectores áreas e realidades que são diferentes entre si", disse o Presidente da República à saída. Ou, por outras palavras, "os portugueses vão começar a habituar-se à ideia de conviver com o vírus", numa "retoma progressiva da vida social e económica" que continuará a ser, no entanto, "incompatível com fenómenos de massas", sublinhou Marcelo.

Em sintonia, o primeiro-ministro acrescentou que o momento em que se pode começar essa transição será aquele em que se considerar que o aumento inevitável do risco de contaminação será "gerível e controlável". Esse momento, afirmou, será indicado pelos especialistas tendo em conta o RO, ou seja, a taxa de contaminação por pessoa infectada – que neste momento já está abaixo de 1, como é desejável, mas ainda insuficiente.

"Temos de conseguir conduzir esta pandemia àquele nível em que consigamos conviver socialmente com o coronavírus de uma forma aceitável, em que sabemos que o risco de contágio existe mas é possível controlar esse risco de contágio e as suas consequências", disse António Costa aos jornalistas.

Todos os partidos foram (quase) unânimes na necessidade de começar a haver um levantamento da quarentena "o mais depressa possível mas sem dar um passo em falso" em relação ao aumento exponencial da infecção, como pediu Baptista Leite, deputado do PSD. Quase, porque Cotrim Figueiredo acabou por atacar esse mesmo "unanimismo artificial" que, na sua opinião, apenas é "um favor que estão a fazer à pandemia". O deputado da Iniciativa Liberal não tem confiança nos dados revelados, critica a ausência de um plano de testes e de outro para fazer a vigilância e rastreio dos infectados. Mas sem telemóveis.

lbotelho@publico.pt
maria.lopes@publico.pt

**Se Abril correr bem — e está a correr, vai correr —, isso permite que Maio comece a ser progressivamente diferente**

**Marcelo Rebelo de Sousa**
Presidente da República

## Menos deputados na sessão do 25 Abril

A sessão solene do 25 de Abril vai manter-se na Assembleia da República (AR), mas apenas com um terço dos deputados e com convidados nas galerias, segundo a decisão tomada ontem por "maioria" da conferência de líderes.

Referindo que existiram "contactos" entre o presidente da AR e o Presidente da República sobre as comemorações da Revolução, a secretária da mesa, Maria da Luz Rosinha, informou que a cerimónia terá "alguns convidados" mas estarão nas galerias e não no espaço do hemiciclo à frente dos deputados como é habitual.

Na sala das sessões mantém-se o discurso do Presidente da República, do presidente da AR assim como as intervenções dos deputados, mas não haverá cerimónias militares junto ao edifício, apurou o PÚBLICO. Questionada sobre que convidados poderão estar presentes, a secretária da mesa remeteu essa informação para os serviços que vão organizar a sessão.

Já sobre se a decisão foi por consenso, Rosinha referiu que existiu uma "maioria clara" para assinalar o 25 de Abril. O CDS e os deputados únicos do Chega e da Iniciativa Liberal defendiam outro modelo de comemorações da revolução.

Na sessão plenária de hoje será debatido o relatório sobre o primeiro período do estado de emergência, a renovação do estado de emergência por mais 15 dias e dois diplomas do Governo: uma proposta de lei que estabelece um regime excepcional e temporário do processo orçamental e outra sobre formalidades da citação e notificação postal.

Só no plenário de dia 22, haverá debate quinzenal com o primeiro-ministro. **S.R.**

# 7800 voluntários aceitaram convite do Estado-Maior

**Nuno Ribeiro**

O convite lançado em 20 de Março pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) à denominada família militar, portugueses filhos ou familiares de militares ou cidadãos que se revêem na instituição militar teve, até ao princípio desta semana, a adesão de 7800 voluntários.

Os dados facultados pelo EMGFA a questões do PÚBLICO, permitem conhecer as valências e capacidades técnicas deste voluntariado convocado para apoiar o SNS e a instituição militar no combate à pandemia.

Dos 7800 voluntários, 33 são médicos, 95 farmacêuticos, 217 são profissionais de enfermagem, 266 têm formação em Psicologia e 491 são técnicos auxiliares de acção médica. O grosso da lista, 6635 voluntários, aparece classificado como outros, pelo que se desconhecem as suas valências específicas.

O esclarecimento da entidade liderada pelo almirante Silva Ribeiro, Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, descreve algumas das funções que podem vir a desempenhar: serviços de apoio hospitalar, das lavandarias à alimentação, da ajuda à segurança ao secretariado, passando pela higienização. É admitido, também, o futuro contacto com alguns dos voluntários para acções específicas em relações públicas ou gestão de recursos humanos.

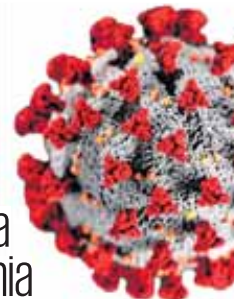
A origem geográfica dos voluntários, além das cidades de Lisboa (1881), Porto (1875) e Braga (755) traduz a influência da história das Forças Armadas em várias localidades do país. É o caso de Monte Real, Beja, Montijo e Sintra, onde existem bases aéreas e uma comunidade militar. O mesmo ocorre com os voluntários oriundos de Alcochete, Torres Vedras, Alenquer e Caldas da Rainha, neste caso com uma tradição relacionada com o Exército. Por fim, da Região Autónoma dos Açores, vêm 82 adesões de Ponta Delgada e outras 33 de Angra do Heroísmo.

Os dados divulgados são omissos quanto à classificação por género. Recorda-se que o presidente do Sporting Clube de Portugal, Frederico Varandas, antigo médico militar, e o líder do CDS-PP, Francisco Rodrigues dos Santos, antigo aluno do colégio Militar e filho de um ex-oficial das Forças Armadas, divulgaram a sua adesão ao estatuto de voluntários.

nribeiro@publico.pt

DANIEL ROCHA

**Silva Ribeiro convidou voluntários para ajudar família militar**

CORONAVÍRUS

**Quarentena compulsiva**
Os sem-abrigo do concelho de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, estão a ser testados para a covid-19 e os casos negativos deverão fazer uma quarentena de forma compulsiva. Isto, depois de ter sido identificado um indivíduo dessa população que teve um teste positivo.

# Isolamento em Portugal caiu de 79% para 56% em dois dias, mostra aplicação em telemóvel

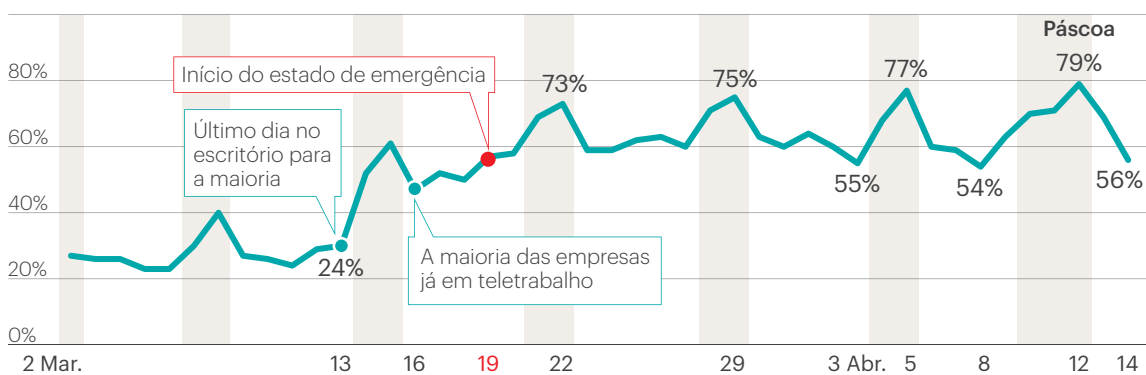
Estudo acompanha 3670 pessoas através de uma aplicação de telemóvel que mostra, dia a dia, a percentagem de portugueses que “fica em casa”. Depois da Páscoa, vê-se que há já mais gente a sair à rua

Andrea Cunha Freitas

Entre os diferentes dados recolhidos pela empresa PSE (especializada em ciência de dados) há um gráfico que se destaca: é aquele que mostra a percentagem de portugueses que ficou em casa desde 1 de Março até ao dia de anteontem (incluído). O domingo de Páscoa registou a mais alta percentagem de isolamento (79%) em Portugal, mas nos últimos dois dias as pessoas começaram a sair de casa e o nível de isolamento caiu para 56%, um dos mais baixos valores desde a primeira declaração de estado de emergência. No “índice de risco de mobilidade” que abrange 45 municípios, Ílhavo aparece com o pior resultado e Ovar tem o melhor desempenho, com a mudança mais drástica nos hábitos. Estes são alguns dos resultados de um projecto sobre mobilidade que a pandemia da covid-19 transformou num estudo sobre a imobilidade.

“Os nossos dados provam que as pessoas estão a cumprir o isolamento e permitem concluir também que o abrandamento da progressão da epidemia é o resultado do trabalho de todos os portugueses. Temos aqui a prova disso”, sublinha Nuno Santos, que coordena o projecto da PSE. O responsável pela análise dos dados explica que este estudo de mobilidade começou no início de 2019, ainda antes de qualquer suspeita, e servia para apoiar empresas e entidades públicas de diversas áreas com dados sobre o movimento das pessoas. No plano não estava previsto que o projecto, afinal, ia transformar-se num “estudo de imobilidade”, como refere Nuno Santos ao PÚBLICO.

A recolha de dados é feita a partir de uma aplicação em *smartphones* (com recolha de dados contínua através de monitorização de localização e meios de deslocação via aplicação móvel) e abrange 3670 pessoas com mais de 15 anos das regiões do Grande Porto, Grande Lisboa, Litoral Norte, Litoral Centro e distrito de Faro. Os responsáveis da empresa garantem que a amostra é representativa da sociedade portuguesa, ainda que sublinhem que uma das limitações do estudo é o facto de não incluir as regiões do interior e do Alentejo. Nuno Santos salienta ainda que estão salvaguardadas todas as regras de protecção de dados e respeito pela privacidade. A participação neste projecto acontece apenas com uma “autorização expressa e explícita” dos envolvidos que descarregam esta aplicação e com a “garantia de um total anonimato” dos dados. A margem de erro do estudo é de 1,62% para um intervalo de confiança de 95%.

Nível de isolamento em casa

No domingo de Páscoa 79% das pessoas ficaram em casa e apenas 21% saíram à rua

Fonte: PSE, Painel de Mobilidade

PÚBLICO

PAULO PIMENTA

**Recolha de dados é feita a partir de uma aplicação em *smartphones***

## Quem cumpre mais e menos?

Sobre os concelhos mais e menos cumpridores, o estudo mostra um gráfico do índice de risco de mobilidade em 45 municípios (que representam 57% da população portuguesa e 65% dos casos reportados de infecção por covid-19). Ílhavo regista o índice máximo de risco e Ovar tem o melhor desempenho, por causa da cerca sanitária que isola este município desde 17 de Março. No fundo, resume Nuno Santos, neste índice de risco “estamos ver quem alterou o nível de permanência em casa” face à média registada no período “normal”, ou seja, antes da covid-19.

O analista faz, no entanto, questão de alertar que estes são cálculos complexos, que mostram um antes e um depois (da declaração de estado de emergência) e que é preciso ter cuidado com conclusões precipitadas. “Nos diferentes municípios portugueses existem diferentes realidades de mobilidade em períodos normais. Tudo depende da realidade de cada concelho, do seu tecido produtivo, da densidade populacional, da estrutura etária dos residentes, das ligações de transporte e até de factores importados, como seja imigrantes ou viajantes.” E confirma: “Ovar foi a zona que mais alterou o seu comportamento face à normalidade, no sentido do confinamento em casa.”

Independentemente de possíveis *rankings* com interpretações mais ou menos flexíveis, o gráfico da “imobilidade” dos portugueses desde 1 de Março parece bastante claro. É possível ver a marca da sexta-feira, dia 13, antes da declaração do estado de emergência, quando os portugueses foram para casa. Assim como se pode constatar que no dia 8 (a quinta-feira que antecedeu o fim-de-semana da Páscoa) havia mais pessoas na rua. “Talvez por necessidade de se abastecerem para ficar em casa a seguir”, interpreta Nuno Santos.

No mesmo gráfico vemos também os naturais “picos” de isolamento ao fim-de-semana. Nuno Santos refere que o nível de isolamento ronda em média os 20% em circunstâncias normais, podendo duplicar ao fim-de-semana. Ou seja, a mobilidade nos dias úteis num ano típico está na ordem dos 80%. Agora, quase que podíamos inverter estes resultados.

No gráfico não aparece, mas a empresa também tem dados sobre a Páscoa de 2019 que podem ser confrontados com a atípica Páscoa de 2020. Assim, se, no passado domingo, 79% das pessoas ficaram em casa, a 21 de Abril de 2019 apenas encontrávamos 36% dos portugueses sem sair de casa. Tão importante como olhar para trás será esperar para ver se os portugueses vão continuar nos próximos tempos a cumprir o isolamento ainda em vigor.

acfreitas@publico.pt

**INEM: chamadas a cair**
O secretário de Estado da Saúde, António Sales, apelou a que os doentes não deixem de recorrer ao SNS e ao INEM. "Antes da pandemia, o Centro de Orientação de Doentes recebia em média 3800 chamadas diárias, hoje recebe menos 500 chamadas por dia", alertou.

**Situação em Portugal**
Em 15 Abril às 13h00

Casos confirmados **18.091** Novos casos **643**

Fonte: DGS

**Mães em hotéis**
As mães de bebés internados na neonatologia do Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho (CHVNG/E) vão poder ficar numa unidade hoteleira próxima do hospital e desta forma não terão de percorrer muitos quilómetros, evitando contactos e riscos de contágio.

# Bruxelas sem solução comum para fim do confinamento

**Rita Siza, Bruxelas**

Com uma semana de atraso, e com muitas cautelas, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, avançou com as suas recomendações para um levantamento progressivo do regime de confinamento imposto por quase todos os países da UE para combater a pandemia de coronavírus, sublinhando que qualquer acção nesse sentido terá como "pré-condição" uma avaliação da "intensidade" da propagação do coronavírus e da capacidade dos sistemas de saúde dos 27 Estados-membros para testar e vigiar a sua população.

"Escolher o melhor momento para levantar as restrições, gradualmente, é uma tarefa muito difícil. Não existe uma solução comum, mas várias, à medida de cada país", admitiu Von der Leyen, que apelou à coordenação e consolidação dos esforços para a "desescalada" das medidas de contenção ao nível europeu. A ideia da Comissão, com o lançamento de um roteiro para uma estratégia comum para a saída do regime de confinamento e o abrandamento das medidas excepcionais que paralisaram a economia, era boa: traçar um caminho comum e precaver a descoordenação e a multiplicação de acções unilaterais que, no início da crise, se revelaram desconformes, confusas e até contraproducentes.

Mas como tem vindo a acontecer desde que o vírus entrou em território europeu, a Comissão foi ultrapassada pelos governos nacionais – que num primeiro tempo reclamaram contra os riscos de se passar precocemente uma mensagem de alívio das restrições e num segundo tempo se anteciparam à comunicação de Bruxelas, "atropelando-se" para avançar as suas próprias receitas e calendários para a saída do confinamento.

"Quero deixar muito claro que esta comunicação não deve ser entendida como um sinal de que as medidas de contenção podem ser levantadas já imediatamente. Esse não é o caso", vincou Ursula, insistindo que o roteiro proposto pela Comissão (a pedido dos Estados-membros) oferece uma orientação e "enquadramento geral" para a tomada de decisões pelas autoridades nacionais. "A redução dos controlos impostos não pode acontecer de uma vez, terá de ser passo a passo", disse.

O documento tem na base as três pré-condições de avaliação da evolução epidemiológica, capacidade instalada do sistema de saúde e vigilância da população, e refere ainda três princípios para as decisões dos Estados-membros: que sejam sustentadas em dados científicos e considerações socioeconómicas, na coordenação entre países vizinhos e no respeito e solidariedade entre os membros da UE. Além disso, são feitas oito recomendações e referidas sete medidas de acompanhamento.

A presidente da Comissão evitou comentar as medidas que foram anunciadas por alguns Estados-membros, insistindo na sua mensagem de "coordenação", "respeito" e "solidariedade" nas diversas acções, que, como repetiu, devem ser antecipadamente comunicadas a todos os parceiros.

rsiza@publico.pt

**Ursula von der Leyen**

# *Recuperar a vida, em segurança*

**Opinião**
**Jaime C. Branco e Adalberto Campos Fernandes**

O país vive dividido entre a vontade de resistir à ameaça da doença desconhecida e o medo, cada vez maior, de um futuro dominado pela incerteza. A cada dia que passa fazemos o balanço na conta-corrente com o tempo das nossas vidas subitamente interrompido sem aviso.

Aproxima-se o momento das decisões mais difíceis. Terá sido, sem dúvida, menos complexo o processo de confinar e de restringir do que será a decisão de devolver o país, ainda que de forma gradual, ao seu ritmo e rotinas de normalidade. Muitas serão as questões que se vão colocar quando chegar esse ansiado momento. Temos de garantir, no entanto, que os resultados alcançados até aqui não são comprometidos pondo em causa a nossa estratégia de defesa coletiva.

Temos de regressar às nossas vidas, não podemos deixar de o fazer. Seguramente de maneira diferente, com novos modelos de organização do trabalho, do ensino, e até mesmo num modo distinto de nos relacionarmos socialmente.

Nesta fase, importa desenhar o melhor plano possível protegendo todos com critério, mas atribuindo prioridade absoluta aos idosos e aos grupos mais vulneráveis.

O sucesso na proteção da população mais idosa e dos profissionais que deles cuidam será condição necessária para assegurarmos, nos próximos meses, a minimização dos impactos de uma provável segunda vaga da covid-19. Para além dos planos e procedimentos setoriais e institucionais, das medidas de proteção individual e comunitária, o foco principal tem de estar, obsessivamente, concentrado na população mais idosa.

Os idosos, sobretudo os mais frágeis e institucionalizados, deverão manter os cuidados de proteção individual e institucional até que os riscos de transmissão da doença estejam controlados ou que exista algum tratamento eficaz, ou vacina específica.

O prolongamento e, nalguns casos, o aprofundamento das medidas de proteção deste grupo populacional representam uma condição socialmente exigível tanto no plano clínico, social e humano como, inclusivamente, na dimensão ética do problema.

Neste contexto, não podemos, contudo, ignorar o sofrimento adicional que representa para estas pessoas o prolongamento do distanciamento social e familiar com as inevitáveis consequências físicas e mentais associadas. A coexistência de múltiplas morbilidades, de elevados graus de dependência e de baixo nível de enquadramento social e afetivo tenderão a ser agravados.

A vulnerabilidade dos idosos, nesta como em outras emergências, resulta quer da redução das suas diversas capacidades funcionais, quer da profunda alteração das condições ambientais e disrupção de acessos vários (alimentos, medicamentos, cuidados de higiene) com que contavam no dia a dia. Apesar da ampla oferta de cuidados assistenciais à distância, a cessação da generalidade das consultas médicas presenciais, quer hospitalares, quer nos cuidados de saúde primários, aliada aos receios e desconfianças sobre o recurso aos serviços de urgência sinaliza uma preocupação. A complexidade de patologias e do risco, consequente, de necessidades de saúde não satisfeitas requer uma particular atenção no curto prazo.

Esta realidade exige o delineamento de um plano integrado e duradouro de proteção dos nossos idosos, bem como dos diferentes grupos vulneráveis.

Nesta nova fase será necessário, mais do que nunca, juntar, unir, cooperar entre todos. A mobilização dos recursos públicos, do setor social e cooperativo, das IPSS, da comunicação social, das forças de segurança e dos bombeiros, das autarquias e das instituições religiosas.

O envolvimento de todos num plano de proteção à população mais idosa e aos grupos vulneráveis representa um ato de justiça e de solidariedade que defende o conjunto da sociedade. Esta abordagem será decisiva no processo gradual de recuperação da atividade económica e da atenuação dos riscos de rotura social e de crise sistémica.

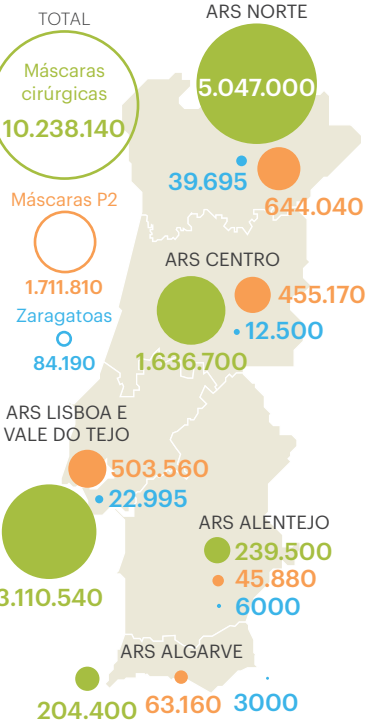
A realização de testes ou a utilização de máscaras de proteção são muito importantes no controlo da propagação da infeção. No entanto, estas medidas representam apenas uma pequena parte do caminho para o sucesso coletivo na luta contra a covid-19. A maior parte será devido ao contributo que cada um de nós for capaz de dar por si próprio. Este é o momento de pensar nos outros, naqueles que dependem de nós, pela vulnerabilidade da sua condição de saúde. Também porque este grupo populacional estará na primeira linha dos efeitos nefastos de uma inevitável crise económica que, como sempre, afetará injustamente os mais frágeis.

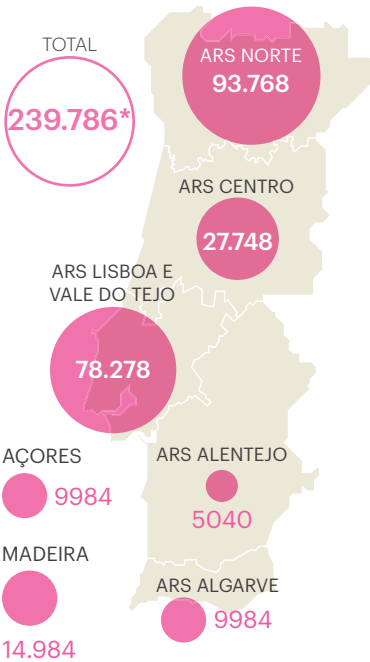
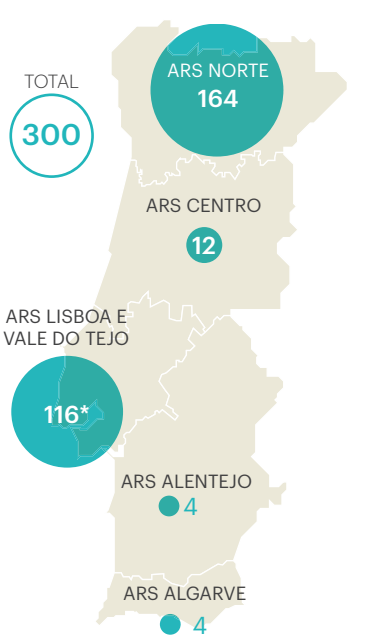
No início de março iniciámos um caminho que se antevê muito longo e exigente. A mudança nos nossos hábitos, atitudes e comportamentos tem de prosseguir, com empenho reforçado, para que consigamos, todos juntos, recuperar as nossas vidas, em segurança.

**Jaime C. Branco, médico reumatologista, NOVA Medical School, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa; Adalberto Campos Fernandes, médico de saúde pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Nova de Lisboa**

## Internados e distribuição de equipamentos por região

**Internados por regiões do país**
Dados relativos à informação disponível no boletim da DGS publicado no dia 14 de Abril

**Equipamento de protecção individual**

**Testes diagnóstico de covid-19**
Distribuição iniciada a 20 de Março

**Novos ventiladores**

*neste número não estão incluídos os testes adquiridos pelos próprios hospitais/laboratórios do SNS

* destes ventiladores 78 foram entregues na Área Metropolitana de Lisboa por vontade da doadora. E há mais três ventiladores da Câmara Municipal de Cascais

Fonte: ACSS/ INSA/ Infarmed

PÚBLICO

# Mais de metade dos internados em intensivos estão no Norte

**Ministério publicou dados sobre testes e ventiladores. Ordem dos Médicos questiona distribuição na zona Centro**

Ana Maia

Foi a região Norte que registou os primeiros casos de infecção de covid-19, é aquela que tem mais casos positivos, mais mortes registadas até ao momento e também a que tem mais doentes internados em cuidados intensivos. De acordo com dados do Ministério da Saúde, enviados ao PÚBLICO, dos 218 doentes que estavam, até ao final do dia 13, internados em cuidados intensivos, 58,8% estavam em hospitais do Norte. A região de Lisboa e Vale do Tejo era a segunda com mais casos internados em cuidados intensivos (31%), seguida do Centro (5,8%), do Algarve (3,5%) e do Alentejo (0,9%).

O boletim da Direcção-Geral da Saúde (DGS) daquele dia dava conta que estavam, além das 218 pessoas internadas em cuidados intensivos, outros 1227 doentes internados nos hospitais. Também sobre este total, a maior percentagem estava em hospitais do Norte do país: 67,3%. Seguia-se a região de Lisboa e Vale do Tejo com 19,8% dos internados e a região Centro atrás com 10,3%. O Alentejo tinha 1,4% destes internamentos e o Algarve 1,2%.

Segundo os dados do boletim da DGS publicado ontem, o número de internados e de internados em unidades de cuidados intensivos desceu em relação ao dia anterior – menos 27 para um total de 1200 internados e menos dez para um total de 208 em UCI.

Ricardo Mexia, presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública, referiu que os casos de internamento, seja em enfermaria ou em cuidados intensivos, "não parecem estar muito elevados" e "reflectem a distribuição de casos positivos no país". Sem informação de que tenha havido necessidade de transferência de doentes a precisar de cuidados intensivos entre regiões, disse que lhe parece que "a distribuição do material está a ser feita em função da procura".

Quanto aos casos positivos no país, "não houve um aumento exponencial e isso é positivo, mas ainda não estamos claramente a descer", alertou. "Há uma estabilização", referindo que será importante acompanhar o impacto que a Páscoa poderá ter tido. "Pode ter havido menos notificação de casos e maior mobilidade."

O Governo partilhou mapas da distribuição que fez, até ao dia 11, do material que chegou ao país: testes, equipamentos de protecção individual e ventiladores. A maioria adquirido centralmente pelo Ministério da Saúde, que explicou ao PÚBLICO que a "identificação das necessidades pelas entidades e a capacidade de expansão das camas em cuidados intensivos são os critérios que estão na base da distribuição". Questionado sobre a região Centro, que tem o terceiro maior número de casos positivos e o segundo maior número de mortes (valor absoluto) por covid-19, e recebeu 12 ventiladores, assegurou que a distribuição foi feita "de acordo com as necessidades identificadas".

Em resposta por escrito, disse que tem procurado "satisfazer todas as necessidades de máscaras identificadas" e que os testes "são distribuídos tendo em conta as necessidades identificadas em cada momento". Sobre a distribuição de testes às regiões autónomas, explicou que foi decidida uma remessa com maiores quantidades, pois o transporte de reagentes obriga a condições especiais. "Em qualquer outra região de Portugal Continental, o transporte por via terrestre é sempre mais facilitado."

Ontem o secretário de Estado da Saúde António Lacerda Sales afirmou que Portugal tem um milhão e 35 mil testes em *stock* e que "foram distribuídos esta semana mais 265 mil testes pelas cinco administrações regionais de saúde e as duas regiões autónomas". O Norte recebeu 45% dos *kits* e Lisboa e Vale do Tejo cerca de 30%.

### Queixas no Centro

Carlos Cortes, presidente da Secção Regional Centro da Ordem dos Médicos, considera que a região não tem merecido a devida atenção. "É irrisório o que tem sido distribuí-

MANUEL ROBERTO

**Dos 218 doentes em cuidados intensivos, 128 estavam em hospitais da zona Norte**

do no Centro. Não estou a dizer que os ventiladores são insuficientes, o que digo é que estão a chegar menos do que deviam e do que as necessidades", disse, pensando numa eventual segunda vaga da pandemia, recordando que já aconteceu existirem doentes transferidos entre hospitais.

Lamentou igualmente que tenham chegado poucos testes àquela região e que a falta de reagentes também tenha limitado o número de pessoas testadas até agora. O que faria descer a taxa de letalidade, já que o número de casos positivos provavelmente aumentaria. Por essa razão, olhou para a mortalidade tendo em conta a população residente no Centro. "Não está mal. O que se deveria tentar perceber é o que está acontecer em Lisboa e Vale do Tejo que tem levado a que morram menos pessoas."

O bastonário dos Médicos também admitiu que "a região Centro pudesse ter mais alguns ventiladores", embora lhe pareça que a distribuição está de acordo com a realidade do país. "Parece-me acertado que as regiões com mais infectados, que terão mais internados, tenham tido um reforço", disse, defendendo que toda a informação sobre a disponibilidade dos vários materiais e equipamentos deve estar numa plataforma.

Miguel Guimarães não tem dúvidas de que se "as coisas estão a correr bem, é por causa da pressão da sociedade civil". Salientou os movimentos solidários criados para a aquisição de material para ajudar os profissionais de saúde, e não só, e defendeu o uso de máscaras que para os profissionais é crítico. "Defendemos que devem existir encomendas fortes, porque as máscaras protegem-nos. Podem parecer muitas máscaras, mas devidamente usadas dez milhões de máscaras cirúrgicas dão para cerca de 15 dias", exemplificou.

### "Racionamento continua"

A bastonária da Ordem dos Enfermeiros também afirmou que se devidamente usados "o seu gasto é uma brutalidade". E por isso foi taxativa: "Os equipamentos têm de chegar todas as semanas." Apesar "da percepção que a chegada de material está mais bem calendarizada", Ana Rita Cavaco considerou que "continua a "haver racionamento de material" e afirmou que nem todos os profissionais estão a ser testados.

Quanto aos ventiladores, afirma: "Não estou preocupada com o número de aparelhos, mas com o número de profissionais para mexer neles." Esta é a uma área que exige formação específica. A Ordem pediu aos enfermeiros com formação que se mobilizassem: "A primeira bolsa tinha 400 nomes e esta cerca de 300."

# Estudo aponta falhas na vigilância dos profissionais de saúde

**Ana Maia**

**Apenas um quarto dos suspeitos fizeram análise em 24 horas e 60% não foram sujeitos a uma vigilância activa**

São alguns resultados do último estudo do *Barómetro Covid-19*, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), dedicado aos profissionais de saúde: 60% dos casos suspeitos de infecção não foram submetidos a vigilância activa e entre os profissionais testados apenas um quarto realizou análise nas primeiras 24 horas após a primeira suspeita. Foram reportados grandes níveis de ansiedade e ausência de apoio dos serviços de saúde ocupacional.

O questionário, dirigido a profissionais de saúde, recolheu 4212 respostas entre os dias 2 e 10. Dos inquiridos, 36,7% trabalham em áreas dedicadas ao tratamento de doentes de covid-19 ou suspeitos de a terem contraído – nos cuidados primários (39,1%), urgências (31,8%), enfermarias (21,7%) e cuidados intensivos (12,6%) – e 19,5% em outros locais.

De acordo com os resultados, foram detectados 13,6% de casos suspeitos de infecção, sendo a maioria enfermeiros (35,1%) e médicos (18,9%). Mas "apenas 38,6% foram submetidos a vigilância activa por parte das entidades responsáveis", fossem elas a saúde ocupacional ou as autoridades de saúde. O inquérito da ENSP revela que entre os profissionais que trabalham em áreas de covid-19, "somente 40% foram vigiados de forma activa" e 34,1% não realizaram automonitorização diária dos sintomas, apesar das indicações da Direcção-Geral da Saúde (DGS).

Quanto aos profissionais testados (73,3%), "apenas um quarto realizou o teste nas primeiras 24 horas, tendo quase 30% realizado o teste mais de 72 horas após a suspeição, inclusivamente alguns trabalhando em área dedicada a doentes (ou suspeitos) de covid-19", refere a ENSP. Houve 64 resultados positivos.

"A realidade concreta aponta para que mais de 10% de todos os infectados sejam profissionais de saúde, que, para além de constituir um grupo de risco específico quando a doença é contraída na prestação de cuidados aos doentes, pode, na actual fase pandémica, também constituir um potencial risco para os seus contactos", diz Florentino Serranheira, coordenador executivo do estudo.

O último balanço da DGS, dados referentes à sexta-feira passada, dava conta de 1849 profissionais de saúde infectados. Destes, 488 enfermeiros, 276 médicos e 1085 com outras profissões na saúde. Nesse dia, o país contabilizava 15.987 casos positivos, fazendo com que representassem 11,5% do total de infectados.

Relativamente às condições de trabalho, 38,4% dos inquiridos apontaram a ausência de apoio dos Serviços de Saúde Ocupacional. Para Florentino Serranheira, isso "é revelador das fragilidades organizacionais em saúde ocupacional, ou mesmo a sua inexistência".

O inquérito quis também conhecer a visão dos profissionais de saúde quanto à disponibilidade de equipamentos de protecção individual, como luvas, máscaras ou viseiras. Para 47,7%, essa disponibilidade é classificada como moderada e para 30,5% é insuficiente. "Quando analisadas as respostas dos profissionais que se encontram em áreas de covid-19, quase metade dos profissionais considera a disponibilidade destes equipamentos mais adequada, sendo considerada insuficiente em apenas 24,7%", refere o comunicado.

Os efeitos da pandemia também se fazem sentir a outros níveis. "A presença de fadiga é referida como moderada a elevada por 76,7% dos profissionais, que, apesar do elevado nível de pressão em que se encontram, ainda se sentem em condições para tomar decisões rápidas no contexto da prestação de cuidados (87%) e afirmam poder contar com um bom suporte dos colegas (84,6%)."

No entanto, apenas 2,2% "apresentam níveis de ansiedade normais". "São os médicos o grupo com maiores níveis de ansiedade, ainda que essa diferença não seja significativa", aponta a ENSP.

amaia@publico.pt

PAULO PIMENTA

**Só 2,2% dos inquiridos apresentavam níveis normais de ansiedade**

**Farmácias chegam a cinco mil**
Em três semanas, as farmácias comunitárias, no âmbito da *Operação Luz Verde*, garantiram a entrega de medicamentos a mais de cinco mil doentes de risco que antes da pandemia se deslocavam aos hospitais centrais para esse efeito.

# Governo promete acesso ao superior "o mais justo possível"

Clara Viana

**Secretário de Estado diz que decisão de cancelar exames do secundário para melhoria da nota pode vir a ser mitigada por outras vias**

O secretário de Estado adjunto e da Educação, João Costa, revelou ontem que o Governo está a estudar "soluções com o objectivo de se conseguir ter um concurso de acesso ao ensino superior o mais justo possível". Entrevistado pelo Fórum Estudante, João Costa especificou que este trabalho está a ser desenvolvido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) visando dar resposta aos alunos que receiam ser prejudicados no acesso ao ensino superior por ter sido cancelada a realização de exames que se destinem a melhoria das notas.

Em resposta ao PÚBLICO, o MCTES limitou-se a informar que já pediu à Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES) "uma análise de todos os pedidos de esclarecimento, para depois serem feitos, se necessário, ajustamentos aos regulamentos de acesso" e "ser emitida uma nota à imprensa". "Todos os esclarecimentos serão atempadamente e devidamente prestados", adianta o gabinete de Manuel Heitor.

O facto de esta medida ter sido adoptada "não significa que não impacte outras [que venham a ser tomadas] para garantir uma maior equidade" no concurso de acesso ao ensino superior deste ano, referiu João Costa, que no entanto deixou este alerta: "Ter a expectativa de que tudo corre de forma igual é ilusório" dado o período de excepção em que se está a viver.

Das medidas para a educação em época de pandemia consta o facto de os exames nacionais só virem a ser realizados quando funcionam como provas de ingresso para o curso escolhido pelos alunos, não contando por isso para o cálculo da sua média final do secundário. A realização dos exames que se destinam a melhoria das notas ou à aprovação numa disciplina foram cancelados. Estas medidas estão já consagradas num decreto-lei publicado esta semana e não haverá mexidas, frisou João Costa.

DANIEL ROCHA

**Foram publicadas na semana passada novas regras de exames**

**João Costa revelou que o Ministério da Ciência e Ensino Superior está a preparar novas medidas para que não haja alunos prejudicados**

Para os alunos dos cursos científico-humanísticos, os exames nacionais pesam, habitualmente, duas vezes no apuramento da média de acesso ao ensino superior. Contam uma primeira vez para a classificação final das disciplinas em que há prova nacional, com um peso de 30%. A restante nota resulta da média de frequência nos dois ou três anos que durou essa "cadeira". Depois, a mesma prova conta uma segunda vez no caso de ser também prova de ingresso – ou específica – exigida pelo curso superior a que o estudante deseja concorrer. Nesse caso, o exame nacional passa a pesar 35% a 50% da média de acesso. Este ano, fruto das medidas de contenção da covid-19, apenas vale esta segunda componente.

Respondendo a dúvidas dos alunos sobre o ensino profissional, o secretário de Estado adiantou que a formação em contexto de trabalho (estágio no final do curso) pode ser "substituída por prática simulada", uma forma reconhecida a nível europeu. E que também a Prova de Aptidão Profissional, exigida para a conclusão dos cursos profissionais, poderá "ser feita à distância".

Quanto ao concurso especial de acesso ao superior para os alunos dos cursos profissionais, já legislado, João Costa referiu que "a intenção dos [seus] colegas do MCTES é que aconteça já este ano". O MCTES já tinha adiantado que estão a "desenvolver-se mecanismos para esse efeito".

cviana@publico.pt

# Nova Telescola também vai estar na Internet

Samuel Silva

A nova Telescola vai para o ar na segunda-feira e, depois de serem emitidos no canal RTP Memória diariamente, os seus conteúdos vão estar disponíveis na Internet. A RTP criou uma plataforma *online* e uma aplicação para telemóveis e *tablets*, em que será possível rever cada um dos programas. Assim, mais ecrãs dentro de uma mesma casa estão em condições de acompanhar as sessões e os professores podem recuperar as matérias depois de estas terem sido exibidas.

A disponibilização dos conteúdos do #EstudoEmCasa, o nome da nova Telescola, na Internet foi anunciada ontem pelo director da RTP Memória, na apresentação do novo formato, que começa a ser emitido na segunda-feira e será um complemento ao trabalho à distância que os professores do ensino básico vão continuar a fazer até ao final do ano lectivo, devido à pandemia de covid-19.

A emissão linear na RTP Memória continua a ser o formato primordial para a emissão das aulas, mas esses conteúdos vão estar disponíveis, posteriormente, numa plataforma *online* exclusiva para o #EstudoEmCasa, com os conteúdos organizados por disciplina, mas que assenta na mesma mecânica do RTP Play. Os mesmos conteúdos serão também disponibilizados numa aplicação móvel para telemóvel e *tablet*.

**Aulas pela televisão arrancam segunda e na net também**

Para responder ao período de confinamento dos alunos até ao 10.º ano, que se prolongará até ao final do ano lectivo, o canal público de televisão reforçou também os conteúdos destinados a crianças em idade pré-escolar na RTP2 e disponibilizou novos programas na plataforma RTP Ensina, lançada em 2014, e que reúne conteúdos educativos em vídeo, áudio e infografias divididos por matérias.

Na sessão de apresentação do #EstudoEmCasa, ontem, o primeiro-ministro, António Costa, valorizou que esta iniciativa não quer "relembrar a velha Telescola", mas "criar uma escola do tempo de hoje, com conteúdos de hoje e com as tecnologias de hoje". Na ocasião, reforçou a promessa de "no início do próximo ano lectivo" ser assegurada a "universalidade do acesso digital, quer de rede quer de conteúdos" a todos os alunos do ensino básico e secundário.

O essencial sobre a nova Telescola já era conhecido desde a semana passada. As aulas pela televisão destinam-se aos alunos do 1.º ao 9.º ano de escolaridade, serão transmitidas entre as 9h e as 17h50 de segunda a sexta-feira pela RTP Memória, estando as manhãs geralmente reservadas aos mais novos e as tardes aos do 3.º ciclo. As sessões terão 30 minutos em vez dos 45 ou 90 minutos habituais nas escolas, e não faltará a Educação Física, apesar de os conteúdos serem transmitidos pela televisão.

samuel.silva@publico.pt

**Desemprego atinge 353 mil pessoas em Portugal**
O travão na economia já se faz sentir no mercado laboral, com o total do desemprego registado nos centros de emprego a subir para 353 mil, segundo dados à data de terça-feira. Havia 315 mil desempregados no final de Fevereiro e 321 mil em Março.

**261**
**detenções foram feitas pelas forças de segurança desde que entrou em vigor o primeiro estado de emergência**

**Famílias em dificuldades**
A Associação Portuguesa de Famílias Numerosas alertou ontem que o ensino à distância, devido à pandemia de covid-19, "pode não ser possível para muitas famílias" devido à falta de equipamentos electrónicos suficientes para todos os membros da família.

**Máscaras no 25 de Abril**
O parlamento da Madeira agendou para o dia 25 de Abril uma sessão comemorativa da "Revolução dos Cravos" na qual os deputados vão usar máscaras cirúrgicas, informou ontem o seu presidente, sublinhando a importância de "dar o exemplo" no combate à covid-19.

# Recibos verdes com quebras ainda sem formulário para o apoio

Pedro Crisóstomo

**Suporte aos recibos verdes com reduções a partir de 40% na facturação será proporcional a essa descida. Segurança Social fiscaliza**

A Segurança Social já recebeu 145 mil pedidos de apoio extraordinário de trabalhadores independentes, mas, até agora, só o puderam fazer aqueles que se encontram em paragem total da actividade. Até ontem à tarde, os trabalhadores que enfrentam quebras na facturação iguais ou superiores a 40% não conseguiam apresentar o requerimento na página da Segurança Social Directa porque esse formulário digital ainda não estava disponível.

A questão é problemática para muitos que se encontram nesta situação de perda abrupta ou acentuada de clientes, projectos ou encomendas, porque, para receberem a primeira verba da Segurança Social ainda neste mês de Abril, seria preciso submeter o pedido até ontem e essa possibilidade foi-lhes vedada.

Embora a lei preveja que o apoio é pago "a partir do mês seguinte ao da apresentação do requerimento", o Governo abriu uma excepção relativamente à primeira vaga, prometendo entregar ainda em Abril os valores correspondentes aos requerimentos desta primeira quinzena (pois, como não disponibilizou as fichas em Março, as pessoas só puderam começar a submeter os pedidos desde dia 1, o que faria derrapar os pagamentos para Maio).

Só que, agora, é nessa circunstância que se encontram os trabalhadores a recibos verdes, empresários em nome individual e os sócios-gerentes de empresas que enfrentam grandes reduções de actividade, pois não puderam fazê-lo até 15 de Abril, embora a lei lhes abra essa possibilidade desde o dia 7 de Abril.

A lei entrou em vigor nesse dia, por isso, os pedidos "com fundamento nesta redução da facturação apenas passaram a poder ser formulados a partir" desse dia, explica a advogada de direito laboral Sofia Monge, da Carlos Pinto de Abreu & Associados. A questão é que, desde dia 7 até ontem, quem estava nesta situação continuava sem o poder fazer. E em teoria, se um pedido tivesse sido formulado a 7 de Abril seria considerada a quebra de actividade a partir de 8 de Março, afirma a advogada.

Resta saber se o Governo, por causa de um problema logístico que não é imputável aos cidadãos, também abre uma excepção idêntica à que decidiu criar para quem enfrenta uma paragem total. O PÚBLICO procurou obter uma explicação do secretário de Estado da Segurança Social, Gabriel Bastos, mas não obteve resposta até ao fecho desta edição.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Apoio decidido pela ministra do Trabalho já sofreu várias alterações

## Apoio de contabilistas

À luz da lei, o apoio existe para quem tenha uma quebra igual ou superior a 40% na facturação nos 30 dias anteriores ao do pedido submetido na Segurança Social (face à média mensal dos dois meses anteriores a esse período, face ao período homólogo ou à média dos meses em actividade para quem a iniciou há menos de 12 meses).

Quem está a facturar menos tem de fazer o pedido "conjuntamente com certidão de contabilista" a atestar essa quebra, o que também obrigará muitos trabalhadores a procurar um destes profissionais (se houver uma paragem da actividade, aí, basta uma declaração do próprio ou do "contabilista certificado no caso de trabalhadores independentes no regime de contabilidade organizada"). Depois, ao longo de um ano, a Segurança Social poderá fiscalizar essas situações com base nas informações do fisco e, se encontrar irregularidades, obriga um trabalhador a repor as quantias recebidas indevidamente.

Há uma outra novidade: o valor financeiro a pagar pela Segurança Social para quem está com uma redução na actividade será "multiplicado pela respectiva quebra de facturação, expressa em termos percentuais", o que significa que será proporcional à descida declarada, com os limites previstos (o tecto será de 438 euros ou 635 euros).

pedro.crisostomo@publico.pt

# Quem está em *layoff* pode afinal trabalhar sem limitações

Victor Ferreira

Ao contrário do que indicou na semana passada, o Governo vai afinal permitir a acumulação de trabalho com *layoff* em qualquer sector de actividade. Mas só em cinco sectores se poderá ficar com um rendimento mensal total sem a limitação dos dois terços (2/3) impostos pelas regras do *layoff* simplificado, que afecta 938 mil portugueses, segundo dados revelados pelo Ministério do Trabalho ontem, sobretudo em empresas (96%) até 50 trabalhadores e no sector do alojamento, restauração e turismo.

No final do Conselho de Ministros da semana passada, o Governo dizia que tinha aprovado medidas para "assegurar que as pessoas em regime de redução do período normal de trabalho ou suspensão do contrato de trabalho podem exercer actividade remunerada desde que nas áreas da produção alimentar, apoio social, saúde, logística e distribuição".

Deixou portanto a ideia de que o trabalho alternativo ao *layoff* estaria limitado àqueles cinco sectores. Mas no Decreto-Lei n.º 14-F/2020, publicado na segunda-feira, 13 de Abril, em *Diário da República*, e que faz diversas alterações legislativas a leis publicadas nas últimas semanas para acudir à crise empresarial suscitada pela pandemia de covid-19, o executivo deixou cair qualquer restrição sectorial.

Ao invés, prefere valorizar aqueles cinco sectores, introduzindo uma discriminação positiva, estabelecendo que "não se aplica, excepcionalmente, (...) [a] eventual redução da compensação retributiva, caso a referida actividade se exerça nas áreas do apoio social, saúde, produção alimentar, logística e distribuição". Por outras palavras, quem estiver em *layoff*, seja por suspensão do contrato ou pela redução de horário, pode acumular os dois terços do salário ou da compensação retributiva a que tem direito com a remuneração que vier a auferir com o trabalho alternativo, desde que seja numa daquelas cinco áreas de actividade.

A regra geral do *layoff* simplificado impõe que cada trabalhador afectado fica a ganhar 2/3 do salário-base ilíquido, com um mínimo de 635 euros e um tecto de 1905 euros.

voferreira@publico.pt

BARBARA RAQUEL MOREIRA

Crise já colocou perto de um milhão de portugueses em *layoff*

**Funcionários públicos podem ser chamados ao sector privado**
Os funcionários públicos podem ser chamados para trabalhar no sector privado, mas têm de dar o seu acordo, enquanto podem ser trocados da administração central para a local não necessitando de dar consentimento, disse a ministra da Modernização do Estado.

# "O essencial para fazer face à dívida é haver actividade económica"

**Gian Maria Milesi-Ferretti** Vice-director do departamento de investigação do FMI diz que não é tempo de Portugal olhar para a crise: "Deve mesmo fazer-se tudo o que for preciso para enfrentar o choque imediato"

**Entrevista**
**Sérgio Aníbal**

Como vice-director do departamento de investigação do Fundo Monetário Internacional, o italiano Gian Maria Milesi-Ferretti é, há vários anos, responsável pela supervisão da principal publicação do FMI: o *World Economic Outlook*, onde são apresentadas as projecções para toda a economia mundial. Na terça-feira, o FMI publicou previsões que apontam para a maior contracção económica desde a Grande Depressão, com Portugal a ver o PIB cair 8%. Em entrevista, salienta, contudo, por várias vezes, que o que distingue estas previsões de outras é o enorme nível de incerteza que existe. "Há muito que ainda não sabemos...", lamenta-se.

**Depois da queda do PIB em 2020, o FMI está a apontar para uma retoma global logo em 2021, em Portugal com um crescimento de 5%. Não estão a ser demasiado optimistas?**
O que existe é muita incerteza. O nosso relatório deixa claro que é perfeitamente possível que as coisas acabem por acontecer de forma diferente, que uma contenção mais prolongada possa ser necessária e que, portanto, a contracção da economia possa ser maior. É por isso que apresentamos cenários alternativos, um com medidas de contenção mais prolongadas, outro com uma nova onda de infecções no próximo ano e, obviamente, os resultados económicos daí resultantes são bastante piores. Isso é claramente uma possibilidade.

**O que os leva a terem tantas dúvidas?**
A habitual incerteza existente nas previsões económicas é, desta vez, agravada pelo facto de ainda sabermos muito pouco sobre esta pandemia, o número de casos, a mortalidade. A maior parte dos testes tem sido feita a pessoas com sintomas, portanto a incidência é algo sobre o qual sabemos muito pouco. E aquilo que podemos fazer é seguir o que está a acontecer – e que está a acontecer a uma grande velocidade – e esperar que a ciência consiga produzir terapias e depois uma vacina. Há muito que ainda não sabemos.

**E, por isso, o FMI optou por adoptar um cenário-base que acaba por ser o mais benigno?**
Não, não penso que seja, neste momento, o cenário mais benigno. E se olharmos para as previsões que têm vindo a ser publicadas para várias economias, certamente que não podemos colocar o FMI entre os mais optimistas. E não se pode dizer que no nosso cenário-base se esteja a assumir uma solução milagrosa do problema. Nós estamos a ver que as medidas de contenção estão a ter um impacto, vimos que a China foi capaz de conter o contágio, vemos a taxa de crescimento das infecções a abrandarem no meu país, a Itália, em Espanha, em França. Ainda é horrível, a situação é muito difícil, é uma tragédia de proporções terríveis, mas os sinais vão numa direcção mais positiva.

**Os Governos e os bancos centrais estão a fazer tudo o que é preciso no curto prazo?**
Nas economias avançadas, em particular, têm agido de forma bastante agressiva, e com razão. Os bancos centrais, em particular, podem movimentar-se com mais facilidade, não precisam de aprovações de parlamentos para tomar medidas, e agiram de forma admiravelmente rápida e eficaz. É certamente o caso da Reserva Federal e é definitivamente o caso do BCE e do Banco de Inglaterra.

**E os Governos?**
Também reagiram de forma bastante forte. Tem sido uma resposta gradual ao longo das semanas porque a intensidade do choque tem-se tornado mais palpável, à medida que o tempo passa.

**E vai resultar?**
Veremos os resultados mais tarde. Porque agora é preciso proteger os trabalhadores e as empresas, mas a actividade vai sofrer um forte impacto, seja o que for que se faça. O que os Governos estão a fazer agora é, na verdade, investir para terem uma economia com capacidade para se reiniciar assim que as restrições de movimento forem gradualmente levantadas. Isso é extremamente importante.

**Isto é mesmo um trovão que atingiu a economia global**

**Gian Maria Milesi-Ferretti**
Vice-director do departamento de investigação do Fundo Monetário Internacional

**A zona euro foi muito lenta a reagir na crise anterior. Desta vez estão a ser mais rápidos?**
Certamente. Em termos gerais, o que posso dizer é que os políticos, a nível nacional, têm agido de forma agressiva, os bancos centrais também. Penso que um contributo significativo ao nível da zona euro é algo que é muito importante, tendo em consideração a dimensão do choque e tendo em consideração que este choque é verdadeiramente exógeno. Não tem nada a ver com comportamentos diferentes dos países. Os princípios da solidariedade europeia têm de estar na linha da frente neste caso.

**Está à espera de mais do que aquilo que já foi aprovado pelo Eurogrupo?**
Que forma exacta é que a resposta da zona euro poderá vir a tomar, veremos, mas uma contribuição significativa é importante de muitas formas, nomeadamente porque muitas das economias afectadas estão, logo à partida, com níveis de dívida pública elevados. Eu penso que todos os ministros reconhecem isto, teremos de esperar para ver o que sai destas discussões.

**Corremos o risco de o mundo vir a assistir novamente a uma crise na zona euro, com alguns países a terem problemas no acesso aos mercados para obter o financiamento de que precisam?**
Penso que tanto os políticos como os mercados percebem que a prioridade nesta altura tem de ser evitar a destruição de partes importantes da economia. Porque, afinal, qual é a alternativa? Nesta altura, tem de se atirar tudo o que se tem contra o problema, tentar fortalecer o sistema de saúde e ajudar os trabalhadores e as empresas. A alternativa seria não chegar a ver sequer a economia a recuperar. Seria isso que aconteceria se se permitisse uma destruição das empresas e um desemprego maciço. Vejo isto como um investimento.

**Que terá de ser pago...**
Terá de, eventualmente, ser pago. Todos esperamos que a pandemia possa ser limitada de forma relativamente rápida e isso limitará o golpe na dívida pública. E com taxas de juro baixas, é algo que pode ser gerível. Se as paragens na actividade forem mais prolongadas, teremos de ver. Mas, por agora, isto é um problema que é sentido essencialmente pelos países mais pobres do planeta, que têm muito poucos recursos e nenhum acesso aos mercados.

**Portugal é o quinto país da zona euro com previsão de contracção**

**Eurodeputados insatisfeitos com resposta à crise**
A pandemia de coronavírus "demonstrou os limites da capacidade da UE para actuar de forma decisiva" e "expôs a falta dos poderes executivos e orçamentais da Comissão Europeia", dizem os líderes das quatro principais bancadas do PE.

**86%**
**foi a queda de venda de automóveis nos primeiros 15 dias de Abril em Portugal, para 838 viaturas, anunciou a ACAP**

**Março leva aeroportos a perderem 15% no trimestre**
Os efeitos da pandemia atingiram o mercado da aviação em cheio no mês de Março, fazendo com que nos aeroportos portugueses, geridos pela ANA (da Vinci), se tivesse registado uma queda de 15,3% no número de passageiros no primeiro trimestre.

**Petróleo recua para menos de 20 dólares por barril**
Os contratos de entrega futura de petróleo medido pelo West Texas Intermediate (WTI), recuaram ontem até 19,20 dólares por barril — o valor mais baixo em 18 anos. O Brent, referência para Portugal, recuou mais de 7%, até 27,21 dólares por barril na sessão.

STEPHEN JAFFE/FMI

**do PIB mais acentuada em 2020. O que é que influencia mais as diferenças entre os países, nas vossas previsões?**
É uma combinação de factores. Por um lado, é a intensidade da epidemia; por outro lado, a intensidade do choque externo; e, por fim, a composição sectorial do PIB. Num país em que o turismo é uma fonte importante de empregos e receitas, o impacto negativo no PIB é maior. Esta é uma característica que penaliza Portugal no actual cenário, e também a Espanha e Itália.

**A taxa de desemprego em Portugal quase duplica, de uma forma mais acentuada do que noutros países. Porquê?**
Portugal tem uma proporção relativamente alta de trabalhadores temporários, e uma parcela maior de empregos em serviços como hospitalidade e restauração, quando comparado com outros países. Isso faz com que as estatísticas de desemprego sejam mais voláteis. É algo que levamos em conta. As medidas adoptadas pelo Governo vão aliviar a perda de empregos, mas, em vista do forte impacto na actividade, o desemprego provavelmente vai subir significativamente este ano. Com a recuperação projectada para 2021, e o suporte dessas acções governamentais, esperamos que o desemprego também caia mais rapidamente do que noutros países.

**Portugal pode, de acordo com o FMI, chegar a uma dívida de 135% do PIB. Deve preocupar-se?**
Os países agora têm de pensar na saúde pública e em manter a economia em condições de reiniciar a actividade quando as restrições forem levantadas. As taxas de juro estão muito baixas e, no fim de contas, aquilo que vai ser essencial para fazer face ao serviço da dívida será a actividade económica. É daí que o Estado retira as suas receitas e é assim que se reduz o rácio da dívida no PIB. Houve lições que se aprenderam durante a crise do euro que são importantes e, neste caso específico, deve mesmo fazer-se tudo o que for preciso para enfrentar o choque imediato. É muito dinheiro, portanto tem de ser bem usado, mas é mesmo importante enfrentar a crise de forma agressiva.

**Está confiante em que essas lições foram aprendidas em toda a Europa?**
As preocupações em relação à dívida vão manter-se, mas isto não é um caso de os investidores verem os Governos a portarem-se mal e a gastarem de mais. Isto é mesmo um trovão que atingiu a economia global. E essa distinção é muito importante. Se um Governo não se chegasse à frente quando existe uma crise de saúde desta dimensão, isso seria fatal para a confiança na liderança e, no fim de contas, para a própria economia.

sergio.anibal@publico.pt

# Redução da dívida desde 2014 será perdida em 2020, défice dispara para 7,1%

**Sérgio Aníbal**

Depois de cinco anos de redução progressiva do peso da dívida pública na economia, vai bastar um ano para que as contas públicas portuguesas, abaladas pelo choque da pandemia do coronavírus, voltem a bater um novo máximo na dívida, superando novamente a barreira dos 130% do PIB.

De acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI) – ontem publicadas no relatório *Fiscal Monitor*, produzido pelo Departamento de Assuntos Orçamentais liderado pelo antigo ministro das Finanças Vítor Gaspar –, Portugal, em linha com aquilo que acontece no resto da Europa e mesmo do mundo, irá registar em 2020 uma deterioração muito significativa dos principais indicadores das suas finanças públicas. Depois de um excedente de 0,2% em 2019, a entidade com sede em Washington prevê para este ano um défice público de 7,1% do PIB.

Um resultado muito negativo, que supera em muito os limites previstos nas regras orçamentais europeias, mas que é também projectado para a generalidade dos países da zona euro, num cenário em que todos os Estados vêem as suas contas públicas afectadas pelas medidas que se viram obrigados a tomar para combater a pandemia e pelo impacto orçamental da quebra abrupta registada na actividade económica. Para o total da zona euro, o FMI espera uma subida do défice público, dos 0,7% do PIB registados em 2019 para 7,5% este ano.

Um saldo tão negativo em 2020 faz com que Portugal volte a acumular dívida. De uma forma que conduz a um novo recorde do peso da dívida pública na economia. De acordo com o FMI, a dívida pública portuguesa vai disparar de 117,6% do PIB para 135%.

Este valor supera o máximo que tinha sido atingido em 2014, quando o país, ainda a tentar sair de uma grave crise económica em que recorreu aos empréstimos dos parceiros europeus e do FMI, atingiu um rácio da dívida no PIB de 132,9%. Desde esse ano, a tendência tem sido de diminuição do peso da dívida na economia, tendo-se conseguido nos últimos quatro anos retirar quase 15 pontos percentuais a este indicador. Todos estes ganhos, contudo, evaporam-se agora em apenas um ano, com o indicador a agravar-se em 17,4 pontos.

As previsões apresentadas pelo FMI para as contas públicas deste ano dificilmente podem ser consideradas uma surpresa. Já era uma evidência para todos que a crise trazida pela pandemia do novo coronavírus está a colocar as finanças públicas dos países sob uma pressão poucas vezes vista. Não só os Estados têm de gastar mais com os seus sistemas de saúde, mas estão também a tomar medidas para limitar os danos económicos da paragem registada na actividade, nomeadamente assegurando parte do rendimento das famílias e apoiando as empresas em dificuldades. Para além disso, com a economia a contrair-se (com uma recessão de 8% este ano e mais 380 mil desempregados em Portugal, de acordo com as contas do FMI), torna-se inevitável que as receitas fiscais caiam e as despesas sociais aumentem, naquilo a que os economistas chamam "funcionamento dos estabilizadores automáticos".

Departamento de Assuntos Orçamentais é liderado pelo antigo ministro das Finanças Vítor Gaspar

Mário Centeno, numa entrevista à TVI na segunda-feira, estimou entre 6 mil e 7 mil milhões de euros o montante do impacto orçamental resultante dos estabilizadores automáticos, somados com o custo das medidas tomadas.

# Com lágrimas e medo, numa missão invisível: “Temos de limpar. É o nosso trabalho”

Estão expostos a um elevado risco e são mal pagos por isso. Além dos profissionais de saúde, os empregados de limpeza hospitalar andam no meio dos doentes infectados para garantir que não sai nada dali para fora. É “assustador”, garantem, mas necessário para seguir com o combate à pandemia

Reportagem
Cristiana Faria Moreira

Filomena Simões não esquece o dia em que se viu sozinha num corredor imenso com um balde de água com lixívia e uma esfregona na mão, “toda equipada até cá acima”. Quando o primeiro doente infectado com o novo coronavírus entrasse no Hospital Curry Cabral, ela tinha a missão de seguir nas suas costas e limpar todo o trajecto para garantir que mais ninguém corria o risco de ficar infectado.

As enfermeiras ajudaram-na a equipar-se: farda, bata, luvas, máscara, óculos, touca, coberturas para o calçado. Os profissionais de saúde que não eram necessários estavam fechados em gabinetes. Aquela área toda deserta. “Eu senti-me perdida nesse dia. Não tínhamos treino nenhum. Foi ficar sozinha num corredor imenso a fazer o trajecto do doente. E quando vejo aquele aparato, o doente ventilado... Foi horrível. Mexeu muito comigo.”

Filomena tem 61 anos, nenhum problema de saúde de maior, mas há dois anos foi submetida a um *bypass* gástrico e já perdeu 42 quilos. Trabalha no Hospital Curry Cabral, em Lisboa, há seis anos, mas há 25 que limpa unidades de saúde. Já viu muita coisa, garante, mas o cenário era em tudo semelhante ao que apenas vira na televisão. Hoje está na linha da frente num dos hospitais de referência no combate à pandemia.

Falamos de empregados de limpeza, mas não são só eles. São cozinheiros, seguranças, roupeiros, técnicos que cuidam das infra-estruturas. São milhares que, não sendo funcionários do hospital, mas sim de empresas que prestam esses serviços, estão diariamente frente a frente com uma doença sobre a qual pouco se conhece.

## “Temos de limpar”

O primeiro doente chegou ao Curry Cabral há mais de um mês. “Nas primeiras semanas foi complicado. Quando entrava, o coração batia perto da boca, aquela sensação de que qualquer coisa me ia pegar, a adrenalina subia, eu chorava não sei porquê... chorei muito nos primeiros dias.” Desde então, Filomena foi-se habituando à nova rotina, ainda que o “medo”, “os nervos à flor da pele” estejam lá sempre. “Tem sido complicado, mas agora já tenho encarado as coisas de outra maneira.”

Filomena Simões é uma das responsáveis por limpar a unidade de cuidados intensivos daquele hospital, que acabou por ser adaptada para receber doentes com covid-19, conta. Faz o turno das 7h às 15h, durante o qual cuida das áreas onde estão “à volta de dez, 12 doentes, o que requer muito trabalho”. Entra dentro dos quartos, limpa toda a área onde o doente está. Sempre protegida com touca, máscara, óculos, luvas, protectores de calçado. “Temos de limpar. É o nosso trabalho.”

Fardar e desfardar tornou-se quase um ritual, com regras muito precisas. Para entrarem nos quartos dos doentes precisam de se equipar. “Não estávamos habituadas a isso”, conta Paula Pires, empregada de limpeza no Hospital de Santa Maria, outra das unidades de referência no tratamento da doença.

A farda do costume, uma camisola e umas calças, é agora sobreposta por muitos outros equipamentos. “Ainda hoje entrei em vários quartos e tive de vestir duas batas, dois pares de ‘pezinhos’, uma touca, uns óculos e uma máscara bico de pato.” O acto de despir é mais complicado.

Antes de sair do quarto tem de retirar uma das protecções de calçado e pôr esse pé na parte de fora e repetir o processo para o outro pé. Depois, “com jeitinho, ir tirando as roupas em camadas”, descreve a empregada de limpeza. “É muito diferente. Até a maneira de tirarmos os lixos.” Tudo é feito com cuidados redobrados.

O Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Actividades Diversas (STAD) tem alertado para a falta de equipamentos de protecção individual para as empregadas de limpeza hospitalar. No entanto, nenhuma das trabalhadoras com quem o PÚBLICO falou se queixou de falta de equipamento nem da falta de pessoal.

Segundo as contas do sindicato, entre os cerca de 35 mil empregados de limpeza que existem no país, 4500 dedicam-se à limpeza hospitalar. Ganham 648 euros de salário-base. E ninguém lhes paga o risco que correm. Filomena diz que ganha 2,70 euros por um “subsídio de risco”, mas este não existe para todos. O STAD esclarece que o subsídio de risco não está previsto no contrato colectivo de trabalho. Resulta sim de “acordos” que foram sendo feitos com empresas. “É uma miséria, e não paga o risco. Foi só uma maneira que arranjámos para que as empresas pagassem mais aos trabalhadores”, diz Vivalda Silva, coordenadora do STAD.

As equipas têm-se mantido ou então sido ajustadas. Há serviços que deixaram de funcionar para ser dada prioridade ao tratamento da covid-19 e as funcionárias da limpeza reafectadas a outras áreas. No Santa Maria, a empresa responsável pela limpeza, Safira, está a colocar mais pessoas.

## “Um mundo vazio lá dentro”

Paula Pires tem 55 anos, é diabética e hipertensa. Sabe que está em risco, mais do que outros, mas este trabalho é o seu sustento, por isso não pode largá-lo. Trabalha no Santa Maria há 15 anos. “Já vi muita coisa, mas esta é mais assustadora.”

Em todas as conversas há uma palavra que vão repetindo: assustadora. O Santa Maria era “um hospital alegre”, diz Paula. Agora, “é um hospital-fantasma”. “Não se vê ninguém.” Há poucas consultas, não há visitas aos internados. “É um mundo vazio lá dentro.”

Para já, apesar de expostas ao vírus, ainda ninguém da equipa de limpeza do Santa Maria ficou infectado, diz Paula.

Quando o primeiro turno do dia chega ao Hospital de São João, um pouco antes das sete da manhã, um outro está de saída. No átrio de entrada, a palavra covid-19, em

DANIEL ROCHA

**Filomena tem 61 anos e garante a higienização do Curry Cabral. São milhares como ela que ganham uns euros acima do ordenado mínimo**

letras maiúsculas e garrafais, ocupa diversos avisos e ajuda quem chega a orientar-se. Os 200 trabalhadores que garantem a limpeza daquela unidade, epicentro do combate no Porto, entram por ali, entre fitas que ajudam a formar filas, embora não as haja, e dois aparelhos de medição da temperatura corporal. A "operação covid" da Euromex, a empresa responsável pela limpeza, começa dois pisos abaixo do zero, na área técnica.

Ao contrário do que acontece no Santa Maria e no Curry Cabral, os trabalhadores do São João não entram em "zonas vermelhas", limpas pelos próprios auxiliares.

**Ficar sozinha num corredor imenso a fazer o trajecto do doente. E quando vejo aquele aparato, o doente ventilado... Foi horrível**

Mas isso não atenua a missão. De volta ao -2, onde o trabalho invisível transpira: com a farda verde-água vestida e o ponto picado, é hora de passar pelo armazém e lavandaria.

Alice Caldas, 52 anos e corpo franzino, anda naqueles corredores há oito anos, depois de "muitos mais" passados numa escola. Por estes dias, diz, "a vida mudou para toda a gente" e o "sofrimento" tornou-se transversal. A ela custa-lhe deixar a casa todos os dias, num "até já" angustiado ao filho de 23 anos e à mãe acamada. Não tanto pelo destino, mas pela viagem: no autocarro entre Ermesinde e o Porto, e vice-versa, ainda vê muita gente sem protecção. Despreocupada. E isso preocupa-a: "Sinto mais medo na rua do que no hospital. O perigo está lá fora."

O trabalho faz-se agora com mais produtos desinfectantes e antibacterianos e com formação extra, conta o director-geral da Euromex, Ricardo Gouveia, garantindo que, após um tempo de ajustamento, os equipamentos de protecção individual estão todos garantidos. O uso de máscara e luvas é obrigatório. Até agora, porém, houve "sete ou oito" casos de infecção entre os trabalhadores, todos sem gravidade. Marlene Brito, com 11 anos de casa, trabalha na área de internamento do serviço de cirurgia vascular – zona agora dedicada a doentes com covid-19 –, mas já passou também pelas urgências. Deu por si muitas vezes a olhar para as pessoas doentes nas salas de espera e a pensar no problema que teriam. "Para ir limpar um corredor, uma sala, uma casa de banho passamos por ali e olhamos. Passado um bocado, vemos a pessoa fechada numa *box* e perguntamos: 'Meu Deus, o que é esta pessoa tem para estar aqui fechada?'"

### "Não facilitar"

Haja ou não pandemia, os problemas aparecem diariamente. "A gente tem de se preocupar todos os dias. Nós trabalhamos ali há muitos anos e levamos com montes de doenças. Temos acima de tudo de ter muita precaução, muita limpeza e muita cabeça. Não facilitar. Nunca, nunca, nunca."

Apesar de permanecerem em área verde, os cuidados multiplicaram-se. Os produtos desinfectantes são uma arma. Os puxadores, botões do elevador ou corrimões das escadas são alvos permanentes. Desinfectados várias vezes ao dia, assim como as casas de banho usadas pelos profissionais de saúde e os vestiários.

Tudo é para ser seguido à risca, sem facilitar, diz Marlene. "As regras têm de ser cumpridas a 100%, não pode ser a 99,9%. Temos família, amigos e contactamos com outros colegas. A qualquer momento podemos ficar infectados por um erro nosso." Receio, esse, não tem. "Tenho confiança no trabalho que faço e acho que mais do que nunca a gente deve unir-se para conseguirmos vencer isto. Acho que as pessoas, mais do que nunca, são imprescindíveis no hospital. Toda a gente faz falta." Filomena, Paula, Marlene e Alice reconhecem que a comunidade médica valoriza o seu trabalho. "Um profissional de saúde é importante porque salva a vida a um doente, um auxiliar porque cuida e uma auxiliar da limpeza porque desinfecta", diz Marlene. "Se não houver trabalho em equipa, não há nada."

**com Mariana Correia Pinto**

cristiana.moreira@publico.pt

**DIÁRIO DA QUARENTENA, 30**

## *Como a covid-19 mudou a nossa vida*

**Marília Favinha**

Desde 1991 que sou professora e desde 1997 que o sou no Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora. Provavelmente seria capaz de ser outra coisa, mas nunca fui, agora só sei ser professora.

Semanalmente fazia em média 900 quilómetros, nas deslocações entre Lisboa-Évora-Lisboa. Dou aulas, faço formações de professores, investigo, escrevo artigos, desenvolvo trabalho enquanto directora de um curso de mestrado, oriento dissertações de mestrado, teses de doutoramento.

A covid-19 mudou a minha realidade: agora é a partir de casa que tudo acontece. As aulas são agendadas no horário normal através da plataforma Colibri-Zoom. E dou por mim em frente de mais de 20 futuras educadoras/professoras do 1.º ciclo do ensino básico, ou frente a mais de 20 futuros engenheiros mecatrónicos. Faço reuniões com São Tomé e Príncipe, com o Brasil através do Skype, falo com colegas através de WhatsApp, aumenta o número de *emails*.

O meu marido, militar há 33 anos, recebe uma chusma infernal de telefonemas. E fala, discute, planifica, tudo pelo telefone, mas não chega, vai ter de regressar à unidade onde presta serviço.

A minha filha, estudante do 12.º ano, faz os trabalhos que os professores pediram, estuda e, às vezes, ouço-a falar. "Disseste alguma coisa?", grito do meu quarto. "Não, estou a falar com os meus amigos", responde.

É frequente estarmos os três a falar ao mesmo tempo, em quartos diferentes, resolvendo questões de trabalho. Mas é difícil. Primeiro é difícil viver com a incerteza de um futuro que se nos mostra incerto. Mas também é muito difícil dar aulas sentadas frente a um computador, com os alunos a aparecerem em quadradinhos minúsculos. Volto ao início: só sei ser professora. E ser professora não é isto!

O professor só existe na acção, na relação directa, na interacção. A relação pedagógica exige estarmos em presença, obriga a uma constante observação, atenção e escuta do Outro. Obriga a acolher com o nosso olhar, com os nossos gestos, com as nossas palavras. Aprender é um processo que exige emoção, mas ensinar também.

Sempre soube que Sartre tinha razão, o Homem não pode sobreviver no quietismo. E então? Nesta circunstância temos de escolher a superação. Os nossos actos, enquanto professores, têm consequências, são capazes de fazer a diferença.

Então seguimos em frente, peço aos alunos que abram os microfones, que falem, que digam o que pensam. E encontro jovens preocupados, também eles cheios de incertezas, mas presentes. Querem aprender, querem saber, querem continuar, o seu futuro está em jogo. Eles têm consciência disso.

Todos sabemos que, se cedermos ao medo, não conseguimos preservar os princípios universais que nos fazem viver enquanto humanidade. E, assim, a sala de aula nunca fecha. Está sempre aberta: alunos, mestrandos, doutorandos telefonam, enviam mensagens pelo Messenger, WhatsApp, pelo Skype, no Zoom. O futuro do Homem é o Homem, tal como dizia Francis Ponge.

**Professora**

**Bolsonaro prepara-se para despedir ministro da Saúde**
O embate entre o Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, continua e os *media* do país davam ontem como certa a saída deste do Governo, em plena crise devido ao crescimento acelerado da covid-19 no país.

# Trump estrangula OMS e rejeita culpas no combate à pandemia

Presidente dos EUA suspendeu o financiamento à organização, acusando-a de colaborar com a China para "encobrir" a gravidade do coronavírus. Críticos falam em "crime contra a humanidade"

LEAH MILLIS/REUTERS

**Trump acusa a OMS de "provocar muitos mortos com os seus erros"**

**Alexandre Martins e Clara Barata**

No meio de uma pandemia que já matou mais de 130 mil pessoas em todo o mundo em quatro meses, 20% do total só nos Estados Unidos, o Presidente norte-americano, Donald Trump, anunciou a suspensão do financiamento à Organização Mundial de Saúde (OMS) pelo menos até Junho ou Julho. A Casa Branca acusa a organização, e em particular o seu director-geral, de "espalhar a desinformação chinesa" e de "provocar muitas mortes com os seus erros".

A decisão, anunciada por Trump numa conferência de imprensa nos jardins da Casa Branca, na noite de terça-feira, foi condenada por vários líderes internacionais, incluindo o secretário-geral das Nações Unidas. Sem referir o nome do Presidente norte-americano, António Guterres disse que "esta é a altura para haver união em todo o mundo, e não para cortar recursos da OMS".

"Quando virarmos a página desta pandemia, teremos tempo para olhar para trás e perceber como é que uma doença como esta surgiu e se espalhou de forma tão rápida, e de que forma reagiram à crise todos os envolvidos", disse o secretário-geral da ONU, reconhecendo algumas das críticas à OMS e à China vindas de países como os Estados Unidos e a Austrália.

Tedros Adhanom Ghebreyesus, o director-geral da OMS, foi bastante diplomático. "Os EUA são um generoso amigo de longa data da OMS e esperamos que continuem a ser. Lamentamos a decisão do Presidente dos EUA", disse o etíope.

Menos diplomáticas foram as reacções de outras personalidades, como o norte-americano Bill Gates. A Fundação Bill e Melinda Gates é o segundo maior financiador da OMS, embora a título voluntário: contribuiu com 530 milhões de dólares. "Suspender o financiamento da OMS durante uma crise mundial de saúde é tão perigoso como parece. O seu trabalho está a abrandar a disseminação da covid-19, e se for travado nenhuma outra organização poderá substituí-la", disse Gates no Twitter.

Ainda mais duro, o director da revista médica *The Lancet*, Richard Horton, referiu-se à decisão como "um crime contra a humanidade". "Cada cientista, cada profissional de saúde, cada cidadão, deve resistir e revoltar-se contra esta chocante traição da solidariedade internacional", disse Horton no Twitter.

Para o biénio 2018-2019, a OMS contou com um orçamento global de seis mil milhões de dólares, com os EUA a liderarem a lista com mais de 900 milhões de dólares. Mais de 70% desta soma são contribuições voluntárias, como as de fundações, para participar em projectos específicos da OMS. Outros 237 milhões foram pagos como uma contribuição calculada com base na riqueza do país e no tamanho da sua população. A título de comparação, o Governo português pagou, no mesmo período, 3,7 milhões de dólares, mas o Instituto Português do Desporto e Juventude, por exemplo, fez uma contribuição Voluntária de 26.600 dólares.

Donald Trump anunciou uma "revisão" das decisões de financiamento da OMS nos próximos 60 a 90 dias – até lá, suspende os pagamentos dos EUA. Mas o director dos Centros de Controlo e Prevenção das Doenças (CDC), Robert Redfield, disse na CBS que, por ora, a instituição vai continuar a colaborar com a OMS.

A China é o segundo Estado que mais contribui para o orçamento desta agência da ONU – deu 75,7 milhões de dólares no biénio de 2018/19. Repetindo um argumento que tem sido usado pelo Partido Republicano nos EUA, Trump acusou a OMS de "aceitar de bom grado as garantias da China" quando o novo coronavírus surgiu na província chinesa de Hubei, e de "participar na desinformação chinesa", lançando suspeitas sobre o director-geral da OMS e a instituição que dirige.

> **Esta é a altura para haver união no mundo, não de cortar recursos**
> **António Guterres**
> Secretário-geral da ONU

De acordo com várias investigações de jornalistas, a gravidade do coronavírus foi escondida pelas autoridades chinesas numa fase inicial. Segundo uma investigação da agência Associated Press divulgada ontem, com base em documentos internos do Governo chinês, nos seis dias após o Governo chinês ter detectado o surto do novo coronavírus e tê-lo divulgado, o país somou mais de três mil pessoas infectadas.

A 24 de Janeiro, três dias depois do primeiro caso confirmado nos EUA, o Presidente norte-americano elogiou "os esforços e a transparência" da China. "Tudo vai acabar bem. Em nome do povo americano, quero agradecer ao Presidente Xi Jinping", disse Donald Trump no Twitter. Um mês depois, quando

**Alemanha reabre escolas**
A Alemanha reabrirá algumas escolas a 4 de Maio, sendo dada prioridade aos alunos pré-universitários. "Não há grande espaço de manobra", disse a chanceler Angela Merkel, ao anunciar que serão dados pequenos passos, e avaliados, antes de novas decisões.

**24**

**mil milhões de dólares foi quanto cresceu a fortuna do dono da Amazon Jeff Bezos durante a pandemia; 20% em quatro meses**

**Casos confirmados no mundo**
Valores às 21h00 de 15 de Abril

Fonte: Universidade de Johns Hopkins

**França com mais 1438 mortes**
A França registou ontem mais 1438 mortos de covid-19 (924 delas em lares de idosos), tendo já 17.167 óbitos devido à doença. O número de infecções (106.206) está, porém, a baixar, assim como o número de casos nos cuidados intensivos. Há 300 mil pessoas recuperadas no país.

## Dois milhões de infectados. Em 13 dias, o número duplicou

Em 13 dias o número duplicou: o mundo ultrapassou ontem, 15 de Abril, a barreira dos dois milhões de casos de covid-19 confirmados oficialmente. Há 185 países e regiões afectadas. A boa notícia: perto de meio milhão de pessoas já recuperaram.

A história é conhecida: a 31 de Dezembro de 2019 a China reportou à Organização Mundial da Saúde um surto de uma pneumonia "de origem desconhecida" em Wuhan, na província de Hubei. Era o início de um surto que rapidamente passou fronteiras, tornando-se epidemia e finalmente pandemia.

A 2 de Abril atingiu-se um marco assustador: 1 milhão de pessoas infectadas no planeta, o que já era dez vezes mais do que um mês antes. A 10 de Abril registavam-se 100 mil mortes.

Ontem, o número de casos confirmados de infecção pelo vírus SARS-CoV-2 ultrapassou os dois milhões, segundo os números da Universidade Johns Hopkins (EUA), que acompanha em tempo real a evolução da pandemia.

Os investigadores dizem que morreram pelo menos 133.261 pessoas com a causa da morte atribuída oficialmente à covid-19, a doença provocada pelo novo coronavírus.

Os Estados Unidos são o país com mais infectados, 614.482, e contam 27.085 mortes, das quais mais de dez mil em Nova Iorque. Segue-se Espanha com 177.633 infectados confirmados e 18.579 mortes, e Itália com 165.155 casos e 21.645 mortes.

E estes números serão uma aproximação à dimensão real da pandemia, já que muitos países estão a testar apenas os casos mais graves.

vários responsáveis da Casa Branca, incluindo o secretário de Estado da Saúde, Alex M. Azar, o avisavam sobre a hipótese de o novo coronavírus se espalhar nos EUA, Trump elogiou a OMS.

"O novo coronavírus está sob controlo nos EUA", disse o Presidente no Twitter, a 24 de Fevereiro. "O CDC e a OMS têm trabalhado muito e de uma forma muito inteligente. As bolsas de valores parecem estar a recuperar!"

Apesar de a resposta inicial da OMS poder vir a ser questionada no futuro – como indicou o próprio secretário-geral da ONU –, a fúria do Presidente Trump contra a organização foi crescendo à medida que aumentavam as críticas à sua própria gestão do combate à pandemia nos Estados Unidos.

Na conferência de imprensa de terça-feira, Trump foi questionado sobre as suas responsabilidades, em particular sobre as razões de só ter recomendado o distanciamento social em meados de Março – não aproveitando o tempo que pode ter ganho com a proibição da entrada no país de passageiros estrangeiros vindos de voos da China, decretada um mês e meio antes.

Esta decisão de Trump, anunciada no meio da pandemia de coronavírus, desencadeou uma tempestade de indignação e críticas – "Não é no meio de uma pandemia que se faz isto", disse Amesh Adalja, especialista em doenças infecciosas da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, nos EUA, que elabora um mapa em tempo real dos casos e mortes em todo o mundo que é uma referência internacional.

Internamente, Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, onde o Partido Democrata tem maioria, classificou a decisão de Trump como "perigosa e ilegal" – por violar as mesmas leis que o congelamento de ajuda à Ucrânia violou, e que desencadearam o processo de *impeachment* do Presidente dos EUA. Mas Pelosi não especificou ainda que decisão poderá ser tomada pelo seu partido.

alexandre.martins@publico.pt
cbarata@publico.pt

# Trump, a OMS e a "navalha de Occam"

**Ponto de Vista**
**Jorge Almeida Fernandes**

Que pretende Donald Trump? A suspensão do financiamento à Organização Mundial da Saúde (OMS), em plena pandemia da covid-19, incita à mais primária das análises: o Presidente precisa de desviar as atenções das suas responsabilidades sobre a expansão do coronavírus nos Estados Unidos e designar "bodes expiatórios". Na mesma terça-feira do anúncio da decisão, os EUA registaram um dramático recorde de mais de 2200 mortos pelo coronavírus num único dia, segundo a contagem da Universidade Johns Hopkins, o que elevava o balanço total para 25.757 mortos.

A Administração Trump está de baixo de fogo pela falta de preparação e pelo desnorte perante a pandemia. Respondeu com contra-ofensiva e geral: acusa os *media*, acusa os congressistas democratas, acusa a Administração Obama, acusa os governadores dos estados e, enfim, fulmina a OMS.

Os democratas e Obama seriam os responsáveis pelo estado caótico do sistema hospitalar. Os governadores, além de reivindicar equipamentos sanitários e testes, afirmam também as suas prerrogativas em relação ao confinamento e à completa reabertura das empresas. Trump não só lhes devolve as responsabilidades no alastramento dos contágios como se arroga ter, enquanto Presidente, "todos os poderes" nesta matéria. É a ameaça de uma crise constitucional que provocou inquietação na América: a usurpação das competências dos governadores.

Este é o contexto político da decisão, que até pode vir a não se consumar: na mesma conferência de imprensa, disse Trump sobre o futuro: "Veremos o que fazer depois de termos averiguado a fundo." É uma táctica nele habitual.

É evidente que a China, depois de ter encoberto o surto epidémico em Wuhan e acelerado a pandemia, procura, e com algum êxito, aparecer aos olhos da comunidade internacional como o grande ganhador da crise, o país que primeiro venceu o vírus e o que está na frente da cooperação mundial para debelar a doença. A errática política de Trump, obcecado pelas eleições, fez com que os Estados Unidos recusassem a liderança da cooperação mundial, como fizeram em anteriores pandemias. Abriu uma avenida para a diplomacia e para a propaganda chinesas.

É também evidente que tanto a OMS como outras agências da ONU são um campo de disputa entre as potências. A eleição do director-geral, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus, apoiado pelos países africanos e pela China, foi vista como um desaire dos ocidentais. É também evidente que Tedros protegeu Pequim no início da epidemia e depois felicitou XI Jinping, em termos algo "exagerados".

> **Pensando bem, esta questão tem muito mais a ver com a saúde da democracia americana do que com política internacional**

Mas também não devemos esquecer os entusiasmos e as fúrias de Trump. No dia 24 de Janeiro, emitiu um *tweet*: "A China trabalhou arduamente para conter o coronavírus. Os Estados Unidos apreciam grandemente os seus esforços e a sua transparência. Tudo correrá bem. (...) Em nome do povo americano, agradeço ao Presidente Xi."

Mudou de agulha quando a epidemia rebentou nos EUA. A partir de 21 de Março, Trump e o secretário de Estado, Mike Pompeo, passaram a denunciar a culpa da China: o "vírus chinês" ou o "vírus do Wuhan".

Titulou o britânico *The Guardian*: "Trump volta-se contra a OMS para encobrir os seus imensos falhanços na crise da covid-19". O *New York Times* assumiu igual interpretação: "Criticado pela resposta à pandemia, Trump tenta desviar a culpa para a OMS." Claro que ambos os títulos fazem parte da "lista negra" do Presidente.

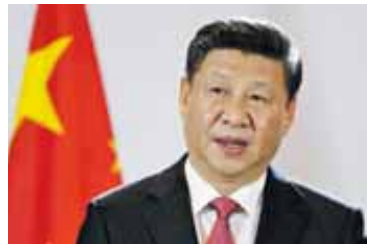
É uma interpretação simplista? Há um velho princípio conhecido por "a navalha de Occam": tal como a natureza tende a optar pelo caminho mais simples, entre as muitas explicações de um fenómeno, devemos escolher a mais simples. Em relação a Trump, parece sensato seguir Guilherme de Occam (1285-1347).

Que faz correr Trump? As eleições de Novembro, em que o coronavírus lhe pode estragar tudo. Pensando bem, esta questão tem muito mais a ver com a saúde da democracia americana do que com política internacional.

jafernandes@publico.pt

# ESPAÇO PÚBLICO

**Rui Rio**

Uma carta enviada por Rui Rio aos militantes do PSD, em que faz um apelo à unidade nacional em tempos de covid-19 e em que critica os políticos que fazem um aproveitamento partidário das "fragilidades" da gestão da crise gerada pela pandemia, acrescentando que essa não é uma "posição patriótica", não caiu bem na direita portuguesa. CDS e Iniciativa não pouparam críticas e até David Justino, "vice" do PSD, disse que não abdica do "escrutínio democrático". (Pág. 21) **J.J.M.**

**Xi Jinping**

O Governo chinês está a aumentar a pressão sobre o território de Hong Kong, que não se limita apenas ao campo político. Aquela região administrativa especial tem a sua autonomia posta em causa a partir do momento em que o sistema judicial perder a sua independência. O Governo de Xi Jiping quer que sejam aprovadas leis de segurança para combater as forças pró-independência, que mais não são do que perseguição política (Pág. 28) **A.C.**

# A incerteza sobre o novo mundo que se prenuncia

**Manuel Carvalho**
Editorial

Ao pedido de apoio para acudir às necessidades dos sistemas hospitalares inundados com pacientes infectados com o novo coronavírus, milhares de médicos e enfermeiros de Portugal e de outros países europeus responderam com o seu altruísmo e disseram sim. Os voluntários para apoiar idosos isolados ou vizinhos dispostos a ajudar vizinhos mais fragilizados deram origem a abundantes casos de solidariedade. Muitas empresas empenharam-se em ajudar os seus trabalhadores ou a comunidade. A partilha do medo do vírus que não conhece raças, nações, estatutos sociais ou culturais parece ter mitigado a sensação de que as fracturas sociais reveladas em movimentos como o dos "coletes amarelos" eram irreversíveis. As políticas de apoio aos desempregados apareceram com força em todo o lado. No Reino Unido elogiam-se os estrangeiros que estão na linha da frente no combate à doença.

Sinais como estes legitimam a convicção de muitos sobre o prenúncio de um novo tempo, um tempo mais solidário, mais altruísta, mais sensível aos problemas dos outros, mais capaz de compreender que a diversidade racial, étnica ou nacional é uma riqueza, não uma ameaça. Um choque como o que estamos a viver força-nos a questionar tudo, a constatar que, como agora se diz, afinal éramos felizes e não sabíamos, ou a reparar que no culto do indivíduo tanto pode estar a semente da liberdade como o vírus que corrói o sentimento de pertença a uma comunidade. Mas se é possível que o pesadelo mundial do vírus nos leve ao reencontro com os valores de um humanismo perdido, se o modelo económico e social pode recuar décadas e corrigir os excessos de um capitalismo que se centrou no ego dos CEO e dos accionistas e esqueceu a razão do seu triunfo histórico – a capacidade de redistribuir e disseminar o bem-estar pela sociedade –, não há razões para acreditar que o egoísmo perverso do Estado se regenere com esta crise.

Nada garante que líderes arrogantes, como Trump, boçais e patéticos, como Bolsonaro, iliberais, como Orbán, despóticos, como Maduro, ou alheios ao valor da liberdade, como Xi Jinping, percam poder com a sua lógica do "nós contra os outros". Nada nos indica que a União Europeia se reerga nesta crise à luz da inspiração da geração do pós-II Guerra que a erigiu. Ditadores como Assad permanecerão iguais a si mesmos. Onde houver soberania popular, ou seja, democracia, há uma réstia de esperança de que algo mude para melhor. Mas profetizar um admirável mundo novo de justiça e humanidade é uma utopia como tantas outras que se esboçaram em tempos de crise como a que hoje vivemos.

manuel.carvalho@publico.pt

P
Economia afunda como pior registo anual de sempre

*As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.*

*Email: cartasdirector@publico.pt*
*Telefone: 210 111 000*

## CARTAS AO DIRECTOR

### Poemas de uma quarentena

As crianças cá de casa, agora adolescentes, sempre souberam que o PÚBLICO é presença diária na vida dos avós. Nos almoços das terças e quintas lá em casa é recorrente a partilha de crónicas e pequenos textos que a avó seleccionou e não raras vezes, ao longo da semana, ao anoitecer, a avó ou o avô ligam para recomendar que não deixemos de ler este ou aquele artigo.

É assim há muitos anos, antes de os miúdos nascerem, do tempo em que o anúncio vaticinava "PÚBLICO: mais cedo ou mais tarde, o seu jornal".

Há vidas em que o jornal diário não pode fazer quarentena. E em que a substituição pela edição digital não é ponderada porque ter um jornal nas mãos faz parte da identidade de quem o lê e se apropria dele, diariamente, desde sempre e porque há vidas sem computadores nem *smartphones*. É assim na vida dos meus pais.

Refugiados em Fermentelos, uma pequena vila do centro do país, em cumprimento muito rigoroso de todas as recomendações (têm mais de 75 anos e a avó risco acrescido), só saem para comprar diariamente o jornal numa bomba de gasolina a poucos minutos de casa. Foram várias as tentativas para os convencer de que neste momento isso significava um perigo grande, que era urgente suspender a saída. Depressa nos fizeram saber que a manutenção deste hábito, mais do que nunca, era indispensável para que continuassem a sentir-se eles próprios.

A neta de 13 anos teve uma ideia: para diminuir o risco desta saída, ofereceu ao avô sete pequeninos sacos de plástico contendo cada um o valor certo para o PÚBLICO diário, distinguindo o valor de fim-de-semana que ao sábado também inclui o *Expresso*. E com eles, a promessa de que todas as semanas fará chegar mais sete saquinhos.

Assim, o avô comprará diariamente o jornal sem tocar em moedas nem grandes demoras e a avó continuará a ligar para partilhar novos artigos que darão sentido acrescido aos exigentes dias de quarentena de avós e netos.

*Margarida Mangerão, Aveiro*

### Velhos com dignidade

Os velhos que estavam nos lares, não foram à procura do vírus. Levaram-no lá como todos sabemos. Muitos por lá se despediram por isso mesmo. Agora que se vislumbra um pouco de luz ao fundo do túnel, vem Ursula von der Leyen, preparando-nos para o advir, dizer à rapaziada nova para se chegar à frente porque vai começar a ser preciso trabalhar e produzir. Quanto aos velhos, isso é outra coisa. Já não produzem nada e dão muita despesa por isso o melhor é ficarem confinados em casa pelo menos até Setembro. Alto lá dona Ursula. Eu não fico.

Quando acabar o estado de emergência preciso de ir cortar o cabelo que já me chega aos ombros. Preciso de cortar os calos. Quero ir comprar o jornal, beber uma bica ao café, ao jardim jogar uma bisca com os meus amigos e principalmente dar um abraço aos meus filhos e um grande beijinho aos meus netinhos. Se for proibido, então que me prendam.

*José Rebelo, Caparica*

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

**Pablo Casado**

A possibilidade de um pacto de regime pós-coronavírus em Espanha é cada vez mais uma miragem. A maioria dos espanhóis é favorável ao apoio da oposição à estratégia do Governo de Pedro Sánchez, mas um pacto político alargado tem sido inviabilizado pelo Partido Popular. Pablo Casado rejeitou falar a sós com o primeiro-ministro, a quem acusa de querer tirar dividendos políticos da crise. Deve ser isso o que Casado terá em mente (Pág. 29) **A.C.**

**Donald Trump**

Os EUA deciram suspender o financiamento da Organização Mundial de Saúde por um período entre 60 e 90 dias, na sequência das críticas que a agência da ONU tem vindo a fazer à errática gestão da crise da covid-19. Acontece que este "crime contra a humanidade" e "uma traição atroz contra a solidariedade global", como classificou ontem a decisão o director da revista médica *The Lancet*, coincide com o pico de necessidades da OMS. (Pág. 14/15) **A.C.**

## ESCRITO NA PEDRA

A calma impede que se cometam graves erros

Textos bíblicos

## SEM COMENTÁRIOS CHIADO, LISBOA

DANIEL ROCHA

## EM PUBLICO.PT

### Dois milhões de infectados

Como chegou o mundo a este número? Uma infografia interactiva para perceber a evolução da pandemia. publico.pt/multimedia

### Qual é o risco de infecção no meu concelho?

O Técnico desenvolveu um modelo matemático que resulta num mapa do risco de infecção por covid-19. É actualizado diariamente publico.pt

### Os desafios do teletrabalho

Como ter produtividade e estabilidade emocional nesta altura? Entrevista com Gonçalo Gil Mata, especialista em *performance* organizacional, no *podcast* 45 Graus publico.pt/impar

# Salvo pelo sarro

**Miguel Esteves Cardoso**
Ainda ontem

Alguns vitrais da Catedral de Notre-Dame de Paris foram salvos porque não eram limpos há mais de cem anos. A sujidade protegeu-os.

Note-se que não é uma sujidade qualquer. Não folguem já os petizes a tentar fugir ao banho em plena prisão domiciliária. Não é assim que se tornarão imortais.

São cem anos de folga de sabão. Pode parecer incúria. Mas incúria seria que ninguém se lembrasse de lavar os vitrais. Seria preciso que este esquecimento ocorresse todos os dias, a todos os funcionários da catedral, durante cem anos.

Não, o que me cheira ter protegido os vitrais do terrível incêndio foi aquilo a que chamarei uma desatenção compulsiva ou uma imundície calculada.

Qual é a diferença? Na desatenção compulsiva pensa-se constantemente em limpar os vitrais, mas decide-se estar quieto. Alguém diz: "Já passaram 30 anos, porra!" Mas tem-se a força de resistir: "É melhor não..."

É o poder das reticências. É o poder do ponto de interrogação: "Lavar os vitrais? Depois de tanto tempo?"

A certa altura – digamos depois dos primeiros 50 anos – foi preciso saber dar valor à camada de poeira, gordura sebácea, fuligem e cera de velas impactada com caspa e fumos de incenso. E concluir: "É como se fosse os vitrais tivessem sido milagrosamente ungidos."

Não é só *wabi-sabi* ou *patine*. É toda uma estrutura de porcaria anti-inflamatória.

Claro que o incêndio danificou esta camada protectora, impedindo que seja estudada a composição. Mas felizmente o prejuízo não é irreversível: daqui a cem anos teremos outra oportunidade.

# Mobilidade, confinamento e utopia

Elísio Estanque

## Nunca fui exilado, mas hoje é assim que me sinto. Confinado numa cidade do ex-bloco de Leste, vivo dias de perplexidade e angústia

Há seis meses atravessei a Europa, de Portugal até à Alemanha, numa viagem que me ofereceu motivos de inspiração, aprendizagem e reflexão, dos quais dei conta em dois artigos publicados neste jornal ("Anatomia de uma viagem", I e II, de 1 e 2 de outubro de 2019). Para além dos percursos inesperados para onde, na viagem, somos ao mesmo tempo transportados pelos trilhos da memória, foi exaltante a sensação de liberdade perante a ausência de fronteiras, passar de um país a outro sem que se note qualquer policiamento ou controlo, levando o viajante a sentir-se parte desse projeto fantástico que é a utopia de uma Europa moderna, aberta, multicultural, solidária e democrática. Os incríveis índices de mobilidade, visíveis no volume de viagens de avião, nos intensos fluxos das autoestradas transfronteiriças, nos dez milhões de estudantes que circulam desde há 30 anos pelas universidades europeias com apoio do programa Erasmus, a mobilidade da força de trabalho, com vários milhões de portugueses a circular por empresas e instituições transcontinentais, os permanentes encontros internacionais em torno de eventos de diversos tipos (os concertos, os encontros desportivos, os intercâmbios escolares, as cidades geminadas, as competições internacionais de futebol), enfim, a multiplicação das redes e grupos de trabalho, no mundo empresarial mas também em projetos de solidariedade e correntes de ativismo através do ciberespaço, são alguns dos exemplos reveladores da vida "nómada" (nomadismo virtual-real) a que nos habituámos ao longo das últimas décadas. A viagem e a evasão deixaram de ser um exercício exclusivo das elites ou uma extravagância de escritores e poetas. Tornaram-se opções importantes e acessíveis a todos nas democracias avançadas.

E, de repente, aqui estamos. Parados, num confinamento geral. Receando ver em cada desconhecido algum risco de contágio. Espreitando da janela o que se passa lá fora ou, munidos dos necessários apetrechos (máscaras, luvas, desinfetantes – quem não os pode comprar fabrica-os em casa), correndo agilmente entre a farmácia ou o supermercado e o apartamento. Reaprender a lavar as mãos, como se a natureza – além de nos punir – nos quisesse ensinar as coisas mais simples. Aquelas que nos passavam ao lado na nossa pressa diária em busca do vazio, como a atmosfera pesada e poluída das nossas cidades. Estaremos a pagar o preço pelos excessos cometidos: enquanto os pulmões humanos são asfixiados, os pulmões da natureza recuperam em poucas semanas elevados níveis de oxigenação. Mas se o sistema global funciona como um organismo, talvez estejamos a ser as cobaias desse vasto processo de regeneração e reciclagem, com a Terra a gerar novos anticorpos para se defender. O aviso está dado. Para preservar e revigorar a vida do planeta precisamos de reverter-nos de células cancerígenas em sistema imunológico da natureza, elaborando um "plano B" para o planeta A (o único que temos). O respeito pelo ambiente, a efetiva solidariedade entre nós, os humanos, como parte integrante da natureza, pode ser o antídoto da vertigem individualista que nos atingiu. Vivemos estes dias isolados, mas tomando consciência de que cada um de nós é um elo importante nesta corrente pela sobrevivência. Num isolamento que nos obriga a ressignificar o sentido de união e comunidade.

PAULO PIMENTA

> A extensão do desastre parece por à prova não só a nossa resiliência como sociedade mas também a nossa capacidade individual

A mobilidade como emancipação tem sido fortemente estimulada pelo mercantilismo exacerbado em que vivemos. Mas foi nele que muitos de nós nos habituámos aos modos de vida e condições de segurança que as sociedades ocidentais nos ofereceram, mais do que qualquer outro sistema experimentado até hoje. É do usufruto dessa liberdade e desse conforto que não estamos preparados para abdicar. Nem precisamos. Apenas há que travar o egoísmo e olhar para o outro lado. Não faz sentido prescindir das liberdades e direitos alcançados em nome de uma mítica alternativa igualitária e pós-capitalista. É certo que o mercado e a finança ganharam um poder excessivo com a globalização neoliberal. Mas, como há poucos dias afirmava uma das vozes mais críticas do atual modelo (Boaventura de Sousa Santos), o mercado e o capitalismo terão de ter, apesar de tudo, o seu espaço numa economia mista onde podem coexistir com modalidades organizativas de outro tipo, como o cooperativismo, a partilha solidária e outras "utopias reais". É por isso urgente travar e inverter a matriz anterior, recuperando alguns dos princípios keynesianos para redesenhar as políticas europeias (e nacionais) do futuro pós-pandemia. A centralidade do Estado social como ferramenta de coesão é agora ainda mais inquestionável.

Ao lado da mobilidade por opção existem, obviamente, os fluxos de mobilidade por obrigação ou necessidade. Os desastres humanitários causados pela fuga desesperada de milhões de migrantes e populações inteiras em luta pela sobrevivência são exemplos dramáticos. Outras calamidades do passado (a "peste negra" ou a "pneumónica", por exemplo) já mostraram que os veículos do vírus mortal podem ser as próprias vítimas de outros trânsitos (navegadores, comerciantes, escravos, exércitos, trabalhadores), como ocorreu durante a idade média e o colonialismo ou, atualmente, com o tráfico de mão-de-obra barata da era da globalização. Quando o negócio criminoso se conjuga com a facilidade de mobilidade e deslocalização de investimentos, estão criadas as condições para a propagação do contágio. E aí reside uma das perversidades dos nossos hábitos consumistas que objetivamente alimentam novas formas de servidão (ainda que ninguém pense nisso). São inúmeros os casos abusivos de exploração de força de trabalho oriunda das mais diversas latitudes, inclusive do continente asiático, como acontece na agricultura intensiva em estufas (nomeadamente no Noroeste alentejano). Há cerca de cinco anos, uma reportagem da Deutsche Welle (DW) divulgava a proliferação de centenas de microempresas chinesas na região da Toscana e Bergamo, no Norte de Itália (oficinas informais conhecidas por "*Capannoni*"), que terá atingido recentemente volumes da ordem dos 200 mil trabalhadores (muitos deles recrutados precisamente em Wuhan), a trabalhar e a viver em condições sub-humanas, inclusive denunciadas pelo Papa Francisco quando, em novembro de 2015, visitou a cidade de Prato, conhecida por "pequena China", naquela região. Exemplos idênticos foram noticiados em Barcelona no fabrico das nossas roupas de marca. Coincidência ou não, esses foram dois dos focos mais intensos de propagação da covid-19, justamente na sequência de viagens em ambos os sentidos por altura da entrada no novo ano chinês (25 de janeiro).

As autoestradas abertas e a imensa sensação de liberdade que ainda há pouco se ofereciam, naquela travessia, como promessa radiante para a Europa, ficaram de repente bloqueadas. Nunca fui exilado, mas hoje, como muitos outros, é assim que me sinto. Confinado numa cidadezinha do ex-bloco de Leste, vivo dias de perplexidade e angústia, embora no conforto de um sótão que nos permite adormecer olhando as estrelas. Por um lado, o ambiente tornou-se ainda mais calmo do que já era, permitindo-nos acordar ao som de um melro que pousa por hábito a escassos metros das nossas cabeças e canta descaradamente no meio do silêncio geral, ao romper da manhã. Pressente-se, em suma, um crescente contentamento da natureza, que está em contraciclo com o volume da calamidade humana, que continua a crescer. Saberemos recalibrar esse desequilíbrio? A extensão do desastre parece por à prova não só a nossa resiliência como sociedade mas também a nossa capacidade individual de interpretar os sinais e alterar hábitos enraizados. A utopia só é possível se soubermos tirar as lições do passado e aprender com o drama coletivo do presente. É possível preservar os direitos praticando a solidariedade, mas se a maioria de nós tem consciência disso, individualmente, será que os líderes políticos nos acompanham? Devem olhar para trás e refletir.

**Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; professor visitante da Universidade Friedrich-Schiller, Jena — Alemanha**

# Uma nova etapa através de um SNS dual

**Alexandre Lourenço**

A pandemia de covid-19 obrigou a uma reorganização ímpar do nosso modo de vida e das nossas sociedades, particularmente pelas medidas de distanciamento físico. Estas são justificadas pela impossibilidade de qualquer sistema de saúde ser capaz de responder a um problema de saúde de tal magnitude num tão curto período temporal.

Contudo, a implementação tardia destas medidas conduziu, em muitos casos, ao colapso da prestação de cuidados de saúde. A sua antecipação deu espaço e tempo para uma melhor preparação dos sistemas de saúde. Em ambos os cenários, a resposta à covid-19 secundarizou a prestação regular de cuidados de saúde, sendo que, no segundo, o impacto sobre a capacidade para manter serviços de saúde gerais é menor.

As medidas de distanciamento físico não são eternas e as suas consequências sobre a economia (incluindo os efeitos decorrentes do círculo vicioso pobreza/doença), organização social e saúde mental devem ser mitigadas. O seu afrouxamento deve pesar cuidadosamente estes efeitos, a dinâmica da epidemia e a capacidade do sistema de saúde para absorver novos picos. Por outro lado, o adiamento da prestação de cuidados de saúde conduzirá a perdas significativas na saúde e bem-estar das populações ainda não totalmente conhecidas.

Não existindo respostas simples ou rotas predefinidas, é obrigatório que todos os países readaptem e reequilibrem os seus sistemas de saúde. Em Portugal, a decisão atempada de implementar as medidas de distanciamento deu-nos tempo. Ao contrário de outros países, não sofremos uma rutura da prestação de cuidados e exaustão generalizada dos profissionais de saúde, sendo menos problemática a transição para um novo modelo de cuidados específicos para a covid-19 e cuidados gerais para a restante população: um Serviço Nacional de Saúde (SNS) Dual. O sucesso desta nova abordagem dependerá da capacidade para controlar a epidemia, estabilizar a resposta específica e assegurar os cuidados gerais. O SNS português não entrou nesta pandemia livre das suas virtudes, dos seus vícios ou dos seus problemas. Também não seria expectável que a pandemia os viesse a resolver. Contudo, para assegurar o suporte a esta estratégia dentro e fora do sistema de saúde, será necessário reforçar o modelo de gestão, a transparência e a comunicação.

O controlo da epidemia deve ser assegurado pelo gradualismo do afrouxamento das medidas de mitigação, podendo ser geográfica e populacionalmente diferenciado, pela universalização da utilização de equipamentos de proteção individual e pela revisitação e reforço das medidas de contenção. Os serviços de saúde de proximidade, com o apoio das forças policiais e serviços municipais, devem ser capacitados para a estratégia "testar, localizar e isolar".

O SNS Dual exige a definição da rede de prestação covid-19, incluindo cuidados de saúde primários, hospitais e cuidados extra-hospitalares. Esta clarificação permitirá responder de forma planeada e ordenada, alocar os recursos necessários à covid-19 e libertar os restantes para a resposta genérica. Nesta linha, muitas instituições poderão ficar totalmente disponíveis para as necessidades gerais, referenciando adequadamente doentes suspeitos para as instituições capacitadas. As instituições em modelo dual definirão circuitos autónomos, permitindo a segregação de doentes e profissionais. Por outro lado, deverão manter capacidade em estado de prevenção para eventuais picos de procura. As novas tecnologias, a integração de cuidados com o setor social e o aprofundamento de novos modelos organizacionais, como os Centros de Responsabilidade Integrados, potenciarão o acesso a cuidados de saúde gerais.

Evidentemente, este caminho depende da disponibilidade generalizada de testes e de equipamentos de proteção individual. Certamente, será desejável evitar uma política de aquisições e distribuição de bens do tipo "salve-se quem puder", ficando as instituições reféns da boa vontade da comunidade.

**O tempo, o esforço e as vidas que ganhámos devem servir para preparar o longo caminho que temos pela frente**

Existirá tempo para avaliar a resposta nacional a esta pandemia. Não é esse o momento. Contudo, devemos ser inteligentes e aprender com os erros e sucessos passados. O tempo, o esforço e as vidas que ganhámos devem servir para preparar o longo caminho que temos pela frente.

Uma nota final. A experiência demonstra-nos que em tempo de crise económica a despesa pública em Saúde sofre grandes cortes. Saibamos desta vez compreender que essa não é a solução.

**Presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares**

# Covid-19: impacto nos doentes oncológicos

**Vítor Veloso**

A pandemia da covid-19 é um dramático acontecimento que atinge transversalmente toda a população mundial, com situações epidemiológicas diversas e ainda não explicáveis. Por exemplo, o mapa que nos é apresentado diariamente pela Direcção-Geral da Saúde (se real e numericamente correcto) é um enigma que divide diversos especialistas, autarcas, entidades de saúde e até políticos.

Com humildade deveremos assumir que o Serviço Nacional de Saúde não estava, de modo nenhum, preparado para esta pandemia, tal como a grande maioria dos países.

Compreendemos e assumimos que o seu combate é uma prioridade e que todas as potencialidades, bem como a organização e reestruturação de todas as instituições hospitalares e de cuidados primários de saúde procuraram, de maneiras diferentes, responder.

Há, no entanto, sem entrar na discussão epidemiológica dos diferentes aspectos da pandemia, situações que não estão a ser devidamente acauteladas, como, por exemplo, a dos doentes idosos e infectados em todos os lares do país. Estes não têm sido internados nos hospitais e são mandados regressar aos lares que não têm as mínimas condições de os receber — sem pessoal, sem material, sem formação e sem isolamento minimamente adequado. Será um princípio de uma selecção natural? Será que desistimos de investir nos idosos e menos privilegiados? Também não se compreende porque os profissionais de saúde não são todos testados de imediato e, posteriormente, de modo periódico.

Fundamentalmente, a razão destas considerações remete para o esquecimento de várias patologias que estiveram acauteladas e que, neste momento, são sistematicamente secundarizadas. Há outras doenças que vão matar muito mais portugueses do que a pandemia da covid-19 — AVC, enfarte e cancro.

Nomeadamente no cancro, o panorama é cada vez mais aterrador, pois, para além de uma maior incidência, há uma enorme dificuldade na acessibilidade em todos os campos — primeiras consultas, diagnóstico, tratamentos e *follow-up*.

Com efeito, as situações dos doentes com cancro não estão ser acauteladas. Descurar a luta e os pequenos sucessos que vínhamos a ter no campo da oncologia, de modo lento mas progressivo, vai representar um retrocesso de vários anos.

As listas de espera, já assumidas há vários meses por hospitais da especialidade, vão aumentar de modo exponencial.

Os doentes com cancros iniciais, que atempadamente seriam curados, ou aqueles que teriam uma longa sobrevivência com qualidade de vida terão muito menos esperança que isso aconteça.

Veremos no final do ano que, estatisticamente, as mortes por cancro e a diminuição da sobrevivência aumentarão exponencialmente. Anteriormente, todos estes cuidados de saúde e, sobretudo, a acessibilidade era razoável (não boa), mas presentemente assiste-se a uma completa deterioração e desorganização relativamente aos doentes com cancro.

Não há linhas condutoras para os diversos hospitais públicos e cada conselho de administração, dentro das suas exíguas capacidades, desenha planos de contingência que pensam ser os melhores. Há esforço, há queixas, há insuficiências intransponíveis e as soluções apresentadas para os doentes são diferentes e adaptadas às realidades existentes.

**Há doenças que vão matar muito mais portugueses do que a pandemia da covid-19 — AVC, enfarte e cancro, em que o panorama é cada vez mais aterrador**

Uma nota para referir que as normas emanadas pela Direcção-Geral da Saúde em 4 de Abril, e relativas aos doentes com cancro, embora teoricamente e na generalidade estejam correctas, são meros indicadores de ideias e prazos que ninguém vai poder cumprir.

Como nota final, um aplauso para o civismo da população e, de modo especial, para os profissionais de saúde que têm tido um comportamento exemplar e se têm entregado de alma e coração às múltiplas solicitações, pondo em risco, por falta de meios e também pelo esforço despendido, a sua própria saúde e vida.

Temos esperança de que esta situação se resolva o mais rapidamente possível, pois, para além da covid-19, há muita vida para viver e inúmeros doentes para tratar de modo adequado e em tempo útil.

**Presidente do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa contra o Cancro**

# PS celebra 47 anos com conferência e debates nas redes sociais

Obrigada a festejar o aniversário do partido em confinamento, a direcção socialista saltou para as redes sociais. Os convidados vão de Manuel Alegre a Arons de Carvalho. Costa e César também entram na festa

**Aniversário**
São José Almeida

O PS prepara-se para assinalar os seus 47 anos, que se celebram no próximo domingo, 19 de Abril, apenas com iniciativas transmitida nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram já a partir de amanhã. As sessões incluem uma conferência sobre "Populismo *vs.* democracia", dois debates dos Diálogos entre Gerações e mensagens de vários dirigentes.

Não querendo deixar de assinalar a data, a direcção socialista adaptou a festa de anos do partido à nova realidade de estado de emergência e de pandemia que o país vive, situação que impede iniciativas presenciais, explicou ao PÚBLICO o secretário-geral adjunto, José Luís Carneiro.

Apesar do desafio que representa organizar três dias (17, 18 e 19 de Abril) de iniciativas, todas a decorrer digitalmente e com os participantes em suas casas, o "número dois" do Partido Socialista mostrou-se convicto de que os meios digitais vão resultar e ter impacto. Isto, porque este partido tem cerca de cem mil seguidores no Facebook, entre 25 e 30 mil no Twitter e entre 15 e 20 mil no Instagram.

### Costa e César em gravação

No dia do aniversário, domingo, a emissão nas redes sociais começa às 10h com uma declaração previamente gravada pelo presidente do PS, Carlos César. Outro momento institucional das comemorações desse dia é a intervenção gravada pelo secretário-geral e primeiro-ministro, António Costa, que será transmitida durante a tarde.

Mas os momentos institucionais ao nível da direcção máxima do PS começam já amanhã, com uma intervenção do secretário-geral adjunto, José Luís Carneiro. Este será, aliás, o momento do arranque das comemorações. No dia seguinte, a intervenção institucional será feita pela líder parlamentar, Ana Catarina Mendonça Mendes, que ocupava o cargo de secretária-geral adjunta nos últimos actos eleitorais.

NELSON GARRIDO

Partido Socialista celebra o 47.º aniversário em plena fase de isolamento social

## Carneiro elogia "a responsabilidade da liderança"

### Dirigente socialista recorda construção da democracia em Portugal

O secretário-geral adjunto do PS, José Luís Carneiro, salienta o papel que o Governo de António Costa tem tido no combate à pandemia da covid-19 em Portugal, ao afirmar ao PÚBLICO: "Mais uma vez, [no Partido Socialista] temos a responsabilidade da liderança num momento decisivo para o país."

Assumindo que a celebração do 47.º aniversário "será diferente", por se realizar apenas através de redes sociais e sem cerimónias presenciais, Carneiro considera que a festa de anos dos socialistas "tem, em si, a marca de que, mais uma vez, a sociedade tem no PS a grande força de referência do presente e de projecção no futuro".

O "número dois" do partido sublinha que, "em várias épocas, o PS liderou o Governo" e, por vezes, "em momentos críticos, como 1975-1976, momento crucial em que o PS teve de travar a degradação da democracia portuguesa". E lembra que, "já nesse processo de transição, Portugal foi olhado como o despertar das novas democracias, como o modelo que inspirou outras transições democráticas".

Fazendo o paralelo com o presente, Carneiro advoga que o "mesmo aconteceu nos últimos anos", considerando que "o PS foi determinante para conduzir o país no percurso para vencer as dificuldades da crise" das dívidas soberanas em 2011. Indo mais longe, o secretário-geral adjunto do PS defende: "E hoje, com toda a crise que vivemos, Portugal é assinalado como uma referência [no combate à pandemia] pela imprensa internacional."

Daí que garanta que "celebrar o 47.º aniversário do PS é o mesmo que celebrar a construção e preservação da democracia" em Portugal, mas também uma forma de "valorizar a memória como inspiração do presente e alicerce do futuro", já que "o PS é um partido que, vindo da clandestinidade, tem uma história de construção da liberdade".

**S.J.A.**

No domingo à tarde realiza-se a conferência digital *online* Populismo *vs.* Democracia com a participação à distância do historiador António Costa Pinto, coordenador do Instituto de Ciências Sociais (ICS); da investigadora em Ciência Política Marina Costa Lobo, investigadora principal também do ICS; do economista político Carlos Jalali, director do programa de doutoramentos em Ciência Política da Universidade de Aveiro; e do especialista em Ciência Política José Santana Pereira, investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. A conferência conta ainda com a participação de João Marecos, do *site* Os Truques da Imprensa Portuguesa, e é moderada pelo jornalista Filipe Santos Costa.

### Arons e Alegre com jovens

Mas logo amanhã, dia 17 de Abril, realiza-se a primeira sessão do Diálogo entre Gerações, iniciativa que, como o PÚBLICO noticiou, porá em debate personalidades de referência do PS, com mais idade, e pessoas mais novas. Assim a primeira sessão será protagonizada pelo fundador e primeiro secretário-geral da JS, Arons de Carvalho, e a actual líder da JS, Maria Begonha, moderada pela deputada Rosário Gamboa.

Depois de amanhã, a segunda sessão do Diálogo entre Gerações conta com a presença do ex-candidato presidencial Manuel Alegre, da escritora Filipa Martins e da estudante de Medicina Filipa Maia. A moderação será feita por Guilherme W. d'Oliveira Martins, ex-secretário de Estado das Infra-estruturas (entre 2015 e 2019).

Ao longo de todo o mês de Abril, o PS tem promovido, através de *posts* nas três redes sociais, uma campanha sobre 47 opções políticas e governativas tomadas pelos socialistas que marcaram a democracia portuguesa e o país.

Esta campanha dá seguimento a uma iniciativa que foi lançada no ano de 2018, para assinalar o 45.º aniversário do partido, mas foi entretanto actualizada com os últimos dois anos.

sao.jose.almeida@publico.pt

NUNO FERREIRA SANTOS

Rui Rio defende (o)posição patriótica que resista à tentação de agravar os ataques ao executivo

# Rio rejeita aproveitar-se da crise. Justino não abdica de "escrutínio democrático"

**Partidos**
Sofia Rodrigues

**CDS e Iniciativa Liberal defendem que fazer oposição "não é antipatriótico", ao contrário do que diz Rui Rio**

O líder do PSD fez um apelo à unidade nacional e criticou os políticos que "não resistem à tentação de agravar os ataques aos Governos em funções", fazendo um aproveitamento partidário das "fragilidades" da gestão da crise gerada pela pandemia. Esta atitude "não é patriótica", sustentou Rui Rio numa carta que escreveu ontem aos militantes do PSD. Horas depois, David Justino, vice-presidente do partido, dizia na TSF que não abdica "de um escrutínio democrático", aproveitando para criticar a excessiva exposição de António Costa.

No texto, enviado por email e disponibilizado no *site* do partido, o líder dos sociais-democratas desafia à união e solidariedade no combate à pandemia, tendo em conta a "gravidade da situação".

Rui Rio lamentou os que na "vida política" não têm demonstrado essa união, mas sem apontar nomes. "Não raras vezes, aparecem os que não resistem à tentação de agravar os ataques aos Governos em funções, aproveitando-se partidariamente das fragilidades políticas que a gestão de uma tão complexa realidade sempre acarreta. Em minha opinião, essa não é, neste momento, uma postura eticamente correcta. E não é, acima de tudo, uma posição patriótica", defendeu, acrescentando que "o que as pessoas querem (e bem!) é eliminar o vírus o mais depressa possível, dispensando uma instabilidade política que só dificulta o que (...) não é fácil de resolver".

Como líder da oposição, o presidente do PSD recordou que tem tido "uma atitude de cooperação" com o Presidente e com o Governo e que isso tem sido bem recebido. "Dos ecos que me vão chegando, concluo que a maioria dos nossos militantes tem também apoiado e assumido esta postura, o que não só me satisfaz, como muito me orgulha", referiu.

Já depois de esta carta ter sido divulgada, David Justino criticava os excessos mediáticos de António Costa no programa *Almoços Grátis* da TSF. "Nas últimas duas semanas, o primeiro-ministro deu sete entrevistas, mais três conferências de imprensa, avisou os jornalistas que ia às compras e foi à RTP assistir à primeira sala de aula", enumerou.

"Esta ocupação de espaço mediático não são as medidas do Governo. Aquilo em que não me importo de não ser patriótico é denunciar esta sobreocupação do espaço mediático por parte do primeiro-ministro", acrescentou o dirigente do PSD que faz parte do "núcleo duro" de Rio.

À direita, a declaração de Rui Rio não foi poupada a críticas. O líder do CDS aproveitou para criticar o PSD (sem nomear o partido) por ter chumbado a proposta dos apoios aos sócios-gerentes das pequenas empresas, apresentando depois um diploma no mesmo sentido. O centrista criticou os que pedem "patriotismo e unidade nacional" e depois têm estas atitudes, e pediu uma oposição "responsável, construtiva, que também aponte o que corre mal".

João Cotrim de Figueiredo, da Iniciativa Liberal, pediu aos restantes partidos que usem o seu sentido crítico e disse que, ao contrário de outros, "a IL não acha que é antipatriótico fazer oposição" nesta fase.

srodrigues@publico.pt

# Manuel Machado apela à confiança das autarquias no Estado

**Entrevista**
Nuno Ribeiro

**As autarquias têm boa situação financeira para garantir o socorro imediato das pessoas, garantiu o presidente da ANMP**

O presidente da Associação Nacional dos Municípios Portugueses (ANMP), Manuel Machado, apelou à confiança das autarquias no Estado. "Temos de confiar nas instituições do Estado, a Direcção-Geral de Saúde [DGS] tem um papel insubstituível, não tenho razões para duvidar", disse o responsável da ANMP e presidente da Câmara de Coimbra.

"Tudo tem vindo a melhorar e a confiança não foi quebrada", garantiu ontem, em entrevista à Antena 1. "Há sempre necessidade de aperfeiçoamento, por isso apelei a um esforço assumido [da administração central] com as autarquias", insistiu. "Fiz este apelo para todos congregarem esforços, sem pôr em causa as suas competências", justificou.

Manuel Machado reconheceu que no início do combate à pandemia de covid-19 existiram redundâncias entre as administrações, "até repetição de actos escusados". Actualmente, garantiu, a situação é outra. "É necessário melhorar a articulação dos serviços, partilhar a informação, as redundâncias, já melhoraram e estamos todos a aprender todos os dias."

Manuel Machado preside à Câmara de Coimbra e à ANMP

Quanto à polémica da diferença dos números de infectados apurados pelas autarquias e os divulgados pela Direcção-Geral da Saúde, foi pragmático: "As autarquias podem divulgar os seus números, mas recomendo cuidado, porque, como está convencionado e é feito diariamente, é a DGS que os revela com os seus critérios científicos". No entanto, admitiu que o acesso, pelos autarcas, aos números mais imediatos tem efeitos positivos. "Pode antecipar as soluções. Para mobilizar meios de socorro, é diferente evacuar um lar com centenas de pessoas e uma residência com dezenas..."

Quanto ao conhecimento dos munícipes em confinamento, considerou que o nome e a morada desses pacientes não é obrigatório. "Compete à DGS e às forças de segurança, mas precisamos de saber se numa determinada povoação existem situações [de infectados], sempre com o respeito dos direitos, liberdades e garantias."

### Câmaras têm dinheiro

Quanto à recolocação nos lares de origem de idosos diagnosticados como casos positivos após internamento hospitalar, uma das queixas de autarcas sobretudo do Norte, considerou que a situação já é diferente: "Tem vindo a melhorar. Em vez de pavilhões, a opção das autarquias foi a de alugar hotéis e muitos se disponibilizaram por todo o país."

"A responsabilidade é das administrações regionais de saúde, da Segurança Social e dos delegados de saúde. O nosso desejo é que haja uma conduta homogénea a nível nacional e haja o reforço dos meios humanos, da GNR e dos serviços de Protecção Civil", continuou.

Do mesmo modo, Manuel Machado defendeu uma participação nas autarquias na educação, exemplificando que a Câmara Municipal de Coimbra comprou equipamentos informáticos para os estudantes que não os tinham. "Vão ficar com eles até ao Natal. Depois veremos se são devolvidos. Não é o que nos preocupa agora..."

"As autarquias têm boa situação financeira e, perante as dificuldades, temos crédito para garantir o socorro imediato das pessoas", concluiu.

nribeiro@publico.pt

# Apoio da Caixa de Previdência dos advogados "é insuficiente"

Redução de escalão contributivo durante dois meses ou em alternativa adiamento das mensalidades são as soluções aprovadas. Há quem ameace deixar de pagar. Bastonário aprova, mas diz que não chega

**Justiça**
**Ana Henriques**

A Caixa de Previdência dos Advogados e Solicitadores (CPAS) aceitou por fim prestar algum auxílio aos seus sócios cujos rendimentos foram afectados pela pandemia covid-19, muito embora haja quem considere que as medidas aprovadas ontem à tarde pecam por serem magras. Mesmo assim, e segundo contas da direcção desta instituição privada, implicam uma redução nas suas receitas da ordem dos 25 milhões de euros – parte dos quais não voltarão aos seus cofres.

Depois de muita insistência por parte de advogados e solicitadores no sentido de lhes ser prestado auxílio, a CPAS aceitou que os sócios possam adiar o pagamento das suas contribuições relativas aos meses de Abril, Maio e Junho até Outubro, Novembro e Dezembro. Os beneficiários que não consigam proceder ao pagamento integral neste prazo podem proceder fazê-lo em prestações mensais até ao ano que vem.

Em alternativa a esta possibilidade, vai ser facultada a advogados e solicitadores a hipótese de verem reduzido o seu escalão contributivo durante os meses de Maio e Junho. Tendo em conta que um grande número de profissionais se posiciona num escalão em que pagam 250 euros mensais, esta redução permitir-lhes-á ficarem a pagar cerca de metade deste montante nos dois meses em causa.

Quem quiser usufruir de uma ou de outra medida não pode ter quotas em atraso (a não ser que tenha negociado um plano de pagamento dos montantes em dívida) e será obrigado a entregar comprovativos de uma quebra dos rendimentos da actividade profissional não inferior a 40%. Abrangidos por estas ajudas estão ainda todos aqueles que tiverem sido ou venham a ser infectados por covid-19, que estiveram ou venham a estar em isolamento por causa da pandemia ou que tenham tido de cuidar de filhos (ou de outros dependentes) nessa situação.

As medidas propostas pela direcção da CPAS foram aprovadas pelos bastonários das duas classes profissionais, mas receberam seis votos desfavoráveis (em 20) por parte de membros do conselho geral da instituição, que as consideraram escassas para as necessidades que se fazem sentir nesta altura.

Apesar do seu voto, o próprio bastonário dos advogados tem a mesma opinião: em declarações à agência Lusa classificou-as como "claramente insuficientes" e manifestou esperança de que possam ainda ser revistas e melhoradas pela direcção da Caixa de Previdência. A Ordem dos Advogados lamentou recentemente que a Assembleia da República tenha rejeitado, a 8 de Abril, três projectos de lei do PCP, CDS-PP e PAN, e um projecto de resolução do BE que previam medidas de apoio para advogados e solicitadores no âmbito da pandemia, incluindo a aplicação da mesma protecção concedida pelo governo aos trabalhadores independentes. Apesar de defendida pela Provedoria de Justiça, a equiparação não se concretizou até agora.

"Os advogados e solicitadores estão muito revoltados. Sentem-se abandonados pelas suas estruturas", descreve o advogado Paulo Edson Cunha, que tem sido uma das vozes críticas da actuação da Caixa de Previdência. "Pagar em Outubro, Novembro e Dezembro (ainda que com a possibilidade de duodécimos)? Por acaso estão neste mundo?", perguntou à direcção da CPAS durante a reunião de ontem à tarde. "Sabem que esta será a maior crise dos últimos cem anos? Só vos digo o seguinte: o dinheiro para pagar as quotas sai do bolso dos advogados, solicitadores e agentes de execução, que por sua vez precisam de ter clientes e que estes tenham dinheiro. Ora nós nem temos uma coisa, nem outra. Logo, não teremos dinheiro, logo não pagaremos".

Para este profissional, a solução devia passar por um perdão das quotas da Caixa de Previdência durante três meses, nem que para isso os reformados mais abonados tenham de abdicar de parte das suas reformas. "Enquanto houver esta pandemia não pagarei mais. E como eu, centenas e centenas de colegas o farão", garantiu Paulo Edson Cunha.

Entretanto, o bastonário dos advogados é recebido hoje pela ministra da Justiça, não tendo Menezes Leitão adiantado qual a agenda dos assuntos a serem debatidos.

ana.henriques@publico.pt

RUI GAUDÊNCIO

**Os advogados, solicitadores e agentes de execução descontam para uma caixa própria e querem ser apoiados durante esta crise**

> **Sabem que esta será a maior crise dos últimos cem anos? Pagar em Outubro, Novembro e Dezembro? Por acaso estão neste mundo?**
>
> **Paulo Edson Cunha**
> Advogado

# Funcionários não serão despedidos, diz ministério

## Educação

O Ministério da Educação garantiu ontem que "não tem previsto dispensar qualquer trabalhador não-docente no final do actual ano lectivo", reagindo deste modo a uma denúncia da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais de que está a preparar uma vaga de "despedimentos de larga escala em escolas da rede pública".

Nesta denúncia, que foi noticiada terça-feira pelo PÚBLICO, a federação avançava que estava em causa o "despedimento de 2500 trabalhadores não-docentes das escolas da rede pública, cujos contratos a termo deveriam terminar a 31 de Agosto". E que seriam agora prorrogados no âmbito das medidas de excepção adoptadas para combater a pandemia, quando "estes trabalhadores já deveriam ter celebrado os seus contratos sem termo", especificava a federação.

Na sua nota, o ministério frisa que "a prorrogação de contratos a termo resolutivo, prevista no artigo 17.º do Decreto-Lei n.º 14-G/2020, visa apenas ajustar o *terminus* do actual calendário escolar aprovado por este diploma legal", que estabelece quais as "medidas excepcionais e temporárias na área da educação, no âmbito da pandemia da covid-19".

A denúncia tinha partido da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais

O ministério lembra que desde 2016 tem prorrogado "sucessivamente todos os contratos a termo de pessoal não-docente, enquanto decorriam os procedimentos PREVPAP [Programa de Regularização Extraordinária dos Vínculos Precários na Administração Pública], que tinham como objectivo a vinculação permanente na Administração Pública de mais de 4000 trabalhadores não-docentes".

E adianta também que o Orçamento do Estado para 2020 "determina uma nova revisão da 'portaria dos rácios' [que estabelece o número de funcionários por escola], o que implicará um aumento significativo do número de trabalhadores não-docentes ao serviço nas escolas públicas portuguesas". **PÚBLICO**

# Direcção do *Diário de Notícias* demite-se e jornal *O Jogo* entra em *layoff* parcial

## Media

### Potenciais cortes ligados aos efeitos da pandemia da covid-19 nos *media* estão na origem do pedido de demissão

JOSE SARMENTO MATOS

Os jornalistas Ferreira Fernandes e Catarina Carvalho, que ocupavam os cargos directivos do *Diário de Notícias* (*DN*), demitiram-se e o conselho de administração do Global Media Group (GMG, proprietário do *DN*) aceitou o pedido de demissão, informa o mesmo, em comunicado divulgado ontem. O actual subdirector do jornal, Leonídio Paulo Ferreira, vai ser o director interino da publicação.

No mesmo comunicado, a administração do grupo manifesta confiança em Leonídio Paulo Ferreira "para dar continuidade a uma informação plural, de rigor e isenção, como é timbre" do jornal centenário, e dirige ao ex-director e à ex-directora executiva "um profundo agradecimento" pelos dois anos de trabalho ao leme do jornal, "num contexto especialmente difícil para a generalidade da imprensa em Portugal".

Nos últimos dois anos, o *Diário de Notícias* passou por várias transformações, sendo a principal passar a ser editado em papel apenas uma vez por semana – primeiro ao domingo, depois e actualmente, ao sábado –, mantendo a sua edição de segunda a sexta-feira em formato digital.

Numa carta endereçada ontem à redacção do *DN* e a que o PÚBLICO teve acesso, Ferreira Fernandes revela que a sua direcção foi informada "pela administração que a crise da covid-19 vai levar o grupo GMG a medidas em que a redacção do *DN* está entre as mais atingidas". Lamentando essa decisão, escreve, "não podem continuar na direcção" do jornal.

O PÚBLICO apurou que também o jornal desportivo *O Jogo* entrará em regime de *layoff* esta semana. O jornal continuará a ser publicado, mas os trabalhadores sofrerão, em média, um corte salarial de 33% nos próximos três meses. O PÚBLICO tentou entrar em contacto com o Global Media Group, mas, até agora, sem sucesso. Desde meados de Março, a pandemia da covid-19 e as crescentes restrições à circulação, fecho de postos de venda e quebras na publicidade levaram os grupos de *media*, o Sindicato dos Jornalistas e partidos como o Bloco de Esquerda a pedir apoio do Governo para a comunicação social, dadas as suas fortes perdas de receitas. Na semana passada, o administrador da Global Afonso Camões admitia ao PÚBLICO que decorriam conversações com as direcções das várias publicações e órgãos de informação detidos pelo grupo para "procurar a sustentabilidade da empresa", não afastando a possibilidade de recorrer ao *layoff* em diferentes moldes e entre vários cenários em cima da mesa.

**Na carta enviada à redacção, Ferreira Fernandes revela que "a redacção do *DN* está entre as mais atingidas" pelas medidas decididas pela administração**

Na mesma carta enviada aos jornalistas da sua publicação, Ferreira Fernandes recorda como com Catarina Carvalho aceitou o convite para cumprir o plano da administração de "passar o *DN* a jornal digital com uma edição semanal em papel" em 2018 e que a sua direcção "diagnosticou os males" do jornal – "empresa e estruturas de apoios sobredimensionados". Recorda ter defendido uma "organização mais ágil, mais pequena, mais nova e mais barata" e até a ideia de "transformar o *DN* em fundação, embora ligado à empresa, dedicado à cidade e trabalhando como jornal-escola, com universidades".

A resposta da administração, escreve o ex-director do jornal, "argumentando com as dificuldades financeiras", era uma "reestruturação que, na prática, significava cortes na redacção" – o que a direcção do *DN* "não aceitava" sem a sua integração "num plano do que fazer com o *DN*".

Em Fevereiro, último mês integralmente não-afectado pelas medidas de contenção e, depois, estado de emergência devido ao novo coronavírus, o *Diário de Notícias* teve uma circulação impressa paga de 5399 exemplares, segundo os dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem (APCT), o que representava uma perda de 35,4% em relação ao período homólogo de 2019. Tal como os restantes principais *sites* de informação generalista e económica, o *DN* viu em Março a sua audiência subir no ranking netAudience da Marktest.

Catarina Carvalho e Ferreira Fernandes vão manter-se no grupo e ligados ao *Diário de Notícias*, indica ainda a nota datada de ontem. Leonídio Paulo Ferreira é jornalista do *Diário de Notícias* desde 1992 e especializado em jornalismo de política internacional. **PÚBLICO**

# As costureiras do bairro cosem ponto a ponto para bem de todos

Alguns projectos de desenvolvimento local sediados em bairros carenciados de Lisboa voluntariaram-se para costurar máscaras para o pessoal hospitalar. Mais de mil ficaram prontas em poucos dias

**Pandemia**
**João Pedro Pincha**

FOTOS: RUI GAUDÊNCIO

As crianças de duas escolas de Marvila, em Lisboa, andavam entusiasmadas a preparar a lembrança para o Dia do Pai quando a pandemia chegou e deixou tudo em suspenso. Com as escolas fechadas, as aulas de costura pararam e as carteiras de tecido com um botão e um coração ficaram a meio. Os alunos, a maioria rapazes, ficaram desgostosos, mas não mais do que as senhoras que os estavam a introduzir na arte de bem coser todo o pano.

Desocupadas, já com 70 e muitos anos, impossibilitadas de ir à Associação de Reformados do Bairro do Condado, recolheram-se em casa quando o país parou, mas estava a custar-lhes não fazer nada. Quando a Câmara de Lisboa foi contactada para ajudar a produzir máscaras hospitalares, já Lurdes Santos tinha telefonado à autarquia a dizer que ali havia gente pronta a trabalhar.

E assim foi. Em poucos dias, do Bairro do Condado saíram 350 cógulas que agora serão distribuídas pelos hospitais da Grande Lisboa. Trata-se de um capuz, fabricado em tecido não tecido (TNT), que cobre o cabelo, grande parte da cara, o pescoço e parte do peito. É uma das várias camadas com que o pessoal hospitalar tem de se proteger por estes dias — e muitas destas peças terão o dedo de costureiras do Condado, da Quinta do Cabrinha, do Rego, da Almirante Reis.

É nestas zonas da cidade que funcionam alguns dos projectos BIP/ZIP, um programa da câmara que anualmente apoia associações e redes locais em actividades que melhorem a vida de quem mora nesses bairros (B) ou zonas (Z) de intervenção prioritária (IP).

"Há cerca de dez dias a Faculdade de Arquitectura contactou-nos no sentido de podermos accionar os BIP/ZIP ligados à costura e à modelagem", explica Paula Marques, vereadora da Habitação e Desenvolvimento Local. É naquela faculdade lisboeta que o arquitecto Marco Moreira está a desenhar e a fazer os moldes de cógulas, no âmbito da iniciativa Portugal COnVIDa Todos. As máscaras saem dali para as costureiras e regressam já prontas, sendo etiquetadas e entregues à Administração Regional de Saúde Lisboa e Vale do Tejo, que se encarrega de as distribuir pelos hospitais.

"Foi muito interessante ver a resposta pronta dos projectos e a resposta pronta das pessoas envolvidas nos projectos", salienta Paula Marques. "Deixámos de poder levar os nossos ensinamentos às crianças, ajudamos de outra forma", comenta Acácio Gonçalves, tesoureiro da associação de reformados do Condado, onde já esperam a chegada de mais moldes.

**De Oliveira de Frades veio o tecido, da Faculdade de Arquitectura os moldes e das mãos das costureiras saíram as máscaras hospitalares**

Enquanto isso, as ideias não param. Lurdes Santos, que coordena na associação o projecto De Pequenino Se Faz o Figurino, o tal BIP/ZIP que junta crianças e idosas pela costura, pôs-se a matutar em como produzir as máscaras clássicas, só para nariz, boca e queixo, que têm tido grande procura. "Não havia tecido deste em lado nenhum. Tentámos no Cacém, em Alcobaça...", diz, já com a primeira máscara nas mãos, decorada com ursinhos. "Isto veio tudo de Oliveira de Frades, de uma pessoa que tem lá uma loja fechada. São dez metros de TNT e mais 30 de elástico", explica. "Estamos a ajudar um pequeno negócio em Oliveira de Frades", congratula-se um dos membros da associação.

## Uma rede para a cidade

É como um ciclo. "Foi o primeiro BIP/ZIP que nos permitiu comprar as máquinas de costura", refere Conceição Cerqueira, também da associação, aludindo ao projecto anterior a este, Escola Avós e Netos, que tinha outras valências para além da costura. As máquinas que a câmara ajudou a pagar servem agora para dar algo em troca. "Faz sentido pormos à disposição da cidade o resultado das políticas e do investimento público", afirma Paula Marques na Escola Mestre Arnaldo Louro de Almeida, onde na terça esteve a entregar *kits* de cógulas a mais costureiras.

Neste caso as voluntárias integram o projecto Entre Nós, que trabalha com mulheres e crianças dos bairros do Rego, Quinta do Cabrinha e Ceuta Sul. Sediado em dois agrupamentos escolares (Francisco Arruda e Marquesa de Alorna), este BIP/ZIP tem várias vertentes. Uma delas põe mães, avós e respectivos filhos ou netos a costurar e a produzir pequenos objectos para brincar. "Já fizemos os figurinos para a festa de Natal da escola e neste momento estávamos a fazer roupas para a casa das bonecas do jardim infantil", explica Raul Lapa, da Associação de Moda Africana de Lisboa, que lidera o projecto.

Uma das mães, Raquel, já se ocupava com pequenos arranjos e trabalhos de costura, quando perguntaram à filha se queria participar no *workshop*. Suspensas as actividades lectivas, viu-se também sem essa fonte de sustento e pondera agora quantos *kits* há-de levar. "A única coisa que eu faço é fazer os deveres com a minha filha e brincar com ela. Estou com tempo de sobra!", conclui, decidindo-se por levar três *kits* — ou seja, 150 cógulas.

"Eu vou fazer uma aula por Zoom", diz Raul Lapa, sublinhando que o projecto pode manter-se a funcionar "porque a maioria das pessoas tem máquina de costura em casa". Da Mestre Arnaldo Louro de Almeida saíram os *kits* para 500 cógulas que nos próximos dias serão cosidas pelas integrantes do Entre Nós.

Depois de ter distribuído o material para 1050 cógulas na semana passada — no Condado e na Almirante Reis, onde há um BIP/ZIP das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor focado sobretudo em mulheres negligenciadas —, a câmara admite que mais projectos venham a integrar esta iniciativa e que a produção aumente. Para Paula Marques, isto mostra o sucesso da estratégia BIP/ZIP. "Significa que esta rede local funciona", diz a vereadora.

joao.pincha@publico.pt

# Cotadas fazem AG à distância mas poucas recuam nos dividendos

Pandemia transforma as AG em encontros virtuais, mas os riscos para a actividade económica não alteraram os planos para dividendos de muitas cotadas do PSI-20. Decisão cabe aos accionistas, dizem

**Empresas**
Ana Brito

A necessidade de adaptação aos tempos de pandemia chega a todos os sectores e circunstâncias e as assembleias gerais (AG) das empresas do PSI-20 não são excepção. Muitas serão feitas à distância, outras foram adiadas e algumas – poucas – deixaram cair da ordem de trabalhos o ponto relativo à distribuição de dividendos, devido à incerteza associada à crise sanitária.

Não é o caso da EDP. A eléctrica realiza hoje a sua AG anual, na data prevista, mas “exclusivamente através de meios telemáticos, e a proposta de pagar 19 cêntimos por cada acção (num total de 695 milhões de euros) mantém-se. Compete aos accionistas “a tomada de uma decisão sobre o tema”, disse fonte da empresa ao PÚBLICO.

O tema esteve ontem na agenda política, com Catarina Martins, do Bloco de Esquerda (BE), a sublinhar que “não é aceitável que amanhã [hoje] a assembleia geral da EDP se prepare para distribuir dividendos de quase 700 milhões de euros que pagavam dez anos de tarifa social”, quando o alargamento da medida foi chumbado na semana passada no Parlamento.

A AG irá realizar-se via plataforma digital (ironicamente, apenas uns dias depois de a EDP ter sido alvo de um grave ataque informático), em que os accionistas inscritos poderão assistir à transmissão em directo ao vídeo e ao áudio da reunião.

Hoje teria sido também a data de realização da AG da Jerónimo Martins, se a crise de saúde pública não tivesse aparecido no caminho. A dona do Pingo Doce não conseguiu convencer a maioria dos accionistas a participar no encontro com votos enviados por *email* e, no início deste mês, optou por adiá-lo para uma data ainda a definir. Tem, no entanto, como limite para realização da AG o dia 30 de Junho, fixado pelo Decreto-Lei 10-A/2020, que introduziu medidas excepcionais e temporárias relacionadas com a pandemia (será também este o caso da Corticeira Amorim e da Ibersol, que desconvocaram as respectivas AG). O comunicado da empresa controlada pela família Soares dos Santos nada refere sobre alterações às propostas apresentadas à AG – incluindo a de distribuição de dividendos, que passa pelo pagamento de 216,8 milhões de euros, ou 34,5 cêntimos por acção.

No caso da Galp, a AG mantém-se para 24 de Abril, mas o encontro também será virtual. A administração recomenda aos accionistas (onde se inclui o Estado, que tem 7,48% do capital através da Parpública) que aprovem a distribuição de 318 milhões de euros em dividendos de 2019 (para cumprir um valor global de 580 milhões de euros, ou 70 cêntimos por acção, já que os dividendos são pagos em duas fases).

Devido à pandemia, a Galp já anunciou um plano de corte de custos e investimentos. Mas a proposta sobre os dividendos está feita e “refere-se aos resultados da empresa no exercício de 2019”. Agora, cabe aos accionistas “tomar uma decisão”, frisou fonte oficial ao PÚBLICO. Também a petrolífera já está na mira do BE, tendo Catarina Martins apelado ao Governo para travar esta distribuição de parte dos lucros.

Tal como a Galp, a REN, que irá realizar a reunião no dia 7 de Maio, através de meios à distância, coloca a decisão de distribuição de dividendos nas mãos dos accionistas. “A proposta do conselho [de administração] está apresentada” (são 17,1 cêntimos por título ou 114 milhões de euros) e a aprovação do dividendo será “um dos pontos a votação na AG”, disse fonte da empresa.

## Supervisores recomendam contenção

As propostas sobre a distribuição dos resultados das empresas são validadas pelos seus conselhos de administração, onde estão representados os maiores accionistas. Mas a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) já veio chamar a atenção para a qualidade da informação que deverá chegar a todos os accionistas, perante o “grau de incerteza” sobre a evolução da actividade económica e “resiliência financeira e operacional” das empresas.

Reconhecendo a complexidade das “actuais circunstâncias” e o “contexto de risco acrescido”, a entidade supervisora quer que as cotadas expliquem bem aos investidores as decisões “com impacto na conservação de uma estrutura de financiamento sólida e resiliente”. Aqui incluem-se as propostas de distribuição de dividendos e de recompra de acções, exemplifica.

A CMVM não chega ao ponto do Banco de Portugal, que no início do mês “decidiu recomendar às instituições de crédito menos significativas sujeitas à sua supervisão a não distribuição de dividendos” dos exercícios de 2019 e 2020, mas sublinha que estas decisões “devem ser cuidadosamente ponderadas e claramente enquadradas e justificadas perante os desafios e riscos de médio prazo de cada emitente”.

Também a ASF – Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões recomendou às empresas do sector que retenham lucros para evitar situações de descapitalização.

No caso da Sonae SGPS (grupo proprietário do PÚBLICO), o encontro de accionistas está marcado para dia 30 de Abril. A AG, que também decorrerá por meios telemáticos, deverá votar a distribuição de um

**EDP de António Mexia realiza hoje a assembleia geral de accionistas. Nos de Miguel Almeida (em cima à direit**

> **Não é aceitável que amanhã [hoje] a assembleia geral da EDP se prepare para distribuir dividendos de quase 700 milhões de euros que pagavam dez anos de tarifa social**
>
> **Catarina Martins**
> Coordenadora do BE

**30**

**de Junho é a data-limite para a realização das assembleias gerais de accionistas sobre as contas de 2019, fixada por decreto-lei como medida excepcional da covid-19**

NUNO FERREIRA SANTOS

DANIEL ROCHA

RICARDO CAMPOS

**a) adiou reunião e Galp de Gomes da Silva tem prevista AG para 24 de Abril**

dividendo global de 92,6 milhões de euros (4,63 cêntimos por acção). Ao contrário da SGPS, a Sonae Capital (que é igualmente controlada pela Efanor, *holding* da família Azevedo), suspendeu a repartição de dividendos que havia anunciado: 15 milhões de euros, ou seis cêntimos por acção. O "elevado grau de incerteza que caracteriza o momento actual" explica a decisão. Assim se assegura o "reforço da liquidez e capacidade de resposta numa conjuntura em que a resiliência é fundamental", diz a empresa, prometendo reavaliar o assunto quando houver "maior visibilidade sobre o futuro".

## BCP deu o pontapé de saída

O BCP foi a primeira empresa do PSI-20 a anunciar a suspensão do dividendo, no final de Março, em linha com as recomendações do Banco Central Europeu, que apelou a que a prioridade das instituições financeiras seja o apoio às economias e não a remuneração dos accionistas.

Com AG marcada para dia 20 de Maio, o banco anunciou um reforço do balanço com 133,9 milhões de euros para fazer face "aos potenciais impactos e à incerteza associada à situação de pandemia" e prometeu retomar a distribuição de dividendos "uma vez ultrapassada a crise".

O BPI acabou finalmente por recuar na sua intenção de distribuir dividendos ao Caixabank, juntando assim também ao Santander e, em especial, à Caixa Geral de Depósitos, que anulou a anunciada entrega dos resultados positivos ao Estado.

A remuneração accionista também fica em *stand-by* na Novabase, que tinha intenção de entregar 85 cêntimos por acção, através de uma operação de redução de capital que libertaria cerca de 26,7 milhões de euros. Com AG marcada para dia 12 de Maio, a tecnológica mudou os planos pelo "contexto de grande incerteza". O compromisso de distribuir 1,5 euros por acção entre 2019/2023 mantém-se, mas fica adiado para garantir resiliência financeira e competitividade "durante e depois da pandemia".

> **"[Decisões como] as propostas de distribuição de dividendos e recompra de acções devem ser cuidadosamente ponderadas e claramente enquadradas e justificadas**
> **CMVM**

A incógnita sobre o que aí vem foi também a razão invocada pelos CTT para congelarem o dividendo de 2019: "Impõe-se ao conselho de administração desenvolver todos os esforços" para evitar nesta fase "medidas de descapitalização abusivas". A proposta de distribuição aos accionistas de 11 cêntimos por acção (16,5 milhões de euros) fica sem efeito para que a empresa esteja preparada "para fazer face aos potenciais impactos" da pandemia. Os CTT desconvocaram a reunião presencial do próximo dia 29, pelo que os accionistas poderão acompanhar o encontro através de um sistema de visualização e comunicação à distância.

Há excepções nesta vaga de AG exclusivamente virtuais. A Semapa e a Navigator (que é detida em 69% pela primeira), cujas AG estão marcadas para 29 e 28 de Maio, respectivamente, recomendam aos accionistas a votação por meios à distância, mas admitem encontros presenciais "se à data se verificarem condições legais e de saúde pública".

Propõem-se "adoptar as medidas apropriadas para conter a disseminação" da covid-19, como "o distanciamento de lugares dos participantes, a ausência do serviço de *catering* e a desinfecção de materiais e instalações utilizados".

A Navigator vai distribuir aos accionistas 99 milhões de euros (13,9 cêntimos por acção), enquanto a Semapa (controlada pela família Queiroz Pereira) distribuirá cerca de dez milhões (12,5 cêntimos por acção).

A Altri convocou a AG para a sede, no Porto, mas, "neste contexto especialmente adverso", pede aos accionistas que privilegiem o voto por correspondência postal ou electrónica. Em qualquer caso, diz que no dia 30 de Abril assegurará o distanciamento de lugares e a desinfecção de materiais e instalações. Irá votar-se a distribuição de 61,5 milhões de euros em dividendos (30 cêntimos por acção).

## O caso bicudo da Nos

No PSI-20 há duas empresas que realizaram as suas assembleias gerais ainda antes do final de Março – a Pharol e a EDP Renováveis (que aprovou um dividendo de 69,8 milhões de euros, ou 8 cêntimos por acção) –, e há uma outra que ainda não comunicou qualquer data para o encontro. A Mota-Engil está "a avaliar o momento e a forma mais adequada para a sua ocorrência em função do momento que vivemos", disse fonte oficial da empresa. Quanto à decisão sobre a distribuição de dividendos, "será anunciada em devido tempo", acrescentou.

E depois há o caso da Nos. A operadora controlada conjuntamente pela Sonae (via Sonaecom) e pela empresária Isabel dos Santos, através de uma sociedade chamada Zopt (que tem 52,15% do capital), chegou a ter a AG agendada também para hoje, dia 16.

Porém, agora que se viu apanhada no fogo cruzado dos litígios entre Isabel dos Santos e a justiça angolana, não há data em perspectiva. A AG da Nos "está a ser tratada nos termos da lei e de acordo com as recomendações da CMVM, tendo em conta a situação excepcional em que vivemos", disse fonte da empresa, ainda antes de se saber que o Tribunal Central de Instrução Criminal de Lisboa arrestou preventivamente 26,075% do seu capital social, no âmbito da cooperação com as autoridades angolanas. Trata-se de uma participação correspondente a metade das acções que a Zopt detém na Nos, que ficam impedidas de receber dividendos.

Mas, como o arresto foi feito na Nos e não na Zopt, a Sonaecom apanha por tabela. Quando a operadora distribuir dividendos, a Zopt só irá receber metade daquilo a que teria direito em circunstâncias normais (que seriam cerca de 74 milhões de euros, relativos a 27,8 cêntimos por acção) e, nessa medida, a Sonaecom terá de repartir com Isabel dos Santos o seu quinhão.

Num comunicado de 4 de Abril, a Sonaecom sublinhou que a decisão do tribunal "é passível de afectar o regular funcionamento" da AG da Nos e garantiu que "promoverá as diligências adequadas junto das autoridades judiciais" para levantar o arresto.

ana.brito@publico.pt

# Hong Kong receia que Pequim queira acabar com a autonomia

Juízes denunciam que a independência do sistema judicial está a ser posta em causa por Pequim. O mais alto representante de Pequim quer leis de segurança para combater as forças pró-independência aprovadas

China
Antônio Rodrigues

A assembleia legislativa de Hong Kong está paralisada por causa de uma luta entre os principais representantes de Pequim para o território e a oposição pró-democracia que durante meses ganhou forças nas ruas. Com uma eleição marcada para Setembro que pode pender a balança ainda mais para o lado da oposição, o Governo chinês terá iniciado uma ofensiva que ameaça a autonomia da região administrativa especial.

A pressão de Pequim sobre o território estende-se para lá do campo político e executivo até ao sistema judicial, como denunciaram vários juízes à Reuters. Desde Setembro que as directivas enviadas pelo poder central aos magistrados, através da controlada imprensa estatal, é de que os manifestantes pró-democracia detidos não devem ser "absolvidos".

Além disso, Pequim está a tentar limitar a capacidade dos tribunais do território de julgar questões constitucionais fundamentais e fazer com que a aplicação da lei seja feita de maneira a preservar a política do partido único.

"Se o formigueiro que corrói o papel do Estado de direito não for removido, o dique da segurança nacional será destruído e o bem-estar de todos os residentes de Hong Kong ficará danificado", afirmou ontem Luo Huining, o alto-representante do Governo central para o território, nomeado em Janeiro.

Considerando que muitas pessoas "têm um conceito de segurança nacional muito fraco", Luo Huining defendeu que é preciso fazer esforços para aprovar no parlamento local o Artigo 23.º da Constituição da região administrativa, que está para aprovar desde 2003, de modo a garantir os mecanismos legais para garantir essa segurança nacional.

O Artigo 23.º permite a criação de leis que "proíbam qualquer acto de traição, secessão, sedição, subversão contra o Governo popular central ou roubo de segredos de Estado", o que é visto como uma ameaça

NAVESH CHITRAKAR/REUTERS

O máximo representante de Pequim em Hong Kong, Luo Huining

ao movimento pró-democrático de Hong Kong.

A amostra do que Pequim considera como "sedição" foi a detenção a 26 de Março da conselheira distrital Cheng Lai-king, depois de esta ter publicado no Facebook uma mensagem que revelava a identidade de um agente da polícia.

"Prender um político pró-democracia por defender a responsabilidade policial é perseguição política, não política legítima", denunciou Sophie Richardson, directora para a China da Human Rights Watch. "As autoridades de Hong Kong devem desistir imediatamente do processo contra a conselheira Cheng Lai-King."

> **Se o formigueiro não for removido, o dique da segurança nacional será destruído**
>
> **Luo Huining**
> Representante de Pequim

A tentativa, há 17 anos, de fazer aprovar o Artigo 23.º gerou uma enorme onda de protestos que levou a legislação a ser metida na gaveta à espera de condições mais propícias ou necessidades mais prementes do Governo de Pequim e do Partido Comunista Chinês.

Ontem, a líder do executivo de Hong Kong, Carrie Lam, descrevia a situação no território quase como de estado de sítio: "Surgiram acções extremistas que estão próximas do terrorismo, incluindo bombas artesanais, posse de armas de fogo e ataques a agentes da polícia." Protestos ilegais, discurso de ódio e estas acções extremistas são, para Carrie Lam, ameaças à segurança nacional.

Num discurso gravado em vídeo para assinalar o Dia da Educação para a Segurança Nacional, a líder do executivo da região administrativa especial referiu que os meses de protestos antigoverno no território desafiaram o Estado de direito e puseram em perigo a segurança pública: "Se estes actos ilegais não forem restringidos com eficácia é possível que a segurança nacional se veja ameaçada."

O escritor e activista político Kong Tsung-gan está preocupado com os últimos desenvolvimentos, como escreveu no Twitter: "Por aquilo que estou a ver, estão a preparar o caminho para algo realmente drástico se a Legco [Assembleia Legislativa] se tornar maioritariamente pró-democrata." Legitimando através destas palavras o cancelamento de eleições, a desqualificação de candidatos pró-democratas, o anulamento de resultados e até a dissolução da assembleia.

No sistema judicial em Hong Kong já se estão a preparar para uma maior intervenção do Governo central na nomeação de juízes, depois de vários magistrados pró-Pequim terem manifestado o seu descontentamento pelas duas mais recentes nomeações para a mais alta instância judicial do território.

Segundo os três juízes que falaram com a Reuters, sob a condição de anonimato, o facto de ter aberto agora uma nova vaga no Supremo Tribunal dá a oportunidade a Pequim para intervir. "Estamos preocupados que estejam a perder a paciência e encontrem maneiras de apertar os parafusos", afirmou um deles.

Algo que um porta-voz de Carrie Lam negou que esteja a acontecer ou venha a acontecer, porque Pequim "uma e outra vez deixou claro" que continua a aplicar o princípio de um país, dois sistemas, garantindo a autonomia de Hong Kong na sua relação com a China continental.

No entanto, Priscilla Leung Mei-fun, deputada pró-Pequim no parlamento local, avisou, citada pelo *South China Morning Post*, que, se os deputados pró-democracia continuarem a desafiar o Governo de Xi Jinping, isso poderá "enterrar" a autonomia do território, porque Pequim não permitirá que Hong Kong "se paralise a si própria".

antonio.rodrigues@publico.pt

# Negociações para pacto de regime pós-coronavírus arrancam com Sánchez e Casado de costas voltadas

Espanha
Antônio Saraiva Lima

**Presidente do executivo espanhol avança com rondas bilaterais sem acordar reunião com o líder da oposição**

Os planos de Pedro Sánchez para um pacto político alargado, tendo em vista a reconstrução económica e social de Espanha, pensado para o pós-pandemia, vão avançar, apesar de o presidente do Governo não ter chegado a acordo com o líder da oposição para uma reunião exploratória sobre o tema.

Pablo Casado rejeitou falar a sós com o socialista, reforçando a desconfiança do Partido Popular (PP) sobre as suas as intenções e criticando a gestão da crise sanitária. O líder do PP também não gostou de saber, através de uma conferência de imprensa, que Sánchez iria manter a agenda das conversas bilaterais com os partidos representados no Congresso dos Deputados – que se iniciam hoje, com Inés Arrimadas, do Cidadãos.

Num comunicado, os populares informaram que a reunião, a acontecer, só poderá ser agendada para a próxima semana, uma vez que a prioridade devem ser os “planos de choque urgentes” de combate à covid-19 e não “planos a médio prazo”. Já morreram quase 19 mil pessoas com o vírus e há registo de mais de 177 mil infectados.

“Se quiser fazer um pacto sobre algo, coisa de que duvido, façamo-lo publicamente no Congresso”, desafiou ainda Casado. “Não nos meta no seu teatro de marionetas. O senhor não é o rei, apesar de nos convocar para uma ronda de consultas. A representação da soberania está no Parlamento”.

Perspectivando a crise financeira que se avizinha por causa dos efeitos das medidas de contenção do novo coronavírus no emprego e na economia, o presidente do executivo e líder do Partido Socialista (PSOE) propôs uns novos “Pactos da Moncloa” – numa referência ao compromisso de 1977, desenhado para combater o desemprego e a inflação dos primeiros anos de democracia em Espanha –, que junte as vontades de partidos, governos autonómicos, sindicatos e entidades patronais. Mas o PP defende que Sánchez apenas quer obter ganhos políticos e não pretende levar a sério as propostas dos partidos. “A vontade de fazer um pacto por parte de Pedro Sánchez não é credível”, referiu o partido, no comunicado. “A base para qualquer acordo é a confiança, mas ninguém confia [em Sánchez]”.

Uma sondagem do Centro de Investigações Sociológicas (CIS), publicada ontem, já reflecte o impacto da crise sanitária na apreciação ao poder político. Quase 48% dos inquiridos avaliam negativamente a resposta do Governo, contra 47%, que a valorizam. Mas 46,6% da amostra (3 mil pessoas) acredita que a gestão seria “praticamente igual” se Casado estivesse no poder. Ainda assim, uma maioria avassaladora defende que é necessária uma união de todos os partidos em redor do Governo no combate ao vírus. Mais de 87% acham que a oposição deve colaborar e apoiar o executivo durante a crise e 91% consideram que, uma vez terminada, as forças políticas devem procurar acordos alargados para responder à crise económica, social e laboral.

Quanto às intenções de voto, o estudo aponta para uma pequena descida do PSOE e para uma subida, mais significativa, mas também ligeira, do PP, em relação às últimas sondagens. Os socialistas baixam 0,7%, e ficam-se pelos 31,2%, e os populares sobem 1,5%, para 21,1%.

antonio.lima@publico.pt

Pablo Casado critica a gestão socialista da pandemia

EPA

Eleição era vista como referendo à gestão da crise por Moon Jae-in

# Sul-coreanos desafiaram a covid-19 para votar

Coreia do Sul
Antônio Saraiva Lima

**Maior participação em 28 anos, sob fortes medidas de contenção do vírus, lança partido do Presidente para uma maioria parlamentar**

Máscaras, luvas, medição de temperatura, unidades de desinfecção e boletins de voto – foram estes os ingredientes das eleições legislativas de ontem, na Coreia do Sul, em plena pandemia do novo coronavírus, e cujo desfecho deverá dar ao Partido Democrático, do Presidente Moon Jae-in, a maioria na Assembleia Nacional. Os sul-coreanos aderiram em massa e a participação foi a mais elevada dos últimos 28 anos.

À hora do fecho desta edição, com 64% dos votos contados, os liberais lideravam em 156 círculos eleitorais, contra 92 do Partido Futuro Unido, conservador. Segundo a sondagem à boca das urnas pelas televisões sul-coreanas, o Partido Democrático, no poder, pode conquistar 177 dos 300 lugares do Parlamento.

A Yonhap, agência noticiosa da Coreia do Sul, descreveu as eleições como um referendo ao mandato do Presidente – apesar de o seu nome não constar nos boletins de voto – e, particularmente, à gestão da crise sanitária no país vizinho da China, onde o vírus surgiu. A Coreia do Sul é apontada como um caso de sucesso na contenção do coronavírus, tendo já chegado a uma etapa do surto em que a maioria das novas infecções são casos importados. Ontem, o número total de infectados situava-se nos 10.591. Morreram 229 pessoas.

Confirmando-se o triunfo do Partido Democrático, Moon Jae-in pode aproveitar os dois anos de mandato que lhe restam para, com o apoio do Parlamento, investir no aumento do salário mínimo, na reforma da Justiça, criação de emprego e na estratégia de desanuviamento da tensão com a Coreia do Norte.

Por ter lugar num dos primeiros países a realizar uma eleição presencial em tempos de covid-19, a votação foi seguida bem de perto pela comunidade internacional. As autoridades montaram um enorme dispositivo de contenção, para permitir que os 44 milhões de eleitores registados pudesse votar sem restrições.

Todos os eleitores tiveram de usar máscaras e luvas e respeitar uma distância de um metro entre si. Tiveram ainda de passar por unidades de desinfecção, onde também lhes foi medida a temperatura. Os que tinham mais de 37,5º graus Celsius foram encaminhados para uma mesa de voto especial e quem mostrou sintomas da doença não pôde participar. Para além disso, todos os que estavam em situação de quarentena tiveram um horário diferente para votar.

Apesar das regras apertadas e do aparato envolvente, os sul-coreanos responderam à chamada e, com 66,2% de participação prevista, estabeleceram a mais alta participação eleitoral desde 1992.

# Polacos querem limitar ainda mais o aborto

Europa
Ricardo Cabral Fernandes

**Uma proposta cidadã que proíbe a interrupção da gravidez até em situação de malformação do feto é discutida e votada hoje**

O Parlamento polaco vai votar hoje uma proposta de lei que resulta de uma iniciativa de cidadãos para impedir a interrupção da gravidez por malformação do feto, proibindo na prática o aborto na Polónia, um dos países com uma das leis mais restritivas da Europa. O principal partido do Governo, o Partido Lei e Justiça (PiS), vai votar a favor para que desça à comissão parlamentar, onde deverá ficar congelada, aguardando um momento mais oportuno.

A proposta foi entregue ao Parlamento em 2018, mas a sua discussão e votação foi sendo adiada. O adiamento acontece quando as leis são vistas como inoportunas pelos deputados, mas apenas podem ser adiadas um certo tempo e a presidente do Sejm (Parlamento), Elzbieta Witek, teve de marcar a sua discussão e votação para ontem e hoje, quando milhões de polacos estão em confinamento por causa da pandemia de covid-19,

As manifestações foram fundamentais para travar uma proposta semelhante em 2016 e, agora, sem poderem marchar nas ruas, os polacos arranjaram outras formas de expressar o seu descontentamento: andam sozinhos ou fazem protestos com meia dúzia de pessoas, separadas por dois metros, circulam de carro buzinando, hasteiam bandeiras nas suas varandas e janelas e publicam vídeos de protesto nas redes sociais. E *online* há todo um movimento de protesto.

O projecto foi proposto por Kaja Godek, o rosto do movimento contra o que consideram ser uma “epidemia pior que a do coronavírus”. Derrotada em 2016, voltou a apresentá-la dois anos depois.

Na Polónia, o aborto é permitido apenas em situações de gravidez de risco para a mãe, malformação do feto ou violação e incesto.

ricardo.fernandes@publico.pt

# O escritor "peripatético" que gritava vivas à língua portuguesa

**Rubem Fonseca (1925-2020)** O reverenciado autor brasileiro, que recebeu o Prémio Camões em 2003, não resistiu a um ataque cardíaco. Era uma das vozes mais singulares da escrita em português, idioma de que foi, como ontem lembrou o seu editor em Portugal, um "maravilhoso e genial cultor"

Obituário
Isabel Coutinho

O escritor Rubem Fonseca, Prémio Camões 2003, morreu ontem, em consequência de um ataque cardíaco, num hospital do Rio de Janeiro. O autor de *Agosto*, romance que tem como pano de fundo o suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954, tinha 94 anos. Vencedor de seis Prémios Jabuti e do Prémio Juan Rulfo, era um dos mais importantes e singulares escritores brasileiros contemporâneos.

Entre as suas personagens mais conhecidas, notabilizou-se o detective privado Mandrake, mulherengo e amante de vinho e de charutos. Autor de uma vasta obra narrativa, o contista e romancista era nos últimos anos publicado em Portugal pela Sextante Editora. *Carne crua*, o seu mais recente livro de contos inéditos, foi editado em 2018.

"José Rubem, querido amigo, maravilhoso e genial cultor da língua portuguesa, choram-no milhares de leitores portugueses, que todos os anos esperavam ansiosos pelo seu novo livro", escreveu ontem o seu editor em Portugal, João Rodrigues, numa nota enviada à imprensa. "Palavras precisas e sóbrias narram histórias duras, impiedosas para os falsos e os corruptos, onde a morte era sempre derrotada pela ironia e pela cultura. E, de surpresa, num recanto da página, discreta, uma referência à sua origem portuguesa que tanto prezava: um livro, uma comida, um vinho, uma paisagem."

Era, de facto, um autor invulgarmente reverenciado em Portugal, como Eduardo Prado Coelho, um dos membros do júri que lhe concedeu o Prémio Camões, notou à época no PÚBLICO, lembrando que quando o romance *A Grande Arte* foi lançado entre nós em pequena edição logo se formou um clube de fanáticos. Dizia o ensaísta e crítico literário que a escrita de Rubem era "urbana, directa" e conseguia uma enorme comunicação com os novos leitores.

Foi muito antes do Camões, porém, ainda nos anos 1960, que o escritor ganhou notoriedade no seu país com a publicação de três volumes de contos: *Os Prisioneiros* (1963), *A Coleira do Cão* (1965), que muitos consideram a sua obra-prima na narrativa curta, e *Lúcia McCartney* (1967). Uma das marcas que o distinguia dos outros escritores brasileiros, segundo os críticos, era o conhecimento da literatura anglo-saxónica, principalmente da americana, que muito o influenciou, e também a sua impermeabilidade, então pouco comum, à "cartilha marxista". Apresentava-se como um liberal, como sublinhava um artigo da revista *Bravo*, em 2009.

### Violência, sexo e palavrões

Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, a 11 de Maio de 1925, José Rubem Fonseca era filho de portugueses. No livro *José* (2011), lembrava aliás o menino que se deliciava com as tripas à moda do Porto e as alheiras que a sua mãe cozinhava no Brasil e contava que aprendeu a ler sozinho aos quatro anos.

Licenciado em Direito, a sua obra literária seria fortemente marcada não só por essa formação académica, como também pelo seu trabalho como comissário na polícia e pela sua especialização em psicologia criminal. Ainda nos anos 1950, quando já tinha entrado para a Academia de Polícia do Rio de Janeiro, onde foi um dos melhores alunos da turma, fez várias viagens aos Estados Unidos. Mais tarde chegou a ser professor convidado na Universidade de Stanford. Bebeu da obra policial de Raymond Chandler e Dashiell Hammett, mas igualmente de Philip Roth, Norman Mailer ou Saul Bellow, os mais reverenciados praticantes do "grande romance americano". O cinema era outra das suas paixões, e vários dos seus livros se tornaram filmes.

A sua escrita, que conjugava um apurado sentido de humor com cenas que podiam ser de extrema violência ou de sexo explícito, era "seca e objectiva", ritmada. E aberta ao vernáculo, como assumiu com orgulho quando recebeu o prémio Machado de Assis pelo conjunto da sua obra, em 2015: "Eu escrevi 30 livros. Todos cheios de palavras obscenas. Nós, escritores, não podemos discriminar as palavras. Não tem sentido um escritor dizer: 'Eu não posso usar isso'. A não ser que você escreva um livro infantil. Toda palavra tem que ser usada."

Era avesso a dar entrevistas (pelo menos no Brasil) e raramente se deixava fotografar (só por familiares). Defendia que o escritor devia ser reconhecido não pela sua vida, mas pela sua obra. Ainda assim, quando em 2012 recebeu o Prémio Literário Casino da Póvoa, atribuído no festival Correntes d'Escritas, esteve em Lisboa e na Póvoa de Varzim, onde proferiu, naquela que constituiu uma das suas raras aparições em festivais literários, uma conferência inesquecível sobre a escrita enquanto risco total. Defendeu então que o escritor tem de fazer o leitor sentir e, acima de tudo, de o fazer ver para dentro. "Ele [o escritor] precisa de ser inteligente?", perguntava, lembrando Somerset Maugham, que dizia que conheceu centenas de escritores e "poucos, muito poucos, eram inteligentes". "Ele tem de ser louco (coisa principal), alfabetizado (não precisa de ser muito). Tem de ser paciente, e falta uma coisa. Ele tem de ser

Rubem Fonseca raramente dava entrevistas (pelo menos no Brasil) e dific

**Provavelmente, o mais brilhante autor de diálogos na nossa língua**

**Francisco José Viegas**
Editor e escritor

PEDRO MAIA/ARQUIVO

...lmente se deixava fotografar

imaginativo! O escritor tem de ter imaginação. Temos de INVENTAR. Estão a ver, meninos?", rematou, voltando-se para o público.

No mesmo discurso, argumentou ainda que para o escritor "não existem sinónimos": "Cada palavra tem um significado diferente. Essa coisa de sinónimos é conversa mole [de gramáticos]."

Ao ouvir a presidente do júri, Patrícia Reis, anunciar o seu nome, levantou-se para falar. Era "uma pessoa peripatética", explicou, não podia ficar parado. Foi então que se declarou à língua portuguesa ("Amo a língua portuguesa, é uma língua lindíssima"), lembrando o pai, que recitava de memória sonetos de Camões. "Adoro poesia. Vocês me permitem que eu leia Camões?", perguntou, encantando depois a sala ao recitar o soneto *Busque Amor novas artes, novo engenho* e terminando com um "Viva a língua portuguesa!"

Sobre *Bufo e Spallanzan*, a obra de Rubem Fonseca que conquistou o prémio no Correntes d'Escritas desse ano, o júri destacou o modo como demonstrava uma "compreensão alargada das situações e problemas sociais", bem como o rigor da escrita e "a qualidade da arquitectura romanesca".

Francisco José Viegas, secretário de Estado da Cultura à época, condecorou o escritor com a Medalha de Mérito Cultural. Nessa altura, escreveu um texto evocativo no PÚBLICO onde explicava que "Rubem Fonseca fez mais do que modelar histórias, escrever, representar, descer aos infernos, levar-nos a passear pelas penumbras do Rio (a mais impura das belezas urbanas)", ao longo de uma obra que se estendeu das "páginas de historiografia de *Agosto* até ao rodopio cinematográfico de *E do Meio do Mundo Prostituto Só Amores Guardei ao Meu Charuto*, passando pela admirável máquina de criação de personagens que é *Feliz Ano Novo*". Este seu livro de contos, recorde-se, foi rotulado de atentado à moral e aos bons costumes e retirado de circulação no Brasil a mando da censura, em 1975, juntamente com *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão. Rubem Fonseca recorreu aos tribunais e tornou-se um símbolo da luta contra a ditadura.

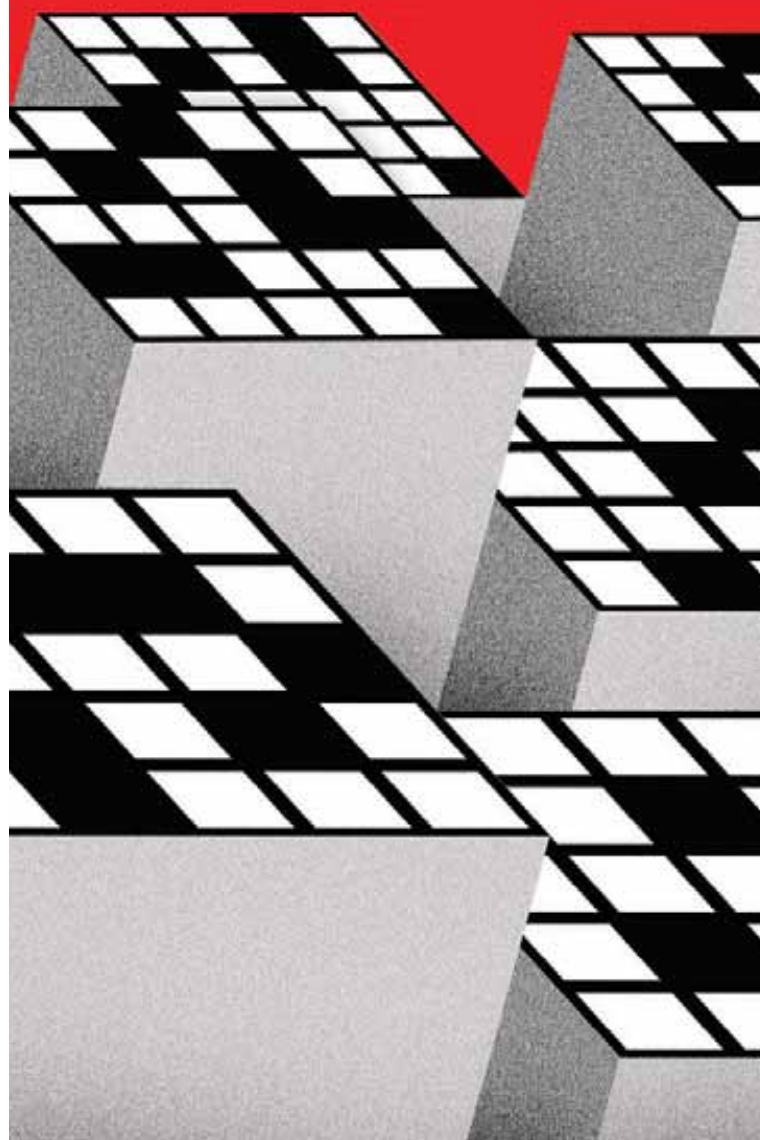
### "Uma cabeçada"

Para o também editor e escritor Francisco José Viegas, profundo conhecedor da obra de Rubem Fonseca, *A Grande Arte* é o melhor de todos os que Rubem Fonseca poderia ter escrito. "É talvez injusto para um escritor que, depois de *A Grande Arte*, escreveu *Buffo & Spallanzani*, *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* e ainda os contos de *O Buraco na Parede*, *Histórias de Amor*, *A Confraria dos Espadas*, *Pequenas Criaturas* ou a retoma do personagem Mandrake em *A Bíblia e a Bengala*, um divertimento, sem falar da maravilhosa incursão pela música em *O Selvagem da Ópera*, uma espécie de biografia de António Carlos Gomes. Mas *A Grande Arte*, romance que atravessa o género policial como um tormento, dilacerando-o de ironia, de literatura e de melancolia, é uma revisão moderna e brasileira do 'cânone policial', exaltando as suas virtudes, expondo as suas vicissitudes e fragilidades, e rindo da ortodoxia", defendia na já referida evocação.

"Além de tudo isso, que não é pouco, Rubem Fonseca desdramatizou o uso da língua portuguesa, recriando-a, reinventando-a graficamente; ele é, provavelmente, o mais brilhante autor de diálogos na nossa língua, sem ceder à banalidade do coloquialismo, às marcas regionais ou às fáceis armadilhas da ortofonia", acrescentava ainda.

Perante a notícia da sua morte, outro escritor português, Rui Zink, fez ontem questão de homenagear Rubem Fonseca sem meias medidas: "Não consigo explicar o que senti quando li contos seus pela primeira vez. Ou melhor, consigo: foi como levar uma cabeçada à Cais Sodré no esternocleidomastóideo. Não sabia que se podia escrever assim. O Brasil perdeu um dos seus grandes, a Língua Portuguesa um dos seus mestres e a Literatura um dos seus justos."

José Rubem Fonseca foi casado com a tradutora Théa Maud Komel, e com quem teve três filhos.

isabel.coutinho@publico.pt

# Enquanto combatemos o novo coronavírus, o velho "ortogravírus" não pára

Em Público
Nuno Pacheco

Sabem o que é o "impato" da pandemia? Ou a propriedade "inteletual"? Ou os "artefatos" que a PJ encontrou? Ou a "seção" do talho? Ou o "fato de não irem" sabe-se lá onde? Ou alguém ter ficado "estupefato" com alguma coisa? Se não sabem, deviam saber. São alguns dos recentes efeitos de um vírus que se instalou na escrita portuguesa (mas também na fala: esta semana, na televisão, alguém falou em "adetos" de um clube) e não há maneira de ser erradicado. Está um pouco por todo o lado, desde o oficialíssimo *Diário da República* aos jornais e à televisão.

E continua assim por sucessivas razões. Quando se fala nos malefícios do acordo ortográfico, há sempre qualquer urgência que adia a discussão: eleições, remodelações, temas candentes no Parlamento (aborto, eutanásia, Orçamento), crises, um imenso rol. Mas como a língua, falada ou escrita, é coisa de todos os dias e transversal a todas as actividades, da mais pequena etiqueta de vestuário ou bula farmacêutica até aos decretos governamentais, o caos ortográfico é desde há muito um dado adquirido nessa imensa torrente de palavras. Bem pior em Portugal do que no universo mais vasto da língua portuguesa, onde tal vírus só fracamente se propagou.

Um exemplo, actualíssimo. Quando o ministro Tiago Brandão Rodrigues anunciou, nesta quarta-feira, as maravilhas da nova telescola pela "caixinha mágica" (palavras dele) da RTP, no rodapé era anunciado um aumento do "número de infetados" (*sic*) com o novo coronavírus. Por cá, tudo o que se relaciona com infecções foi amputado de uma letra pelo velho vírus ortográfico (ou "ortogravírus", como queiram) e passou a *infetado*, *infetada*, *infecioso*, *infeção*, *infeções*, *infetou*, *infetar*, *desinfeção*. Pois bem, já que o acordo ortográfico de 1990 é para o universo da língua portuguesa, supunha-se que tal grafia seria comum a todos os países. Mas não. No Brasil, como já aqui se referiu, a norma desta família de palavras não se alterou (está, aliás, igual à que Portugal praticava antes do acordo): *infectado*, *infectada*, *infectados*, *infecção*, *infecções*, *infecciosas*, *infectologista*, *desinfecção*. E numa ronda mais recente pela imprensa brasileira (no dia 12 de Abril) confirma-se tal conclusão. *Folha de S. Paulo*: "Ele [Jair Bolsonaro] negou ter sido *infectado*, mas não mostrou o resultado dos exames até agora." *Correio Braziliense*: "Após 16 dias de

**Até na covid-19 somos originais. Só em Portugal é que há 'infetados' em vez de infectados, como no restante universo da língua portuguesa ou mesmo no mundo**

*infecção*, um novo exame e o resultado negativo." *Estadão*: "A missão dos governos será retomar a atividade econômica sem desencadear uma segunda onda de *infecções*." *Jornal do Brasil*: "No Ceará, são 1582 *infectados* e 67 óbitos." *Veja*: "Acompanhe as últimas notícias sobre a *infecção* no Brasil e no mundo." Chega?

Não, não chega. Vejamos Cabo Verde. *A Semana* (12/4): "infectados" e "infecção"; *Expresso das Ilhas* (11/4): "infectada", "infectou". Agora São Tomé e Príncipe. *Jornal Transparência* (26/3): "infecção" e "infectou"; *Téla Nón* (8/4): "infecção" e "infectados"; *Jornal Tropical* (25/3): "infecção". Convém sublinhar que nestes jornais (dos únicos países que até agora aderiram ao AO90) continua a aplicar-se a grafia de 1945, excepto nos artigos importados de Portugal, via agência Lusa. Mas prossigamos a viagem, com Angola. O *Novo Jornal* (9/4) fala em "casos de infecção" e o *Jornal de Angola* (11/4) em "casos infectados". Em Moçambique, idem: "Infectadas" n'*O País* (5/4) e "infectados" na *Verdade* (11/4). Tal como em Timor-Leste: "A cidadã *infectada* esteve em Portugal para uma acção de formação" (*Tornado*, 23/3). Só na Guiné-Bissau se verifica uma miscelânea. O comunicado do Ministério da Administração Territorial e Poder Local (11/4) fala em "pessoas *infectadas*", mas grafa "atividade" sem C. Nos jornais *O Democrata* ou *Rispito* também podem encontrar-se "infeção" e "infetados".

Portanto, "infetados" só mesmo em Portugal e algures em Bissau. No resto do mundo, só há "infectados". Mas pode dizer-se que Portugal seguiu exemplos de simplificação ortográfica existentes noutros países? Veja-se como se escreve *infecção* noutras línguas que usam o nosso alfabeto. Mantendo o dígrafo CT da língua matriz, o latim (*infectione*), temos *infection* (inglês, francês) e *infectie* (holandês e romeno, este com uma cedilha no t); com o dígrafo CC, temos *infección* (espanhol, galego) e *infecció* (catalão); com o dígrafo KT, há *infektion* (alemão, dinamarquês, sueco), *infektioun* (luxemburguês), *infektio* (finlandês), *infekto* (esperanto) e *infektsiya* (uzbeque); com o dígrafo KC, registam-se *infekcija* (bósnio, croata, lituano, letão), *infekcja* (polaco), *infekcie* (eslovaco) e *infekce* (checo); com KS, há infeksi (indonésio), *infèksi* (javanês), *inféksi* (sudanês), *infeksie* (africâner), *ynfeksje* (frísio), *infeksiya* (azerbaijano), *infeksion* (albanês), *infeksjon* (norueguês), *enfeksiyon* (turco) e *enfeksyon* (crioulo haitiano); com KZ há *infekzio* (basco); e com ZZ *infezzjoni* (maltês, corso). Com uma só letra, o Z, há o *infezione* italiano. Que se lê com "e" aberto, ao contrário da *infeção* acordista, em que o "e" se apaga como em *infecundo*, *infeliz* ou *inferior*. O ministro da Educação devia acordar para isto, quando sugere um interesse por "línguas estrangeiras" nestes tempos de difusão telescolar.

**Jornalista. Escreve à quinta-feira**
nuno.pacheco@publico.pt

## Breves

**Comédia**

### Espectáculos de John Cleese adiados para Junho de 2021

Os espectáculos do humorista britânico John Cleese que deveriam ter lugar no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, de 3 a 7 de Maio, foram adiados para 2021 devido à pandemia: realizar-se-ão, afinal, de 18 a 22 de Junho do próximo ano. Os bilhetes já adquiridos mantêm-se válidos para as novas datas, conforme a legislação em vigor. *Last Time To See Me Before I Die* é um espectáculo de *stand-up* que John Cleese estreou há seis anos e no qual passa em revista a sua carreira com os Monty Python, abordando o percurso da *troupe* que formou com Graham Chapman, Michael Palin, Eric Idle, Terry Gilliam e o recentemente falecido Terry Jones.

**Óbito**

### Morreu João Baptista, baixista e co-fundador dos Belle Chase Hotel

O antigo baixista dos Belle Chase Hotel João Baptista morreu em Coimbra no passado dia 4 de doença hepática, disse ontem à agência Lusa Rui Ferreira, o responsável da editora Lux Records. O músico, que esteve na formação original dos Belle Chase Hotel, estava internado há já alguns meses no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, onde acabou por falecer. Nascido em 1965 em Castelo Branco, João Baptista ajudou a fundar os Extrema Unção, também de Coimbra, no final dos anos 80, e foi também um dos membros fundadores dos Café Bagdad. Nos anos 90, foi co-fundador dos Belle Chase Hotel, tendo participado na gravação dos álbuns *Fossanova* e *La Toilette des Étoiles*.

# Cannes 2020: uma aliança com festivais de Outono

**Cinema**

**É para depois do Verão que se projecta o relançamento do sector. Em cima da mesa pode estar uma associação com outros festivais**

As perguntas sobre o mais importante festival de cinema do mundo, Cannes e a sua edição 2020, cuja organização adiara já a sua realização em Maio para finais de Junho ou início de Julho e que depois viu esse projecto cancelado pela decisão do Governo francês de prolongar o estado de emergência, aos poucos começam a ter respostas.

A organização, que garantira já que uma edição *online* da 73.ª encarnação do evento não está em cima da mesa, volta a reafirmar – entrevista do director artístico do festival, Thierry Frémaux, à *Variety* – que isso, um festival *online*, não é Cannes. Nem uma edição menor, com menos secções – Quinzena dos Realizadores e Semana da Crítica tinham sido já "canceladas".

"Se o Festival de Cannes tiver lugar, isso significa que a vida venceu." E isso não vai acontecer durante o Verão. Mas algo pode acontecer no Outono, quando o festival quer estar ao lado das salas de cinema, questão crucial para Frémaux, na origem até da sua posição face aos filmes Netflix. É para quando se projecta o relançamento do sector. Os programadores do festival, que continuam a ver os filmes que as produtoras lhes enviaram, poderão utilizar a marca Cannes 2020 para ajudar à sua promoção.

"Veremos como se poderão desenrolar os festivais de Veneza, Toronto, San Sebastian e Deauville." Frémaux abre uma janela sobre o que pode estar em preparação: uma aliança. Revela que desde o início da crise tem estado a conversar com o director de Veneza, Alberto Barbera, para que "se fizesse algo em conjunto se Cannes fosse cancelado.

"Outros festivais convidaram-nos: Locarno, San Sebastian, Deauville. São gestos que muito nos tocam. E em Lyon, no Festival Lumière [em Outubro, e que ele próprio dirige] planeámos uma série de estreias."

**PÚBLICO**

# EMPREGO



Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, especificamente constituída para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país. Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

**Contactos:**

***Sede:*** Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
*Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia:* Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
*Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário* «Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia
2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h
*Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal:* R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim
- Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
***Delegação Norte da Alzheimer Portugal***: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente
n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
***Delegação Centro da Alzheimer Portugal***: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal
- Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
***Núcleo de Aveiro:*** Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, Complexo Social da Quinta da Moita - Oliveirinha 3810 Aveiro, Telefone: 234 940 480
- E-mail: geral.aveiro@alzheimerportugal.org
***Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal***: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional
da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

NOVA | NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe.

**Referência n.º NOVASBE/CT-115/2020 –** 1 Lugar de Técnico Superior 3.º grau (m/f) para a área de Apoio à Docência e Investigação em regime contrato de trabalho a termo resolutivo certo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

## Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM)

Nos termos dos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, torna-se público que pelo Aviso n.º 5864/2020, publicado em *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 68, de 06 de abril de 2020, encontra-se aberto procedimento concursal para preenchimento do cargo de direção intermédia de 2.º grau – Chefe de Divisão de Inspeção e Controlo da Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM).

Lisboa, 14 de abril de 2020

A Diretora de Serviços de Administração Geral, *Fernanda Bernardo*

## Ambiente e Ação Climática
## Direção-Geral de Energia e Geologia
## Aviso

Faz-se público, nos termos e para efeitos da alínea d) do n.º 1 do art.º 13.º da Lei n.º 54/2015, de 22 de junho, conjugada com o n.º 1 e n.º 3 do art.º 16.º do Decreto-Lei n.º 88/90, de 16 de março, que José Aldeia Lagoa & Filhos, S.A., requereu a celebração de contrato administrativo para atribuição, na sequência do contrato de prospeção e pesquisa, de concessão de exploração de depósitos minerais de caulino, denominado "Juncal 2", localizado no concelho de Porto de Mós, distrito de Leiria, ficando a corresponder-lhe uma área de 129,7 hectares, delimitada pela poligonal cujos vértices, se indicam seguidamente, em coordenadas no sistema PT-TM06/ETRS89.

| Vértice | X (m) | Y (m) |
|---|---|---|
| 1 | -65860,36 | -7613,93 |
| 2 | -65703,90 | -8245,13 |
| 3 | -65244,18 | -8217,82 |
| 4 | -65428,84 | -8426,14 |
| 5 | -65352,31 | -8683,98 |
| 6 | -65884,25 | -9037,46 |
| 7 | -65900,09 | -8986,75 |
| 8 | -66215,52 | -8713,18 |
| 9 | -66267,26 | -8647,39 |
| 10 | -66295,65 | -8558,34 |
| 11 | -66321,63 | -8479,09 |
| 12 | -66341,70 | -8409,24 |
| 13 | -66421,61 | -8407,53 |
| 14 | -66500,12 | -8413,58 |
| 15 | -66623,07 | -8368,88 |
| 16 | -66652,88 | -8380,05 |
| 17 | -66705,04 | -8406,14 |
| 18 | -66775,82 | -8406,14 |
| 19 | -66850,34 | -8428,49 |
| 20 | -66949,47 | -8435,57 |
| 21 | -66691,18 | -7619,34 |

Convidam-se todos os interessados a apresentar reclamações por escrito com o devido fundamento, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente Aviso. O pedido está patente para consulta, dentro das horas de expediente, na Direção de Serviços de Estratégia e Fomento dos Recursos Geológicos da Direção-Geral de Energia e Geologia, sita na Av.ª 5 de Outubro, n.º 208, 7.º andar (ed. Santa Maria), 1069-203 LISBOA, entidade para quem devem ser remetidos as reclamações. O presente aviso, requerimento, resumo não técnico do projeto e planta de localização, estão também disponíveis na página eletrónica desta Direção-Geral.

10 de março de 2020.

O Diretor-Geral
*João Pedro Correia Bernardo*

## Dr. António Coutinho de Miranda
## 1933 - 2020

Seus filhos, netos e demais família, participam o seu falecimento juntando-se no seu eterno descanso a sua esposa Maria Guilhermina.
Em virtude das medidas impostas pela atual pandemia informamos que o funeral será realizado hoje dia 16 de Abril pelas 15 horas no cemitério dos Olivais onde será cremado por sua vontade expressa.
O Dr. António Coutinho de Miranda viveu uma vida plena dedicada à Medicina e ao tratamento dos seus doentes tendo exercido a sua carreira no Hospital Curry Cabral onde viria a falecer rodeado por alguns dos seus pupilos.
Sobrevive através dos seus 3 filhos e 4 nestos

**Agência Funerária Magno - Alvalade**
Servilusa - Número Verde Grátis 800 204 222
Serviço Funerário Permanente 24 Horas

# FARMÁCIAS

**Lisboa - Serviço Permanente**
**Açoreana** (Conde Barão) - Largo do Conde Barão, 2 - Tel. 213961330 **Atena** (Anjos - Chile) - Av. Almirante Reis, 88 B - C - Tel. 218121773 **Belo** (Alvalade) - Avenida de Roma, 53 - D - Tel. 217976314 **Pátria** (Campolide) - Calçada dos Mestres, 30 - A - Tel. 213880627

**Outras Localidades- Serviço Permanente**
**Abrantes** - Sousa Trincão (S.Miguel do Rio Torto) **Alandroal** - Santiago Maior , Alandroalense **Albufeira** - Santos Pinto **Alcácer do Sal** - Misericórdia **Alcanena** - Ramalho **Alcobaça** - Campeão **Alcochete** - Cavaquinha , Póvoas (Samouco) **Alenquer** - Varela **Aljustrel** - Dias **Almada** - Sacoor do Feijó (Feijó) **Almeirim** - Mendonça **Almodôvar** - Aurea **Alpiarça** - Aguiar **Alter do Chão** - Alter , Portugal (Chança) **Alvaiázere** - Ferreira da Gama , Castro Machado (Alvorge), Pacheco Pereira (Cabaços), Anubis (Maçãs D. Maria) **Alvito** - Nobre Sobrinho **Amadora** - Melo , Tavares Matos **Ansião** - Medeiros (Avelar) , Rego (Chão de Couce), Pires (Santiago da Guarda) **Arraiolos** - Vieira **Arronches** - Batista , Esperança (Esperança/Arronches) **Arruda dos Vinhos** - Da Misericórdia **Avis** - Nova de Aviz **Azambuja** - Miranda , Peralta (Alcoentre), Ferreira Camilo (Manique do Intendente) **Barrancos** - Barranquense **Batalha** - Moreira Padrão , Silva Fernandes (Golpilheira) **Beja** - Fonseca **Belmonte** - Costa , Central (Caria) **Benavente** - Miguens **Bombarral** - Franca **Borba** - Central **Cadaval** - Misericórdia **Caldas da Rainha** - Branco Lisboa **Campo Maior** - Central **Cartaxo** - Abílio Guerra **Cascais** - D'Aldeia , Sacoor do Riviera (Junqueiro), Aragão (Parede) **Castelo Branco** - Reis **Castelo de Vide** - Roque **Castro Verde** - Alentejana **Chamusca** - Joaquim Maria Cabeça **Constância** - Vila Farma Constância , Carrasqueira (Montalvo) **Coruche** - Misericórdia **Covilhã** - Santana (Boidobra) **Cuba** - Da Misericórdia **Elvas** - Sousa **Entroncamento** - Almeida Gonçalves **Estremoz** - Carapeta Irmão **Évora** - Misericórdia **Faro** - Almeida , Da Penha **Ferreira do Alentejo** - Salgado **Ferreira do Zêzere** - Graciosa , Soeiro, Moderna (Frazoeira/Ferreira do Zezere) **Figueiró dos Vinhos** - Campos (Aguda) , Correia Suc. **Fronteira** - Costa Coelho **Fundão** - Sena Padez (Fatela) **Gavião** - Mendes (Belver) , Pimentel **Golegã** - Lusitano **Grândola** - Pablo **Idanha-a-Nova** - Andrade (Idanha A Nova) **Loulé** - Almancil (Almancil) , Pinto, Algarve (Quarteira) **Loures** - Pinheirense , São João **Lourinhã** - Correia Mendes (Moita dos Ferreiros) , Leal (Rio Tinto) **Mação** - Saldanha **Mafra** - Rolim (S. Cosme) , Falcão (Vila Franca do Rosário) **Marinha Grande** - Duarte **Marvão** - Roque Pinto **Mértola** - Nova de Mértola **Monchique** - Moderna **Monforte** - Jardim **Montemor-o-Novo** - Novalentejo **Montijo** - do Forum **Mora** - Canelas Pais (Cabeção) , Falcão, Central (Pavia) **Moura** - Faria **Mourão** - Central **Nazaré** - Sousa , Maria Orlanda (Sitio da Nazaré) **Nisa** - São Damião **Óbidos** - Vital (Amoreira/Óbidos) , Senhora da Ajuda (Gaeiras), Oliveira **Odivelas** - Serra , Tanara **Oeiras** - Alegro (Carnaxide) , Sacoor de St. Amaro de Oeiras **Oleiros** - Martins Gonçalves (Estreito - Oleiros) , Garcia Guerra, Xavier Gomes (Orvalho-Oleiros) **Olhão** - da Ria **Ourém** - Verdasca **Ourique** - Nova (Garvão) , Ouriquense **Pedrógão Grande** - Baeta Rebelo **Penamacor** - Nova **Peniche** - Proença **Pombal** - Torres e Correia Lda. **Ponte de Sor** - Varela Dias **Portalegre** - Romba **Portel** - Misericordia **Portimão** - Amparo **Porto de Mós** - Lopes **Proença-a-Nova** - Roda , Daniel de Matos (Sobreira Formosa) **Redondo** - Holon Redondo **Reguengos de Monsaraz** - Moderna **Rio Maior** - Ferraria Paulino **Salvaterra de Magos** - Costa (Foros de Salvaterra/Salvaterra de Magos) **Santarém** - Confiança **Santiago do Cacém** - Corte Real **Sardoal** - Passarinho **Serpa** - Central **Sertã** - Lima da Silva , Farinha (Cernache do Bonjardim) **Sesimbra** - Lopes **Setúbal** - Carmo Sobral , Costa **Silves** - Cruz de Portugal , Dias Neves **Sines** - Monteiro Telhada (Porto Covo) , Central **Sintra** - Garcia (Cacém) , Gil (Queluz), De Fitares (Rinchoa) **Sobral Monte Agraço** - Moderna **Sousel** - Mendes Dordio (Cano) , Andrade **Tavira** - Sousa **Tomar** - Dias Costa **Torres Novas** - Nicolau **Torres Vedras** - São Gonçalo **Vendas Novas** - Nova **Viana do Alentejo** - Viana **Vidigueira** - Costa **Vila de Rei** - Silva Domingos **Vila Franca de Xira** - Nova Alverca , Higiene **Vila Nova da Barquinha** - Tente (Atalaia) , Carvalho (Praia do Ribatejo), Barquinha **Vila Real de Santo António** - Carrilho **Vila Velha de Rodão** - Pinto **Vila Viçosa** - Torrinha **Alvito** - Baronia **Ansião** - Moniz Nogueira **Redondo** - Alentejo

## CINEMA

**Coco Avant Chanel**
**AMC, 14h33**
Audrey Tautou é Gabrielle "Coco" Chanel, uma jovem mulher com um trajecto singular, marcado pela necessidade e pobreza. Virá a converter-se num ícone de sucesso, enquanto estilista de alta-costura e criadora do conceito de mulher moderna. Realizado por Anne Fontaine, a partir da biografia *A Era Chanel*, de Edmonde Charles-Roux, o filme contou com o apoio de Karl Lagerfeld, que facultou o acesso aos arquivos e colecções da *maison*.

**Irmão**
**Fox Movies, 23h30**
É o chamado "filme americano" de Takeshi Kitano, que aqui transpôs o seu universo para os EUA. Conta a história de Yamamoto, que deixa Tóquio depois ter sido abandonado pelo seu clã yakuza. Viaja para Los Angeles, onde vive o seu meio-irmão, Ken, que largou os estudos pelo tráfico de droga. Quando é apresentado ao *gang* de Ken, Yamamoto reconhece Denny, um rival, de quem acaba por ficar amigo. Quando Yamamoto se recusa a colaborar com a máfia, anuncia-se uma guerra sem piedade.

**Alguém como Eu**
**RTP1, 00h21**
Insatisfeita e infeliz, Helena deixa o Brasil e ruma a Portugal, onde a espera um novo emprego, uma nova casa e novos amigos. Já em Lisboa, conhece Alex, um homem simpático e atraente por quem se apaixona e com quem inicia uma relação. Tudo seria perfeito, não fosse um problema inesperado: sempre que olha para ele, vê-o na figura de... uma mulher. Uma comédia romântica de Leonel Vieira, com Paolla Oliveira e Ricardo Pereira nos papéis principais.

**Carlos**
**Hollywood, 1h05**
Versão para cinema da série televisiva de cinco horas, com realização de Olivier Assayas, sobre Ilich Ramírez Sánchez (Édgar Ramírez), mais conhecido como Carlos, o "Chacal". Revolucionário venezuelano intimamente ligado ao terrorismo internacional durante as décadas de 1970 e 80, foi procurado pelas mais importantes polícias secretas do mundo. O filme retrata o seu trajecto enigmático e contraditório até ser capturado em Cartum, Sudão, a 14 de Agosto de 1994, e levado para França, onde foi condenado a prisão perpétua.

# Televisão

lazer@publico.pt

### Os mais vistos da TV

Terça-feira, 14

| | | % | Aud. | Share |
|---|---|---|---|---|
| Nazaré | SIC | 16,4 | 28,1 | |
| Jornal da Noite | SIC | 15,9 | 27,0 | |
| Terra Brava | SIC | 14,2 | 28,9 | |
| Primeiro Jornal | SIC | 11,7 | 28,7 | |
| Telejornal | RTP1 | 10,9 | 18,5 | |

FONTE: CAEM

| Canal | Share |
|---|---|
| RTP1 | 11,8% |
| RTP2 | 1,5 |
| SIC | 20,7 |
| TVI | 12,8 |
| Cabo | 37,6 |

**RTP 1**
**6.30** Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **13.00** Jornal da Tarde **14.30** Estrada Nacional **14.58** Solteira e Boa Rapariga **15.26** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.08** O Preço Certo **19.59** Telejornal **21.10** Especial Estado de Emergência **21.40** Joker **22.32** 5 Para a Meia-Noite **23.38** Artistas em Rede **0.21** Alguém Como Eu **1.47** Este País **2.38** Bidon: Nação Ilhéu **3.32** O Sábio

**RTP 2**
**6.32** Repórter África - 2.ª Edição **7.00** Espaço Zig Zag **12.12** Vamos à Descoberta **12.38** A Mentira da Verdade **13.04** Os Daltons **13.19** A Ilha dos Desafios **13.41** Chovem Almôndegas **13.52** Folha de Sala **14.00** Sociedade Civil: Indústria solidária **15.02** A Fé dos Homens **15.35** Biosfera **16.05** O Outro Lado do Paraíso **17.02** Espaço Zig Zag **20.40** Merlí **21.30** Jornal 2 **22.04** Folha de Sala **22.11** Acredita, Faith **23.06** Brexit: Uma Guerra Descortês **0.41** Concerto de Páscoa em Orvieto **2.08** Sociedade Civil **3.06** Universidade Aberta **3.11** Euronews **5.48** Os Nossos Dias

**SIC**
**6.00** Edição da Manhã **9.10** Alô Portugal **10.10** O Programa da Cristina **13.00** Primeiro Jornal **14.55** Amor Maior **16.15** Júlia **18.15** Amor à Vida **19.10** Amigos Improváveis Famosos **19.57** Jornal da Noite **21.50** Nazaré **22.30** Terra Brava **23.20** Amor de Mãe **0.20** Passadeira Vermelha **1.55** Amigos Improváveis Famosos **2.45** Alô Portugal

**TVI**
**6.00** Batanetes **7.00** Notícias **8.00** Diário da Manhã **10.10** Você na TV! **13.00** Jornal da Uma **14.52** Destinos Cruzados **16.15** A Tarde É Sua **18.06** Morangos com Açúcar **19.13** Ver p´ra Crer **19.57** Jornal das 8 **21.50** Quer o Destino **22.41** Na Corda Bamba **23.30** Casos da Vida: Divino pecado **1.26** Autores **2.23** Chicago Fire **3.15** Mar de Paixão **3.50** Saber Amar

**TVCINE TOP**
**9.00** Grinch (VP) **10.30** Juntos para Sempre 2 **12.20** Natal em Grand Valley **13.50** Programa da Noite **15.35** Bucha & Estica **17.15** Viúvas **19.25** Capitão Marvel **21.30** A Turma da Noite **23.25** Seduz-me Se És Capaz **1.35** Ervas Daninhas **3.25** Semana Sim, Semana Não **5.15** Superação

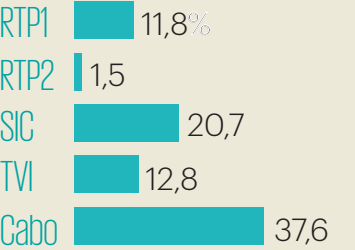
**FOX MOVIES**
**10.18** O Grande Combate **12.48** McLintock, o Magnífico **14.50** Duelo de Fogo **16.47** Hondo **18.07** Shane **20.00** 7 Homens Para Matar **21.15** Rio Bravo **23.30** Irmão **1.23** Prometheus **3.16** Ichimei **5.23** Alien 3 - A Desforra

**CANAL HOLLYWOOD**
**9.05** The Score - Sem Saída **11.05** Olha Quem Fala Agora! **12.40** Amor à Prova de Roubo **14.10** Casanova **16.00** O Espião Fantasma **17.40** A Múmia **19.40** Red: Perigosos **21.30** Inferno **23.35** A Cilada **1.05** Carlos **3.50** Arma **5.15** Homem Demolidor

**AXN**
**13.42** Fúria de Titãs **15.21** Gangs de Nova Iorque **18.13** Chicago Fire **19.03** Chicago Fire **19.53** O Corpo da Mentira **22.05** Investigação Criminal **22.57** For Life **23.49** No Vale de Elah **1.53** Chicago Fire **3.21** The Rookie **5.30** Investigação Criminal

**AXN MOVIES**
**13.17** Encontros e Desencontros do Amor **14.42** O Grande Ano **16.14** Avozinha **17.36** Isto É o Fim! **19.22** Uma Entrevista de Loucos **21.15** Click **23.02** Professora Baldas **0.42** Sideways **2.44** The Chateau Meroux **4.16** O Último Grande Herói

**AXN WHITE**
**14.32** Vencer o Preconceito **16.50** Estranhos Companheiros **18.25** O Crime de Lizzie Borden **19.55** Inesquecível **20.40** Inesquecível **21.25** Diggstown **22.10** Gabby Douglas: História de Uma Ginasta **23.39** Diggstown **0.24** Fé Inabalável **1.53** A Teoria do Big Bang **3.05** Inesquecível **3.50** O Mentalista **5.20** Young Sheldon

**FOX**
**9.42** Hawai Força Especial **11.11** Chicago P.D. **14.12** Investigação Criminal: Los Angeles **15.44** Hawai Força Especial **17.16** C.S.I. Miami **18.51** Investigação Criminal: Los Angeles **20.26** Hawai Força Especial **23.05** Investigação Criminal: Los Angeles **1.32** C.S.I. Miami

**FOX LIFE**
**10.05** A Heavenly Christmas **11.34** Anatomia de Grey **13.04** Chicago Med **13.49** Lei & Ordem: Unidade Especial **14.33** Killer Contractor **16.00** Dirty Teacher - A Nova Professora **17.33** Deadly Daycare **19.00** The Front **20.43** Lei & Ordem: Unidade Especial **21.29** Chicago Med **22.20** New Amsterdam **23.10** As Cinquenta Sombras Mais Negras **1.24** Killing Your Daughter **2.54** Lei & Ordem: Unidade Especial **3.33** Anatomia de Grey **4.56** Chicago Med **5.38** Rainha do Sul

**DISNEY**
**15.00** A Irmã do Meio **15.47** Acampamento Kikiwaka **16.33** Coop & Cami **17.20** Star Contra as Forças do Mal **17.43** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.30** Os Green na Cidade Grande **19.15** Gravity Falls **20.05** Sadie Sparks **20.55** Gabby Duran Alien Total **21.18** Coop & Cami **22.05** Acampamento Kikiwaka

**DISCOVERY**
**17.30** Alasca: A Última Fronteira **19.15** Expedição ao Passado **21.00** Fast N' Loud **2.15** Desmontando o Cosmos **3.00** Segredos do Universo com Morgan Freeman **4.30** Guerra de Propriedades **5.00** Negócio Fechado **5.25** Jóias Sobre Rodas

**HISTÓRIA**
**17.23** Forjado no Fogo **23.39** Forjado no Fogo: Faca ou Morte **1.03** Alienígenas **2.28** Grandes Descobertas **5.35** Em Busca de...

**ODISSEIA**
**17.35** Rio Resgate **18.20** Guerreiros do Ar **20.03** Fora de Controlo **21.49** Voos de Inferno **22.34** Fora de Controlo **0.12** Voos de Inferno **0.57** Fora de Controlo **2.45** Top 10 Combate **3.38** A Origem das Coisas **4.28** Rio Resgate **4.51** Diário Animal **5.39** Parques Nacionais dos Estados Unidos

## SÉRIE

**New Amsterdam**
**Fox Life, 22h20**
Último episódio da segunda temporada. À semelhança de outras séries, como *Anatomia de Grey*, também este drama médico teve de rematar a história precocemente. A pandemia não só parou a produção como atingiu o próprio elenco – para não falar na supressão de um episódio chamado *Pandemic*, sobre um surto de gripe em Nova Iorque. A equipa do médico director determinado e altruísta Max Goodwin (Ryan Eggold) despede-se esta noite, mas não de vez: a série tem garantidas mais três temporadas.

## DOCUMENTÁRIO

**Bidon: Nação Ilhéu**
**RTP1, 2h38**
Realizado por Celeste Fortes e Edson Silva, um olhar sobre a emigração e a economia cabo-verdiana a partir de um objectivo simbólico: o bidão enviado para quem ficou nas ilhas, por quem partiu para o estrangeiro. Foca-se em três personagens femininas: uma menina que recebe regularmente um bidão da mãe, radicada nos EUA, que vem recheado de bens e afectos; uma mulher que sustenta a família comprando e vendendo produtos que chegam por esse meio; e outra que acalenta a esperança de, um dia, receber o seu – ela que até já foi emigrante na "terra longe".

## MÚSICA

**Concerto de Páscoa em Orvieto**
**RTP2, 00h41**
Sob a direcção do maestro eslovaco Juraj Valcuha, o coro e a orquestra do Teatro San Carlo di Napoli juntaram-se na catedral de Orvieto, há cerca de um ano, a um elenco vocal de alcance internacional: a soprano norte-americana Rachel Willis Sorensen, o tenor italiano Antonio Poli, a meio-soprano russa Elena Zhidkova e o baixo chinês Liang Li. Nas partituras estava uma das mais célebres páginas do repertório coral sinfónico: o *Requiem* de Verdi, dedicado pelo compositor ao escritor e amigo Alessandro Manzoni.

Visitas

## *Sete milhões de flores para ver, em modo virtual*

Cerca de sete milhões de bolbos foram plantados no final do ano passado, entre narcisos, jacintos e 800 variedades de tulipas, ao longo de 32 hectares de campos frondosos, onde não faltam árvores, lagos, pontes de madeira e moinhos tradicionais holandeses. O Parque de Keukenhof, junto a Lisse, cerca de 40km a sul de Amesterdão (Países Baixos), é tido como o maior parque de flores do mundo, o Jardim da Europa, um ex-líbris turístico que previa atrair mais de um milhão de visitantes em 50 dias (é uma exposição floral que se exibe apenas na Primavera, este ano agendada entre 21 de Março e 10 de Maio). Nesta edição, o espectáculo é dedicado a "Um Mundo de Cores" e, pela primeira vez, o parque não abre ao público, devido à covid-19. Mas há belos passeios em fotografias e vídeos. Nas páginas do local, é possível passear pelas fotografias floridas do jardim e assistir a vários vídeos, incluindo entrevistas com os jardineiros do parque. **Fugas**

Alimentação

## *Hotéis de luxo partilham receitas*

Não é altura para viajar, mas os sabores de Itália, Espanha, França, Reino e, claro, Portugal podem chegar à sua mesa. Alguns restaurantes dos hotéis incluídos no guia de hotéis de luxo e spas da Condé Nast Johansens decidiram partilhar receitas da sua cozinha para ajudar a ultrapassar o isolamento social. De Portugal, pode aprender a cozinhar uma cataplana do Tivoli Carvoeiro Algarve Resort ou um arroz de lavagante do Tivoli Avenida Liberdade Lisboa. Do hotel Dar El Dadaka, em Marrocos, pode aprender-se a preparar uma salada de laranja com sementes de funcho. Já o *chef* do Sina Centurion, em Veneza (Itália), ensina a preparar uma receita de lagostim. As receitas podem ser consultadas na secção Inspirations da Condé Nast Johansens.

EM DESTAQUE

Arte

## *Museus alemães a um sofá de distância*

Os convites para visitas virtuais chegam às dezenas dos maiores museus alemães. Muitos facultam visões panorâmicas e guiadas. Alguns, actividades paralelas. Outros, a vantagem de aceder a alas vedadas ao público e a obras de outra forma inacessíveis. É o que acontece com o Altar de Pérgamo, um tesouro do Museu Pergamon que, em condições normais, só poderia ser admirado presencialmente daqui a três anos, devido aos trabalhos de restauro. A Porta de Ishtar da Babilónia (na imagem) e a do Mercado de Mileto são outras atracções monumentais daquele que é o museu o mais visitado de Berlim. Já a entrada virtual no Stadel (Frankfurt) dá direito a sete séculos de arte europeia e à possibilidade de estudar a sua história mais a fundo, num curso *online* a custo zero. Mas nem tudo o que se avista do sofá é arte: os fãs das quatro rodas, por exemplo, podem acelerar para o museu Mercedes-Benz (Estugarda) e passear entre mais de 160 veículos. Este é apenas um punhado de destinos possíveis. Da ciência e tecnologia do Deutsches Museum (Munique) à arte urbana a céu aberto da East Side Gallery berlinense, há muitos outros no Google Arts & Culture. **Sílvia Pereira**

Artes

## *"40 artistas, 40 formas de ajudar"*

Com as portas temporariamente fechadas na Embaixada do Príncipe Real, em Lisboa, a galeria Welcome to Art promove o trabalho dos artistas nacionais nos seus espaços digitais. Até 13 de Maio, sob o mote "Em quarentena, 40 artistas, 40 obras, 40 formas de ajudar", pode ser vista uma colecção de peças, de pintura e escultura, em que se inclui "o inigualável estilo da obra de João Cutileiro, os tons de azul icónicos de Paulo Ossião, o abstraccionismo e ficção lírica de Alfredo Luz ou a pintura emotiva de Diogo Navarro". A iniciativa permite descobrir a obra dos artistas, comprar e partilhar para chegar a mais pessoas, mas a "cereja no topo do bolo" está na vertente solidária associada à exposição: 10% do valor de cada obra vendida reverterá a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. De acordo com o curador José Manoel Pereira, "fazermos a nossa parte, nos dias de hoje, é ficarmos em casa (...). Mas é percebermos também como, mesmo através de casa, podemos ser úteis à sociedade nos seus vários sectores". O catálogo da exposição pode ser consultado em https://estaronline.wixsite.com/welcomartlisbon. **C.A.M.**

Entretenimento

## Videomapping *em papel higiénico*

O colectivo de artes visuais e multimédia Oskar & Gaspar põe a criatividade ao serviço de "um dos objectos do momento": o rolo de papel higiénico. Conhecidos pelas experiências digitais tridimensionais nas fachadas do Terreiro do Paço (Lisboa) e em Cannes (França), pela exposição imersiva dedicada à obra da pintora Maria Helena Vieira da Silva ou pelas técnicas com que pintaram o corpo da modelo Heidi Klum no *America's Got Talent*, entre muitas outras valências no currículo, Oskar & Gaspar vira-se agora para o papel higiénico. É ele o protagonista do vídeo *From O&G's Home to the World*, uma ode ao "Fica em Casa!", com ideias ilustradas do que podemos fazer na quarentena para ocupar o tempo – de criar cenários a jogar bowling, passando por organizar estantes, comunicar, ler, desenhar, fazer exercício, cozinhar, ouvir música ou ver um filme. O vídeo tem música original de Oscar Beatz e foi produzido como mandam as normas: à distância, em teletrabalho. Pode ser visto nas plataformas *online* do colectivo (canal Vimeo, Facebook, Instagram e *site*). **C.A.M.**

# JOGOS

## CRUZADAS 10.949

**HORIZONTAIS: 1.** País que inventou a "supergeringonça" com dois primeiros-ministros. Magnete natural. **2.** Que não é imaginário. Caminhava para lá. Oportunidade. **3.** Defensor acérrimo (fig.). **4.** Viagem. Sal derivado de ácido úrico. **5.** Epiderme, especialmente a do rosto. Prejudica. Eles. **6.** Prata (s.q.). (...) Amorim, realizador do filme "Leviano". **7.** Comilão (fam.). Tosquiar (animais lanígeros). **8.** Espécie de pequena sachola. Mulher celibatária (popular). **9.** Sigla de United Kingdom. (...) Esteves Cardoso, cronista do Público. **10.** Autocarro. Habitação de soldados. **11.** Rio algarvio de maior caudal, depois do Guadiana. Desloca-se no ar.

**VERTICAIS: 1.** Exasperar. Rebordo do chapéu. **2.** No caso de. Edgar (...), pintor francês, da geração impressionista, conhecido pelos seus quadros de bailarinas (1834-1917). Pátria de Abraão. **3.** Garoto. Interrupção temporária. **4.** Fileira. (...) Dorsey, co-fundador do Twitter. **5.** Cãozinho de luxo. Comissão Europeia. **6.** Borra, sedimento. Boca. **7.** Queimado. Imposto sobre Veículos. **8.** Irritais. Prefixo (Terra). **9.** Irmã (fam.). O m. q. natureza. **10.** Dióxido de (...), em quarentena, um dos principais poluentes das cidades quase desapareceu. Nada (palavra francesa). **11.** «Em» + «o». Sufixo (abundância). Em forma de asa.

**Solução do problema anterior:**
**HORIZONTAIS: 1.** Starmer. Sob. **2.** Estarrecido. **3.** Nu. Ri. **4.** Aar. ERSE. **5.** Iam. Amplo. **6.** NIF. Iodar. **7.** QI. Aa. Taba. **8.** Suspenso. RN. **9.** OIT. Lai. Lat. **10.** Azia. Cabeço. **11.** Arvoredo.
**VERTICAIS: 1.** Sentir. Soar. **2.** TSU. QUIZ. **3.** AT. Amnistia. **4.** Rapa. Ar. **5.** Mr. Rafael. **6.** Era. Anaco. **7.** Re. Epi. Siar. **8.** Carloto. Be. **9.** Si. Soda. Led. **10.** Odre. Abraço. **11.** Boi. Pranto.

## BRIDGE

**Dador:** Este
**Vul:** Todos

**NORTE**
♠AK52
♥6
♦A876
♣AK109

**OESTE**
♠Q986
♥42
♦Q1092
♣J53

**ESTE**
♠73
♥AKJ10875
♦J43
♣8

**SUL**
♠J104
♥Q93
♦K5
♣Q7642

| Oeste | Norte | Este | Sul |
|---|---|---|---|
| | | 3♥ | passo |
| passo | X | passo | 3♠ |
| passo | 4♠ | Todos passam | |

**Leilão:** Qualquer forma de *bridge*.
**Carteio: Saída:** 4♥. Depois de fazer o Rei de copas, o adversário em Este joga o 8 de paus. Qual o seu plano de jogo?
Solução: A primeira ilação a tirar diz respeito ao 8 de paus; vem com o carimbo de *singleton*. De seguida constatamos que jogar em duplo corte só nos poderá dar nove vazas, uma vez que com um *singleton* a paus em Este não faremos mais do que uma vaza a paus.

O melhor plano tem de passar pelo aproveitamento do naipe de paus. Para tal, é necessário destrunfar e ao mesmo tempo evitar ceder a mão a Oeste antes de eliminar os trunfos de Este. Não é uma necessidade encontrar o naipe de trunfo dividido 3-3 — é possível garantir o jogo com uma distribuição 4-2. Tomamos a segunda vaza do jogo com uma das figuras de paus no morto e continuamos com um ouro para o Rei da mão para apresentar o Valete de espadas. Vejamos o que poderá suceder:

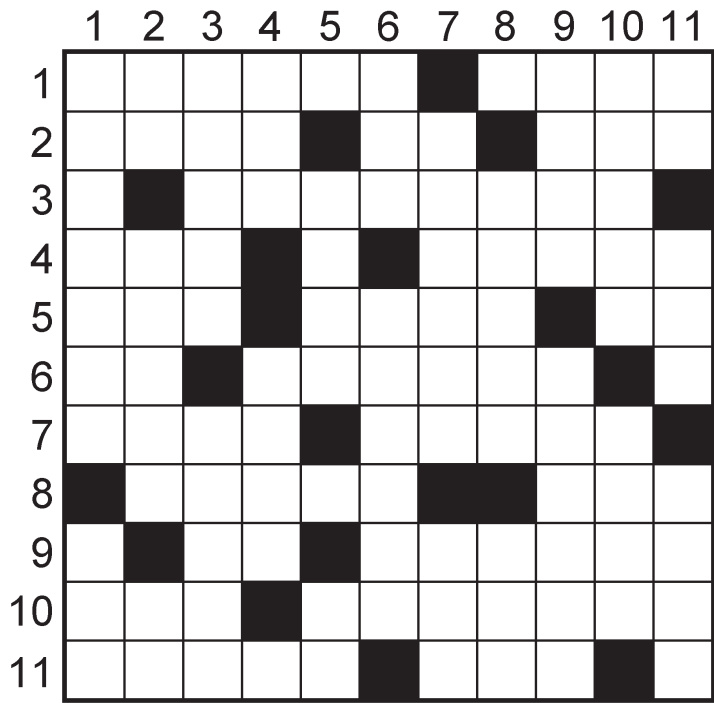
— Perdemos para a Dama de Este. O melhor que Este poderá fazer é jogar o Ás de copas (se jogar trunfo ou ouros, podemos acabar de destrunfar e alinhar as restantes vazas de paus e o Ás de ouros), que não podemos cortar — baldamos um ouro do morto e esperamos pela próxima copa, pois só nessa altura recortamos; se Oeste cortar a nossa Dama, o final é o mesmo;

— Oeste tem a Dama de espadas. Neste caso devemos jogar os trunfos até ao fim, cedendo a quarta volta de trunfo a Oeste; nessa volta de trunfo temos de efectuar uma balda da nossa mão. O que baldamos? Não podemos baldar uma copa para não deixar que a defesa encaixe as copas todas, e também não podemos baldar um pau por ficarmos reduzidos a nove vazas; temos de baldar o 5 de ouros! Seja qual for a volta de Oeste, teremos a certeza de que a defesa só poderá fazer três vazas e que teremos dez vazas sob a forma de três espadas, dois ouros e cinco paus. De notar que se não jogarmos a quarta volta de trunfo e simplesmente jogarmos paus, Oeste cortará a quarta volta de paus para jogar um ouro. Nesta altura já não teremos meios para alcançar o último pau do morto e assim ficaremos reduzidos a nove vazas, um cabide...

**Considere o seguinte leilão:**

| Oeste | Norte | Este | Sul |
|---|---|---|---|
| | | 1♣ | ? |

**Interviria, ou não, com a mão seguinte?**
♠K10743 ♥KJ102 ♦J105 ♣5
**Resposta:** Passe. Quando a sua mão está no mínimo admitido para se poder intervir, certifique-se que o seu naipe é francamente bom. Se fizer uma intervenção numa espada e se, perfeitamente expectável nestas circunstâncias, os adversários ganharem o leilão, ficará muito triste se a saída "quase obrigatória" a espadas por parte do parceiro não for a melhor...

**João Fanha** (bridgepublico@gmail.com e fanhabridge.com)

## SUDOKU

**Problema 9672**
Dificuldade: Fácil

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 7 | | 1 | | | | 9 |
| | | 9 | 3 | 5 | | | 8 | 4 |
| | | | 8 | 6 | | 2 | | |
| | | | 6 | 3 | | | 2 | |
| 5 | | | 1 | | 4 | | | 6 |
| | 4 | | | 7 | 5 | | | |
| | | 2 | | 8 | 3 | | | |
| 9 | 8 | | | 4 | 1 | 6 | | |
| 4 | | | | 2 | | 8 | | |

**Solução do problema 9670**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 9 | 6 | 7 | 4 | 8 | 1 | 2 | 3 | 5 |
| 5 | 1 | 2 | 7 | 3 | 9 | 6 | 4 | 8 |
| 8 | 3 | 4 | 5 | 6 | 2 | 1 | 9 | 7 |
| 2 | 8 | 3 | 6 | 4 | 7 | 9 | 5 | 1 |
| 4 | 7 | 9 | 2 | 1 | 5 | 8 | 6 | 3 |
| 1 | 5 | 6 | 3 | 9 | 8 | 7 | 2 | 4 |
| 6 | 9 | 5 | 8 | 7 | 4 | 3 | 1 | 2 |
| 3 | 2 | 8 | 1 | 5 | 6 | 4 | 7 | 9 |
| 7 | 4 | 1 | 9 | 2 | 3 | 5 | 8 | 6 |

**Problema 9673**
Dificuldade: Difícil

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 4 | 3 | | | | | |
| | 8 | | | 7 | 9 | | | 1 |
| 2 | | | | | | | 7 | |
| | | 1 | 8 | | 5 | | | 7 |
| | | | | | | | | |
| 3 | | | 6 | | 1 | 2 | | |
| | 4 | | | | | | | 9 |
| 8 | | | 2 | 1 | | | 3 | |
| | | | | | 6 | 4 | | |

**Solução do problema 9671**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | 6 | 8 | 2 | 7 | 4 | 9 | 1 | 5 |
| 4 | 7 | 1 | 5 | 3 | 9 | 8 | 2 | 6 |
| 2 | 5 | 9 | 8 | 6 | 1 | 4 | 3 | 7 |
| 9 | 4 | 3 | 6 | 8 | 2 | 5 | 7 | 1 |
| 5 | 2 | 6 | 9 | 1 | 7 | 3 | 8 | 4 |
| 1 | 8 | 7 | 4 | 5 | 3 | 2 | 6 | 9 |
| 8 | 3 | 5 | 7 | 9 | 6 | 1 | 4 | 2 |
| 6 | 1 | 4 | 3 | 2 | 5 | 7 | 9 | 8 |
| 7 | 9 | 2 | 1 | 4 | 8 | 6 | 5 | 3 |

© Alastair Chisholm 2008 and www.indigopuzzles.com

## TEMPO PARA HOJE

Viana do Castelo 12º 18º
Braga 11º 18º
Bragança 7º 13º
Vila Real 8º 17º
Porto 13º 18º
14º
1,5-2,5m
Viseu 8º 15º
Guarda 7º 11º
Aveiro 14º 19º
Penha Dourada 4º 10º
Coimbra 13º 18º
Castelo Branco 9º 18º
Leiria 11º 20º
Santarém 12º 21º
Portalegre 10º 16º
Lisboa 13º 19º
Setúbal 11º 19º
Évora 10º 19º
AMANHÃ
15º
2-3m
Sines 14º 19º
Beja 11º 19º
Sagres 13º 21º
Faro 15º 21º
17º
1,5-2,5m

### Açores

Corvo
Flores 11º 17º
18º
Graciosa
S. Jorge
Terceira 11º 17º
18º
2-3,5m
Pico
Faial 11º 18º
1,5-3,5m
S. Miguel 12º 17º
17º
Ponta Delgada
1,5-3m
Sta Maria

### Madeira

Porto Santo 16º 21º
19º
2-2,5m
19º
Funchal 17º 21º
0,5-1m

**Sol**
Nascente 6h58
Poente 20h15

**Lua** Nova
23 Abr. 03h26

### Marés

| | Leixões | Cascais | Faro |
|---|---|---|---|
| Preia-mar | 11h44 ▲ 2,5<br>00h00* ▲ 2,7 | 11h19 ▲ 2,6<br>23h37 ▲ 2,8 | 11h12 ▲ 2,5<br>23h35 ▲ 2,7 |
| Baixa-mar | 17h45 ▼ 1,5<br>06h32* ▼ 1,3 | 17h22 ▼ 1,6<br>06h12* ▼ 1,4 | 17h16 ▼ 1,5<br>06h02* ▼ 1,3 |

Fonte: www.AccuWeather.com *de amanhã

# Volta a França em Setembro com Giro e Vuelta na roda

Dois dias depois de Emmanuel Macron ter proibido provas desportivas de larga escala até 15 de Julho, a organização do Tour foi, finalmente, forçada a mudar, arrastando todo o calendário internacional

**Ciclismo**
**Augusto Bernardino**

Apresentada ao mundo há exactamente meio ano, a 107.ª edição da Volta a França em bicicleta não escapou ao terramoto provocado pela pandemia de covid-19, vendo adiado o seu início para 29 de Agosto de 2020, mais de dois meses depois do previsto (27 de Junho) no calendário mundial da modalidade. A UCI (União Ciclista Internacional) reforçou, ontem, as medidas de suspensão do calendário, sem competição até 1 de Julho, enquanto as provas do WorldTour param até 1 de Agosto.

O director da prova francesa, Christian Prudhomme, em sintonia com a UCI, saltou na roda do chefe de Estado francês, Emmanuel Macron, puxando o pelotão internacional para terrenos menos íngremes, face ao impasse determinado pela hierarquização das principais corridas internacionais, ancoradas na mais icónica.

Depois de ter tentado protelar ao máximo a decisão, na esperança de poder manter o figurino, o Tour teve de conformar-se quando o Presidente da República decretou o prolongamento do confinamento até 11 de Maio e proibiu, até 15 de Julho, quaisquer eventos desportivos a larga escala. Face à nova data (29 de Agosto a 20 de Se tembro) do Tour – ainda que sem impacto aparente no desenho do mapa da competição, que sairá de Nice – apenas os Mundiais de Estrada em Aigle-Martigny, na Suíça (entre 20 e 27 de Setembro), não sofrerão (à partida) alteração. Todas as restantes provas estarão sujeitas a ajustes, com a Volta a Itália na expectativa de que a UCI encontre, até 15 de Maio, numa agenda saturada, as novas datas de saída para a estrada, deixando à Vuelta a incumbência de fechar o calendário das três principais provas já em pleno Outono. Isto, sem prejuízo da realização das cinco clássicas mais prestigiadas do calendário da UCI.

“Iniciámos a 18 de Março, um dia após a imposição do estado de emergência em França, as conversações com os políticos locais sobre o adiamento. Algumas equipas disseram que sem o Tour seriam forçadas a fechar”, declarou Prudhomme à Reuters, numa altura em que os patrocinadores das principais formações sofrem severas consequências pelo adiamento das provas.

O primeiro a reagir foi o director da Volta a Espanha, Javier Guillén, aliviado por já poder “delinear as datas até ao final do ano”, aceitando “mover-se” no calendário, uma vez que “não faz sentido manter a Vuelta e o Tour nas mesmas datas”. Guillén confirmou, aliás, que a Vuelta será, inevitavelmente, realizada durante o Outono, assumindo que decorrem já conversações entre os principais intervenientes.

Atento à nova ordem do ciclismo internacional, o presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo, Delmino Pereira, considera que “o mais importante é assegurar a realização da Volta a Portugal”, que assume como “fundamental para a sobrevivência” da modalidade e das estruturas profissionais.

Mesmo sem ignorar a evolução da pandemia, bem como o peso do Tour, e o consequente ajustamento internacional, Delmino Pereira não encontra “nenhuma razão” para alterar o programado em termos de Volta a Portugal, calendarizada para o período de 29 de Julho a 11 de Agosto. O mesmo não se aplica aos campeonatos nacionais de estrada, que decorrerão nos dias 22 e 23 de Agosto em todo o mundo – em Portugal, os nacionais estavam previstos para o fim-de-semana de 19 a 21 de Junho, em Paredes.

Em declarações à Lusa, o campeão nacional de fundo, José Mendes (W52-FC Porto), mostrou-se satisfeito: “Foi a decisão acertada para não retomarmos o calendário logo com o Nacional. Seria uma prova ainda mais imprevisível. Assim, se mantivermos as datas da Volta a Portugal, todos estarão num bom momento de forma e a camisola de campeão será mais disputada”, concluiu, com os ciclistas a precisarem de um mês de treino antes de poderem retomar a competição.

augusto.bernardino@publico.pt

GUILLAUME HORCAJUEL/EPA

Algumas equipas apontaram a participação no Tour como vital para a sua sobrevivência

# “Primeira coisa que vou fazer? Sem dúvida, vou ter com a minha família”

Entrevista
Marco Vaza

**Luís Frade *Pivot* do Sporting e um promissor talento a nível mundial, fala da vida de um andebolista em tempo de pandemia**

Não foi há muito tempo, mas, neste período de pandemia, já parece uma eternidade. Foi no início de 2020 que a selecção portuguesa de andebol conseguiu o seu melhor resultado de sempre, um sexto lugar no Europeu que lhe valeu uma inédita entrada no torneio pré-olímpico com os Jogos de Tóquio no horizonte. Luís Frade, *pivot* de 21 anos do Sporting e um dos mais promissores a nível mundial nessa posição, é um entre centenas de milhões que está em casa à espera de que a tempestade da covid-19 passe, longe das raízes que tem a norte. Ir ter com a família será, “sem dúvida”, a primeira coisa que irá fazer, revela em conversa com o PÚBLICO.

**Como tem sido o seu dia-a-dia nestas últimas semanas?**
Como o de qualquer outra pessoa. Fico em casa, tenho o complemento de exercício físico, vejo o desporto que mais gosto (andebol), jogo Playstation com outros amigos que estão na mesma situação, vejo Netflix…

**Ficou em Lisboa?**
Sim, fiquei em Lisboa. Estou aqui com a minha namorada. Tenho família lá em cima, mas não nos vamos prejudicar uns aos outros. Gostava muito de estar com eles, mas este é um momento difícil e temos todos de nos precaver. É mais um tempo que vou estar sem eles, mas vemo-nos por videochamada.

**Como é que um atleta lida com esta situação?**
Temos de estar prontos para lidar com tudo. Tentamos manter as rotinas de treino, alimentação e de sono. É um bocado frustrante porque não temos a nossa actividade física, mas estamos num estado de emergência e temos de cumprir. Temos as normas impostas para zelarmos pela nossa saúde.

**Presumo que tenha um plano para se ir mantendo em forma. Pode falar um pouco disso?**
Tenho um plano, de certeza que todos os atletas profissionais têm um para cumprir em casa. São planos partilhados pela equipa, com o objectivo de nos mantermos em forma neste tempo. Estarmos em casa não significa estarmos parados. Os treinos são principalmente de força, mas também de prevenção de lesões, de cardio, para quando a competição voltar estarmos ao mais alto nível.

ANDREAS HILLERGREN/REUTERS

**Quase todos os clubes portugueses vivem com muitas limitações financeiras. Que efeitos pode ter esta paragem no andebol português?**
Estes tempos não são fáceis e a situação não é boa para ninguém, só nos resta, a nós praticantes e amantes de andebol, tentar minimizar os problemas que isto tudo possa causar, para que tudo volte ao normal.

**Este ano ficou marcado na história do andebol português, com a melhor campanha num Europeu. Com que sensação ficaram, de que foram o mais longe que podiam, ou de que ainda podiam ter feito mais?**
Foi um ano histórico, sim senhor. Conseguimos a melhor classificação de sempre num Europeu, um sexto lugar. Se nos dissessem, antes de o Europeu começar, que iríamos ficar em sexto lugar, assinaríamos por baixo, porque, se calhar, era uma marca que todos queríamos e que pensávamos que seria impossível de conseguir. Depois de lá estarmos, sentimos sempre que podíamos fazer algo mais. Mas, no geral, acho que ninguém estaria à espera do nosso sexto lugar.

**Quando chegámos a Estocolmo, a nossa camioneta tinha Hungria riscado e Portugal escrito à mão**

**Esta foi uma campanha em que abateram selecções de grande currículo, como a França e a Suécia. Qual destas vitórias é que soube melhor?**
Todas as vitórias sabem bem, principalmente contra selecções de renome europeu e mundial. Dentro de campo somos sete para sete e tudo pode acontecer.

**Algum episódio ou história engraçada que possa partilhar desta campanha no Euro 2020?**
Existiram várias, mas a que me vem à memória e que me faz rir foi quando ganhámos à Hungria e tivemos a passagem para a disputa do quinto e sexto lugar. Quando chegámos a Estocolmo, a nossa camioneta, em vez de ter o nosso nome escrito na folha impressa, tinha Hungria riscado e Portugal escrito à mão por baixo. Foi um episódio muito engraçado e que nos deu bastante gozo ver.

**Esta campanha deu também um acesso inédito ao torneio de qualificação olímpica, que deveria ser disputado em Abril. Vocês continuam com vontade de fazer história?**
Um dos principais objectivos que nós tínhamos no Campeonato da Europa era o acesso ao torneio pré-olímpico, que conseguimos. Seja em Abril ou em Junho, os jogos têm de ser disputados e têm de ser vencidos. Esperamos estar nos Jogos Olímpicos.

**O campeonato ficou suspenso quando ia começar a fase final. Qual seria a melhor solução? Cancelar a competição? Jogar-se o que falta? E à porta fechada?**
Sinceramente não sei qual seria a melhor solução. Os atletas têm de estar prontos para tudo, para o bom e para o mau, e para todas essas soluções. Em primeiro lugar, a saúde pública e a saúde de cada um. Vamos resolver primeiro isto e, depois, pensa-se no campeonato.

**O Luís é considerado um dos mais promissores *pivots* a nível mundial e o seu treinador no Sporting já o comparou a Ludovic Fabregas. Como é que lida com estas expectativas?**
Sinceramente, não penso dessa forma. Penso que sou um jogador como os outros, que trabalha diariamente para evoluir tanto individual como colectivamente. Essas expectativas são boas de ouvir mas, nas minhas intenções, são praticamente nulas. Quanto à comparação, o Thierry gosta sempre de estar a brincar connosco e penso que foi num tom de brincadeira que disse isso.

**Há várias notícias recentes que o dão praticamente como reforço do Barcelona em 2021. O que pode dizer sobre isto?**
Sou uma pessoa que pensa num futuro muito próximo. As coisas que acontecerem agora vão influenciar o meu futuro mais distante. Agora, sou atleta do Sporting e dou 100%, como dou em tudo. Agora só penso no Sporting e o que vier, há-de vir.

**Qual é a primeira coisa que vai fazer quando tudo isto acabar?**
Agora que estamos fechados em casa, damos mais valor a coisas que, sem esta pandemia, nos passavam ao lado. Sem dúvida, vou ter com a minha família.

mvaza@publico.pt

# Sporting falha pagamento de Rúben Amorim

Futebol

**Primeira prestação do negócio com o Sp. Braga não foi cumprido e o valor total pode aproximar-se agora dos 14 milhões**

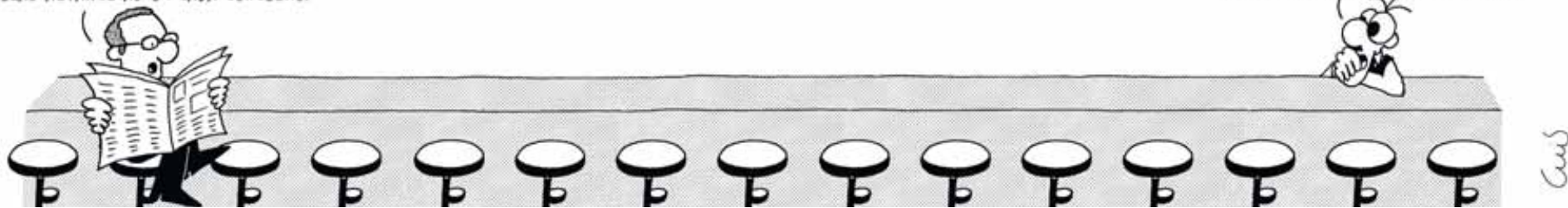
O Sporting falhou o pagamento da primeira prestação da transferência de Rúben Amorim do Sp. Braga para Alvalade. Em causa estão cinco milhões de euros, que deviam ter sido liquidados até 6 de Março, o dia seguinte à apresentação do treinador como sucessor de Jorge Silas. Ao incumprir no pagamento da primeira parcela, o clube leonino fica sujeito a uma penalização já contratualizada e o valor total da transferência do técnico pode chegar aos 13,8 milhões de euros.

A primeira prestação do negócio entre o Sporting e o Sp. Braga devia ter sido liquidada um dia depois da apresentação de Rúben Amorim, mas o clube sportinguista acabou por falhar o prazo acordado. Contactada pelo PÚBLICO, fonte do clube leonino referiu tratar-se de “uma opção de gestão”, justificada pela “grave crise económica” provocada pela pandemia da covid-19. Os “leões”, no entanto, consideram que está apenas em causa um adiamento do pagamento.

Porém, com o incumprimento do prazo acordado, a SAD presidida por Frederico Varandas fica sujeita ao pagamento de um valor adicional, uma vez que ficou estipulado no contrato que a falha de pagamento de uma prestação implicava o vencimento imediato das demais.

Assim, o Sporting fica sujeito a uma penalização de 10% sobre todas as quantias em dívida, pelo que o valor total da transferência de Rúben Amorim pode atingir os 13,8 milhões de euros. O técnico, de 35 anos, trocou Braga por Lisboa a 5 de Março, assinando um contrato até 2023.

De resto, nesta fase conturbada, o Sporting avançou ontem com um processo de *layoff* a 86% dos funcionários do clube, para garantir a sustentabilidade e evitar despedimentos. Este processo vai durar, pelo menos, 30 dias, durante os quais 60% dos funcionários estão suspensos e outros 26% sofrem redução salarial e do tempo de trabalho.

## BARTOON LUÍS AFONSO

**O RESPEITINHO NÃO É BONITO**

# O patriotismo do senhor doutor Rui Rio

**João Miguel Tavares**

Rui Rio escreveu uma carta aos militantes do PSD, que foi divulgada pela Rádio Renascença. Nela, o líder social-democrata declara que no contexto da actual pandemia todos temos de estar "unidos e solidários", e para isso é necessário resistir "à tentação de agravar os ataques aos governos em funções" e abdicar de nos aproveitarmos das "fragilidades políticas que a gestão de uma tão complexa realidade sempre acarreta". Alinhar em malvadas críticas não seria, no seu entender, "uma postura eticamente correta", e muito menos "uma posição patriótica". O que o povo quer ("e bem!", diz Rui Rio) é "eliminar o vírus o mais depressa possível" sem qualquer espécie de "instabilidade política".

O ideal, caro leitor, seria ler de novo o primeiro parágrafo, mas ao som do Hino Nacional. Experimente. Sentiu-se bem? Está pronto para se fechar em casa rapidamente e em força? Ficou com muita vontade de tatuar no braço esquerdo "Portugal 16-3-2020"? Pois é: vejam o que dá a parvoíce de classificar o combate à pandemia do coronavírus como "uma guerra". Rui Rio convenceu-se de que somos a Holanda em 1940. Certo dia acordámos com uma *Blitzkrieg* viral e tivemos todos de dar as mãos (enfim, dar as mãos talvez não seja boa ideia) em sinal de solidariedade patriótica e sufocar quaisquer opiniões divergentes sobre o que nos está a acontecer. Tudo aquilo que não for unanimidade aproxima-se perigosamente da traição à pátria. E a esta monomania Rui Rio dá o nome de "sentido de Estado e de responsabilidade". Já eu, que sou muito pouco dado a patriotismos bacocos, prefiro chamar-lhe falta de cultura liberal e deficiente entendimento do papel do debate democrático num país livre.

Convém notar que ao longo de toda a sua carta Rui Rio classifica a ideia de discordar do Governo como um sinónimo de instabilidade política e de falta de patriotismo. Ele utiliza mesmo a expressão "ataques" ao Governo – como se qualquer crítica, por mais fundamentada que fosse, estivesse condenada a ser um "ataque". Estranho conceito de política. Nas primeiras duas semanas de confinamento, quando ainda estávamos a assimilar o que acabava de acontecer, percebo que Rio e o PSD se mantivessem solidários e caladinhos. Mas agora? Em meados de Abril? Quando estamos há um mês fechados em casa, a primeira vaga da epidemia está controlada e a prioridade tem de ser a salvação da economia – mesmo assim, o PSD continua a não ter nada de diferente para dizer e nada diferente a propor? É caso para perguntar: para que é que serve, então?

NUNO FERREIRA SANTOS

> **A carta autocongratulatória de Rui Rio, na qual passa a si próprio um atestado de comportamento exemplar, ultrapassa os limites do ridículo**

Já sei, serve para chumbar em bloco todas as propostas para enfrentar a crise apresentadas pela oposição. Aconteceu na semana passada. Objectivo: evitar – e cito – o "folclore parlamentar". Sendo que o PSD, após chumbar o "folclore", foi apresentar propostas iguais às que chumbou sobre os apoios aos sócios gerentes. Pelos vistos, a "atitude de cooperação" de que Rui Rio tanto se orgulha é um exclusivo de António Costa. Eu já estou farto de escrever sobre a maldita unanimidade que esta crise insiste em cultivar, como se o confronto de ideias fosse inútil num momento em que estamos rodeados de incertezas e de possibilidades quanto aos caminhos a seguir. Mas, de facto, a carta autocongratulatória de Rui Rio, na qual passa a si próprio um atestado de comportamento exemplar, ultrapassa os limites do ridículo. Rio não é desprovido de qualidades, mas há sempre nele um cheirinho a alto quadro da União Nacional que nenhum álcool consegue remover.

**Jornalista**
jmtavares@outlook.com

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

**Totoloto**  5  7  23  42  49  6 **1.º Prémio** 1.800.000€

**Contribuinte n.º 502265094** | **Depósito legal n.º 45458/91** | **Registo ERC n.º 114410** | (E14A97B4-0DF9-4766-8624-79D9D71E3BC7): Ângelo Paupério **Vogais:** Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral **E-mail** publico@publico.pt **Estatuto Editorial** publico.pt/nos/estatuto-editorial **Lisboa** Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa; Telef.:210111000 (PPCA); Fax: Dir. Empresa 210111015; Dir. Editorial 210111006; Redacção 210111008; Publicidade 210111013/210111014 **Porto** Rua Júlio Dinis, n.º270, Bloco A, 3.º, 4050-318 Porto; Telef: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção 226151099 / 226102213; Publicidade, Distribuição 226151011 **Madeira** Telef.: 963388260 e/ou 291639102 **Proprietário** PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia. Capital Social €4.050.000,00. Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. **Impressão** Unipress, Travessa de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Telef.: 227537030; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa senhora da Conceição, nº. 50- Morelena – 2715-029 Pêro Pinheiro Telf.: 219677450 **Distribuição** VASP – Distribuidora de Publicações, SA, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Agualva Cacém, Telef.: 214 337 000 Fax : 214 337 009 e-mail: geral@vasp.pt **Assinaturas** 808200095 Tiragem média total de Março **26.671 exemplares Membro da APCT**